

Semana

REVISTA DA

Nº 8 — 22 fev. 58 — Cr\$ 10,00



Rock Hudson



NÚMERO ESPECIAL DE CARNAVAL

* UM AMERICANO NA CÔRTE DO REI MOMO
VAI (COM UMA BANANA DE UISQUE)
DAS ESCOLAS DE SAMBA AO MUNICIPAL





Antigamente era difícil



Agora à sua disposição
o CIRCULADOR DE AR EPEL
satisfaz plenamente.

Quem adquire os produtos EPEL, está adquirindo
a certeza de ser bem servido por muito tempo.

**EPEL S/A. — Indústria e Comércio
de Aparelhos Elétricos**

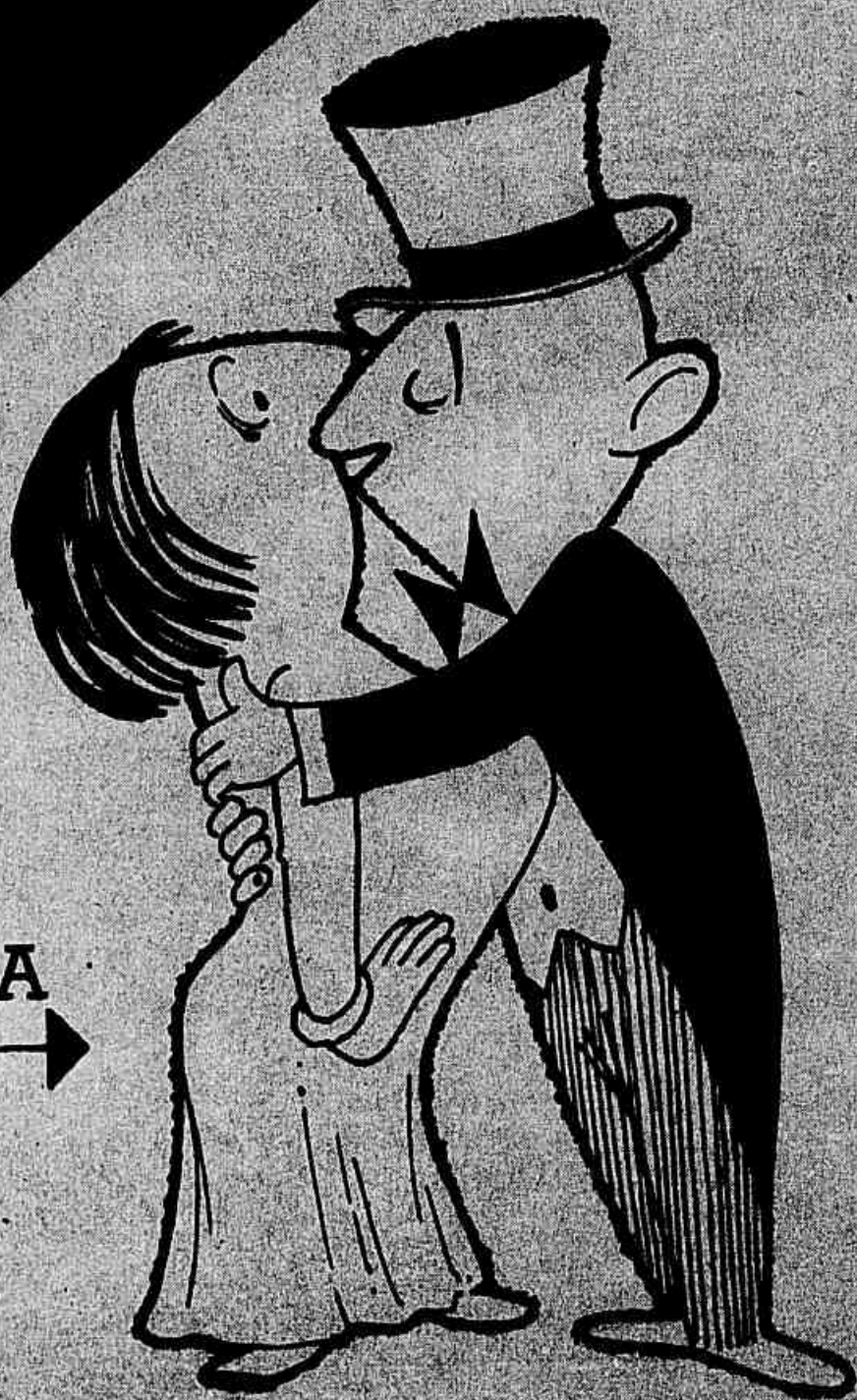
S. PAULO — Rua da Consolação, 59 — fones
35-8531 • 33-1724 — Em frente a Biblioteca
Municipal

RIO DE JANEIRO — Rua México, 41 — 2º andar
sala 207 — Fone 52-5416



MÁ ILUMINAÇÃO... ...DÁ COMPLICAÇÃO!

SOGRA



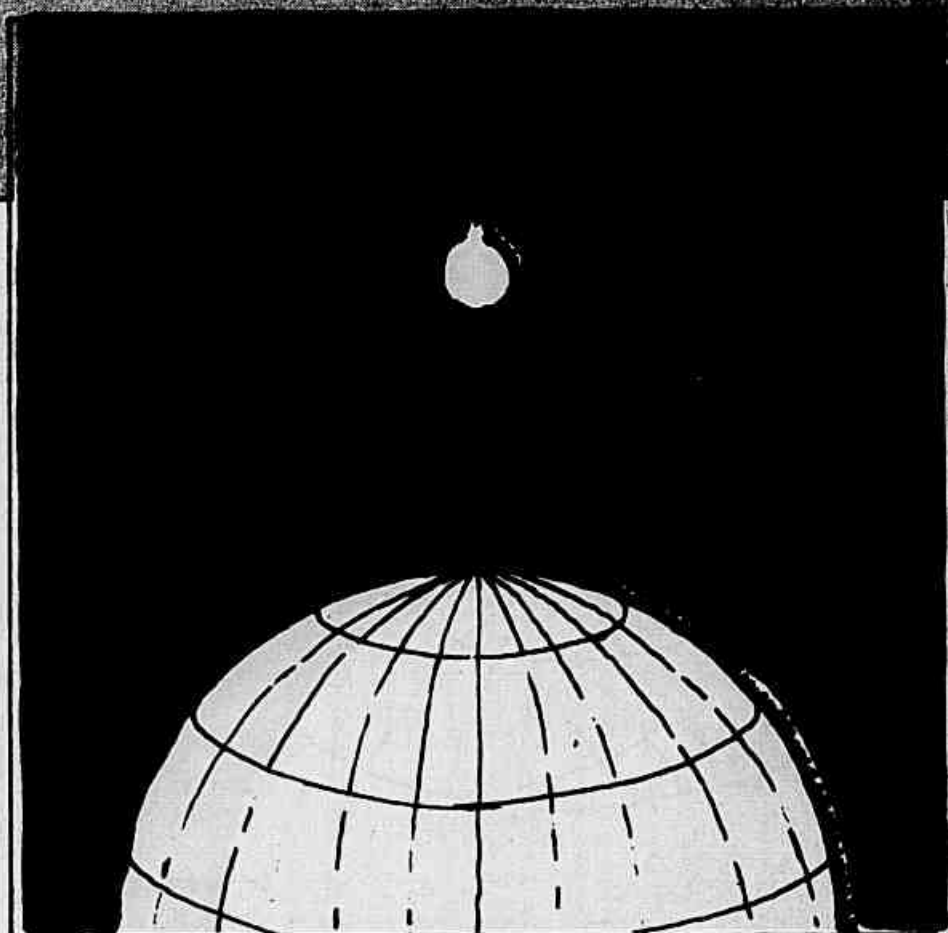
MELOZIO

VEJA BEM... O QUE FAZ!

Pelo preço de uma
lâmpada comum, você
adquire mais e melhor
iluminação usando

L Â M P A D A S

PHILIPETO



ILUMINAM
MEIO
MUNDO!

ANUNCIOS QUE NÃO EXISTEM - IV

Diretor — **ALUIZIO ALVES**

Redator Chefe — **LUIZ LOBO**

Assistentes — **ORLANDO CARAMURO**

QUINTINO CARVALHO

Paginador — **VICTOR TAPAJÓS**

Redatores — **MURILO MELO FILHO**

ADIRSON BARROS

JAYME NEGREIROS

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira, Arnaldo Vieira, V. M. Vasconcelos, Hélio Polito, Antônio Melo. **ILUSTRADORES** — Alberto Lima, Marius, Jaguar, Ambrozio, Rafael, Raf, Babinski. **ARQUIVISTA** — J. Romeu Viana. **EDITORES: Internacional** — Stefan Baciú. **Política** — Murilo Melo Filho. **Feminino** — Nazareth. **Esporte** — Arthur Paraíba. **Cinema** — Ely Azeredo. **Rádio & TV** — Ricardo Ramos. **Literatura** — José Roberto Teixeira Leite. **Artes Plásticas** — Maria Inês Duque Estrada. **Ciência** — Friedrich Hoe. **Psicologia** — Fernanda Barcelos. **Humor** — Luís de Azevedo. **Médico** — Sílvio Lima. **No Espaço** — Cônego O'Grady. **Teatro** — J. Fomm. **Sociedade** — Lady Maxwell. **Economia Doméstica** — Bernardino de Araújo. — **REVISTA DA SEMANA** — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio — Enderêço Telegráfico: **REVISTA**. Telefones: Direção — 22-447. Redação — 22-9570. Publicidade — 22-2550. Portaria — 22-5602. Assinatura anual) — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura para o Exterior — Cr\$ 900,00. — Número avulso, Cr\$ 10,00 — Via aérea, com acréscimo do porte.

Assistente de Direção — **FREDERICO CARVALHO**

Assistente de Publicidade — **J.M. COSTA JÚNIOR**

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Diretor-Presidente — **GRATULIANO BRITO**

Diretor-Comercial — **JOFRE AMADO**

CONTATO

SABADO

FANTASIOU-SE. Entrou no cordão cantando:

"Ó jardineira

Por que estás tão triste?"

e o mestre-sala mandou que ele fôsse andando. Fôsse brincar num asilo.

Insistiu. Foi se requebrar junto da porta-estandarte. O homem passou-lhe uma rasteira e gritou: "Sai pra lá, palhaço".

Levantou-se sacudindo a poeira da fantasia e explicou ao turista americano, que estava filmando no palanque: "Palhaço não; Pierrot".

DOMINGO

O poeta vinha no bonde. Uma índia pele vermelha preta, uma havaiana loura e uma japonesa autêntica brincavam com ele em cima do banco. O poeta, seguro na cordinha, batia tem-tem, tem-tem, tem.

SEGUNDA

A Escola vinha subindo a Avenida. Bandeira preta e vermelha com fios de ouro. Todo mundo cantando

Boa-noite Praça Onze

quem lhe cumprimenta é o Salgueiro

Com toda satisfação

eu venho lhe dar um abraço

e um aperto de mão".

Eufrosina (uma das três graças da Escola) vinha de porta-bandeira, mas parecia rainha de cinema.

Quase entrando no palanque, quando a Harmonia cantava:

"Nóis semos

as borboletas

das asas brancas

com listra azul"...

o lotação passou no meio da Escola, deixando uma porção de vozes em decúbito dorsal. O vestido da rainha todo sujo de sangue.

Chicão passou os olhos pelas seis alas da Escola, fazendo uma força doida pra não chorar.

Eufrosina levantou, bandeira na mão, arrumou as sete saias bem engomadas e começou a sambar. Chicão gritou pra Bateria. Quem estava muito ruim foi encostado no meio-fio.

Desfilaram cantando:

"Avoemos

em volta das lâmpada

queimemo as asa

não pudemos avoar — ó flô"

e ainda pegaram um quarto lugar.

TERÇA-FEIRA

JOÃO chegou em casa satisfeito. Tinha conseguido escapulir da mulher na Avenida. Não ia perder o baile dos Decididos. Margarida já estava deitada há muito tempo. Foi tirando a roupa, sem fazer barulho. Sentou no chão para tirar os sapatos. Tinha um confete na meia — riu baixinho.

E ela, muito mansa: "Onde você foi que só chegou agora?"

Sentado no chão do quarto, João ficou vermelho: "A sua procura pela cidade".

Margarida riu pra dentro, mas ele ouviu. Levantou aborrecido, acendeu a luz e começou a gritar: "você não confia em mim, os homens não são todos iguais, eu preocupado por não te achar e você a pensar que eu estava... bolas".

E foi dormir aborrecido — a cabeça rodando. Ficou caladão uns dias, até Margarida pedir desculpas.

CINZAS

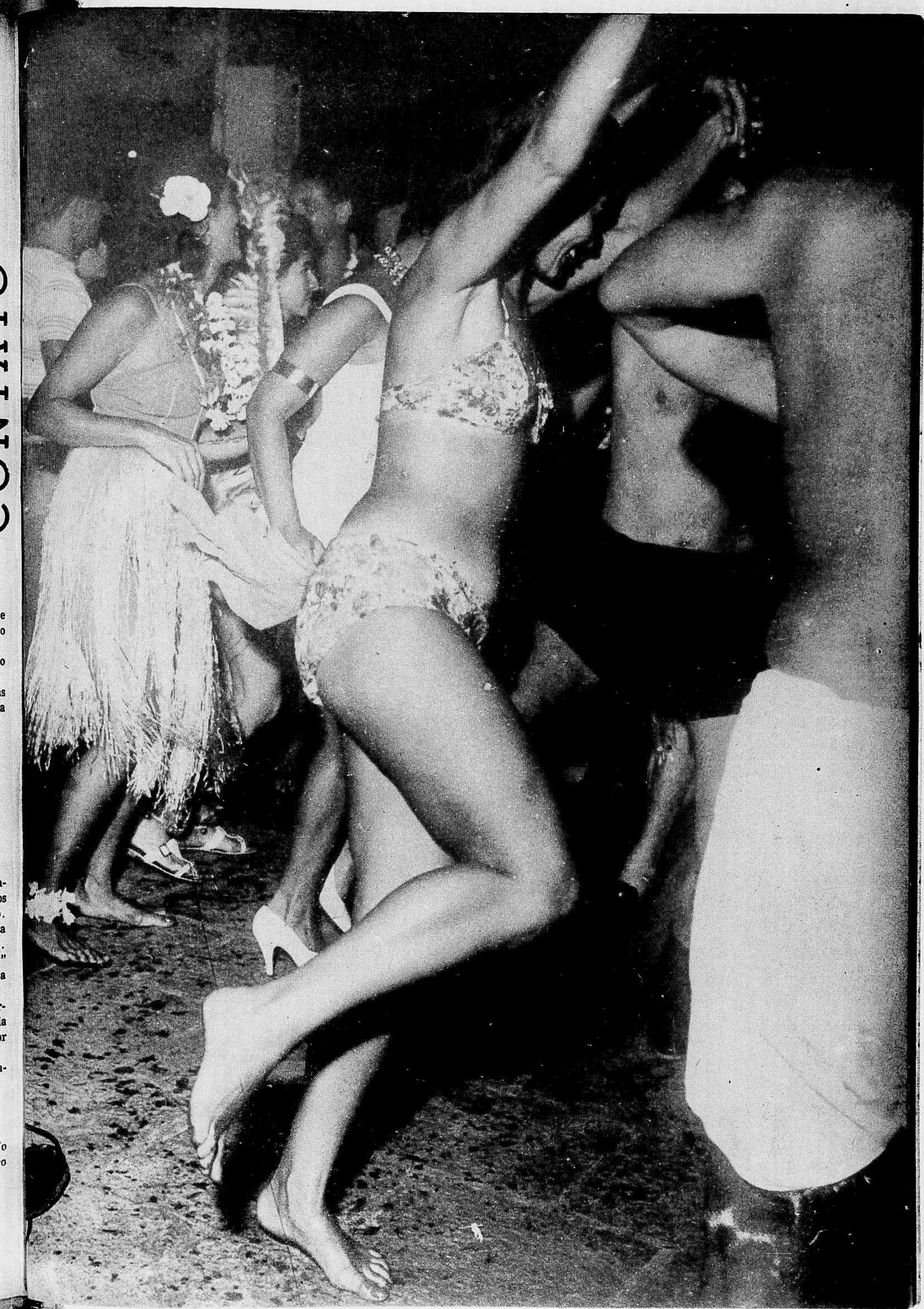
ROSINHA levantou cansada, a boca amarga, enjoada. No ano que vem não vou brincar assim não — disse pro espelho.

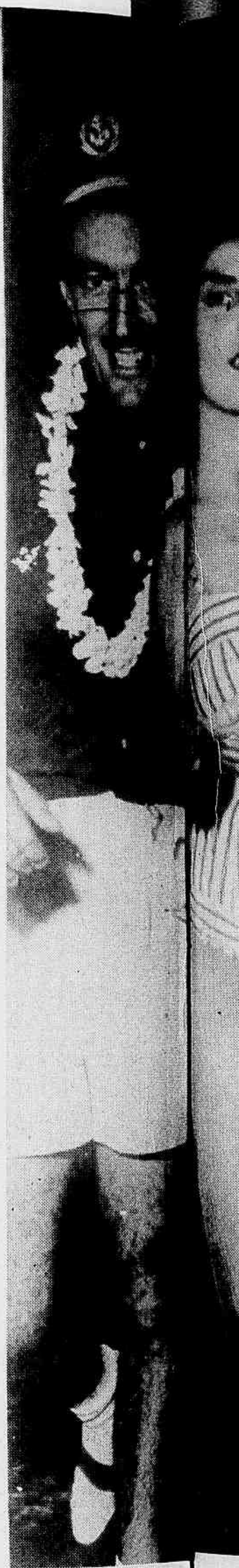
C
T
T
N
O
C

e
o
o
s
a

-
os
.
a
.
a
a
r

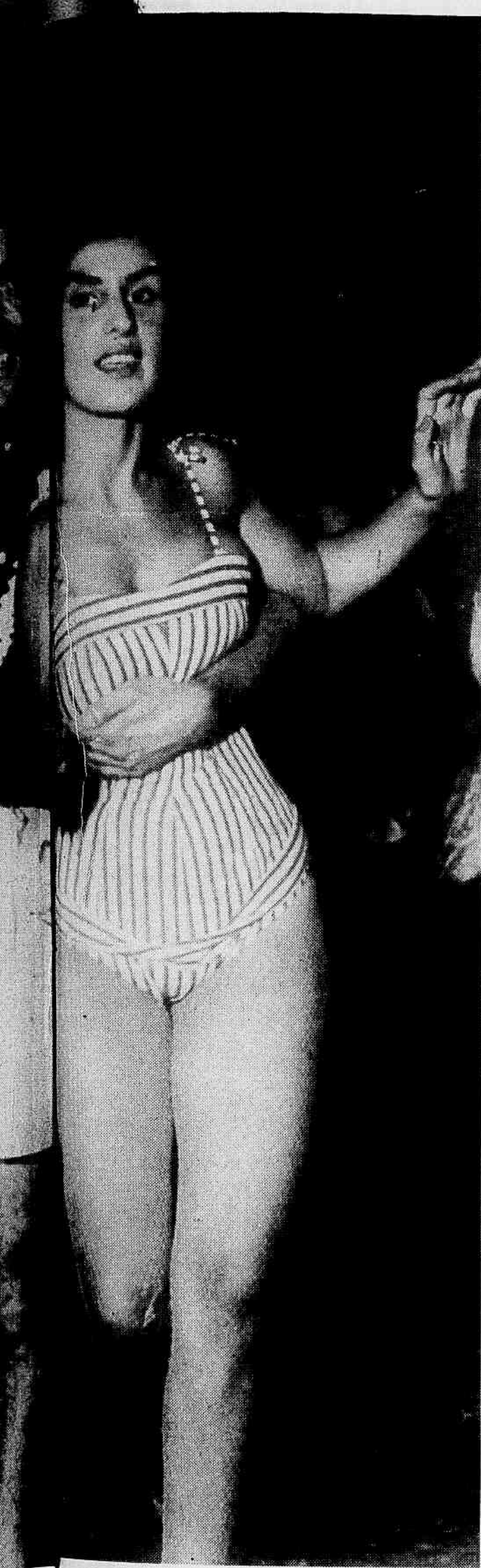
o
o





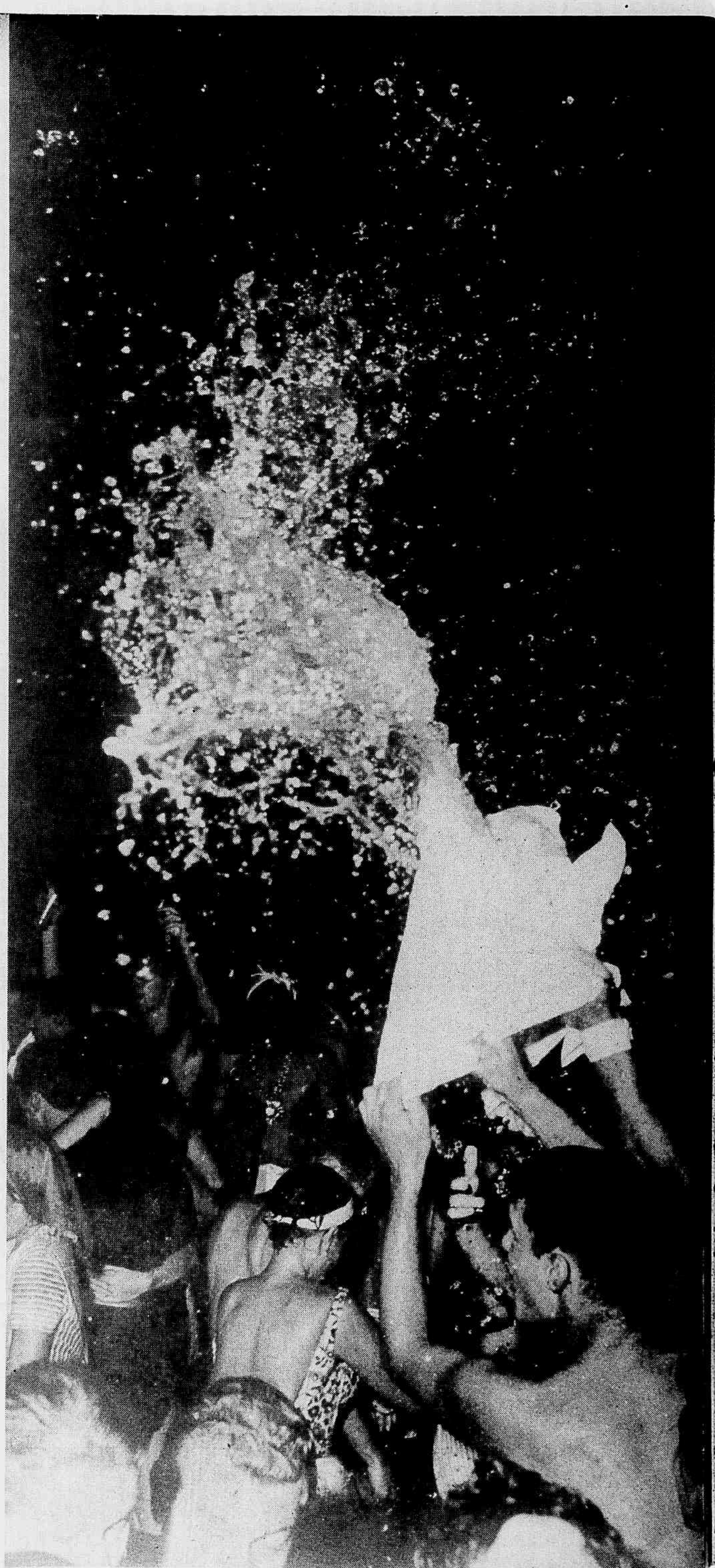
"Fala, fala, fala, fofqueira"...

CARNAVAL ATÉ DEBAIXO D



"Nem só de pão vive o homem"...

O DÁGUA





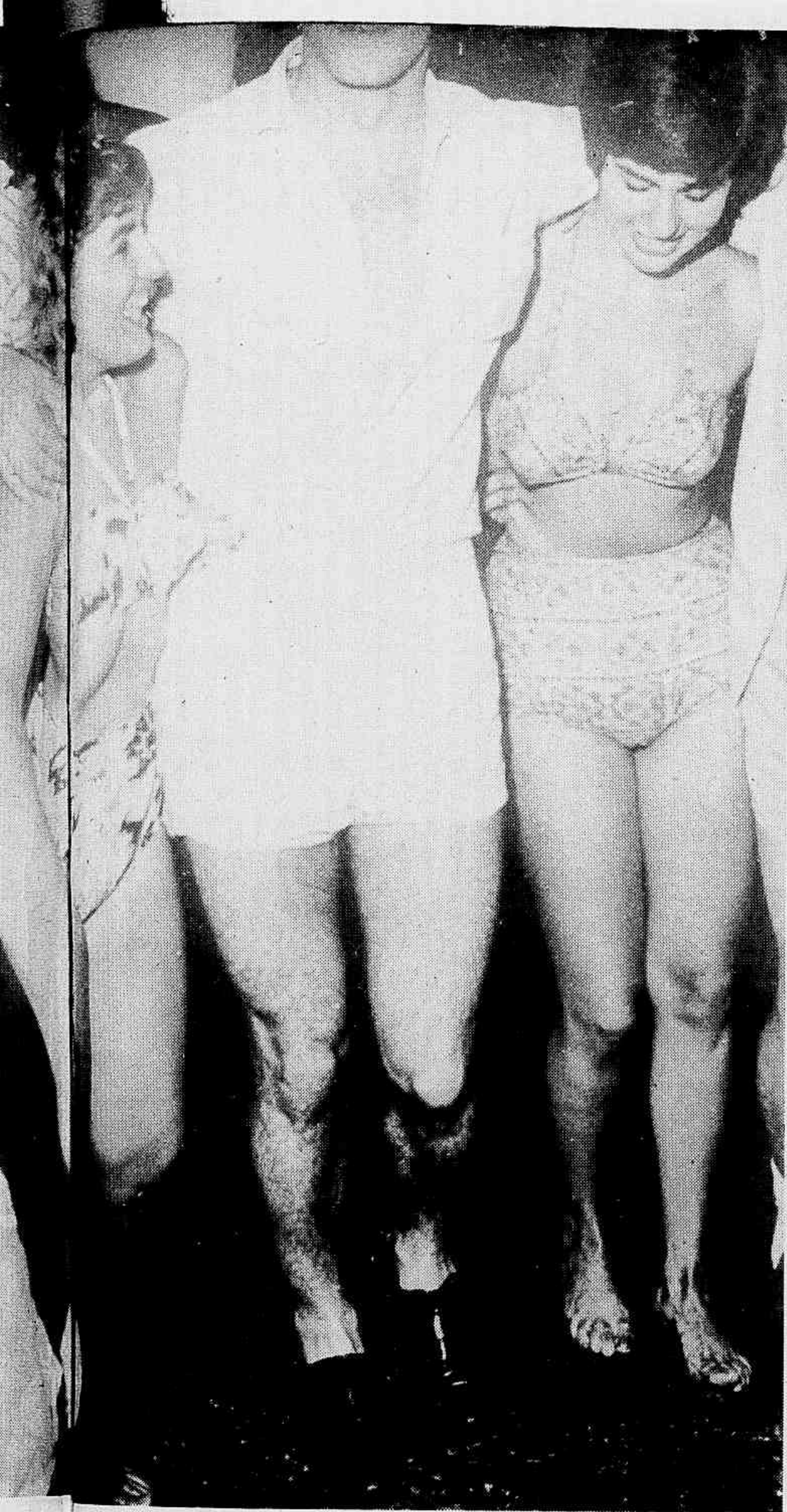
"Bota as barbas de mólho, José", canta Marylin Maxwell para Van Heflin, que está barbado para ser cossaco e canta: "Vem meu amor, vem me abraçar".

RESOLVENDO EM TERMOS de mergulho o problema de brincar Carnaval sem sentir muito calor, foliões molhados (de suor) caíram n'água na piscina do Glória, transformada em salão de baile.

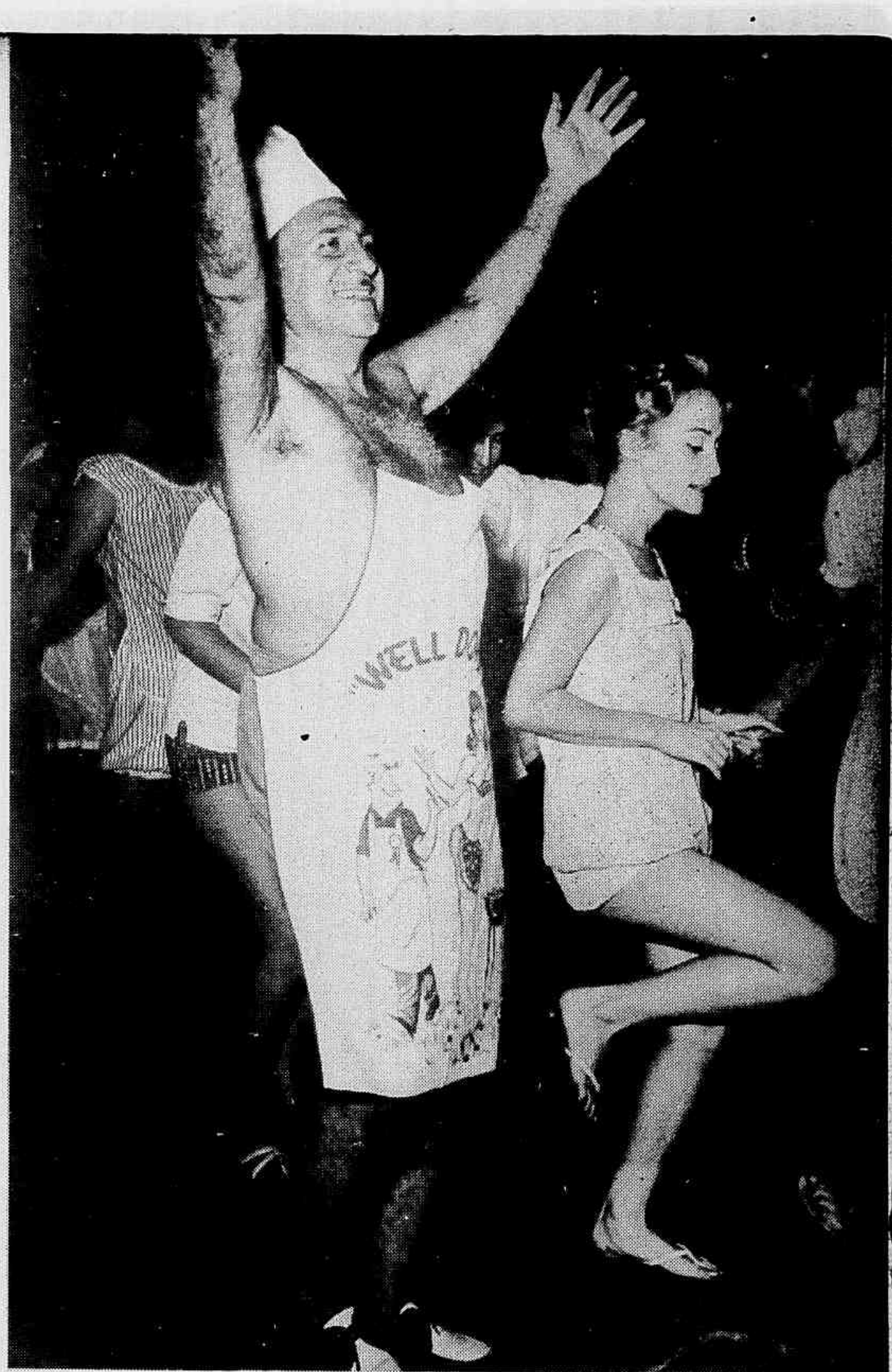
A fantasia que mais deu foi calção de banho e os homens apreciaram muito as garôtas que foram fantasiadas de biquini. Houve também muita fantasia anfíbia. Outras moças preferiram levar duas fantasias: uma para os salões e outra para a piscina. Muita gente esperou a hora do revezamento mas isso aconteceu nos bastidores.

Na hora em que o galo cantou o baile ficou muito animado. Cinco minutos depois estava animadíssimo e aí os fotógrafos já não trabalhavam mais, por causa de que ficavam com os olhos arregalados, tão arregalados que não cabiam por detrás das lentes da máquina. É que certas fantasias não eram muito apropriadas para água.

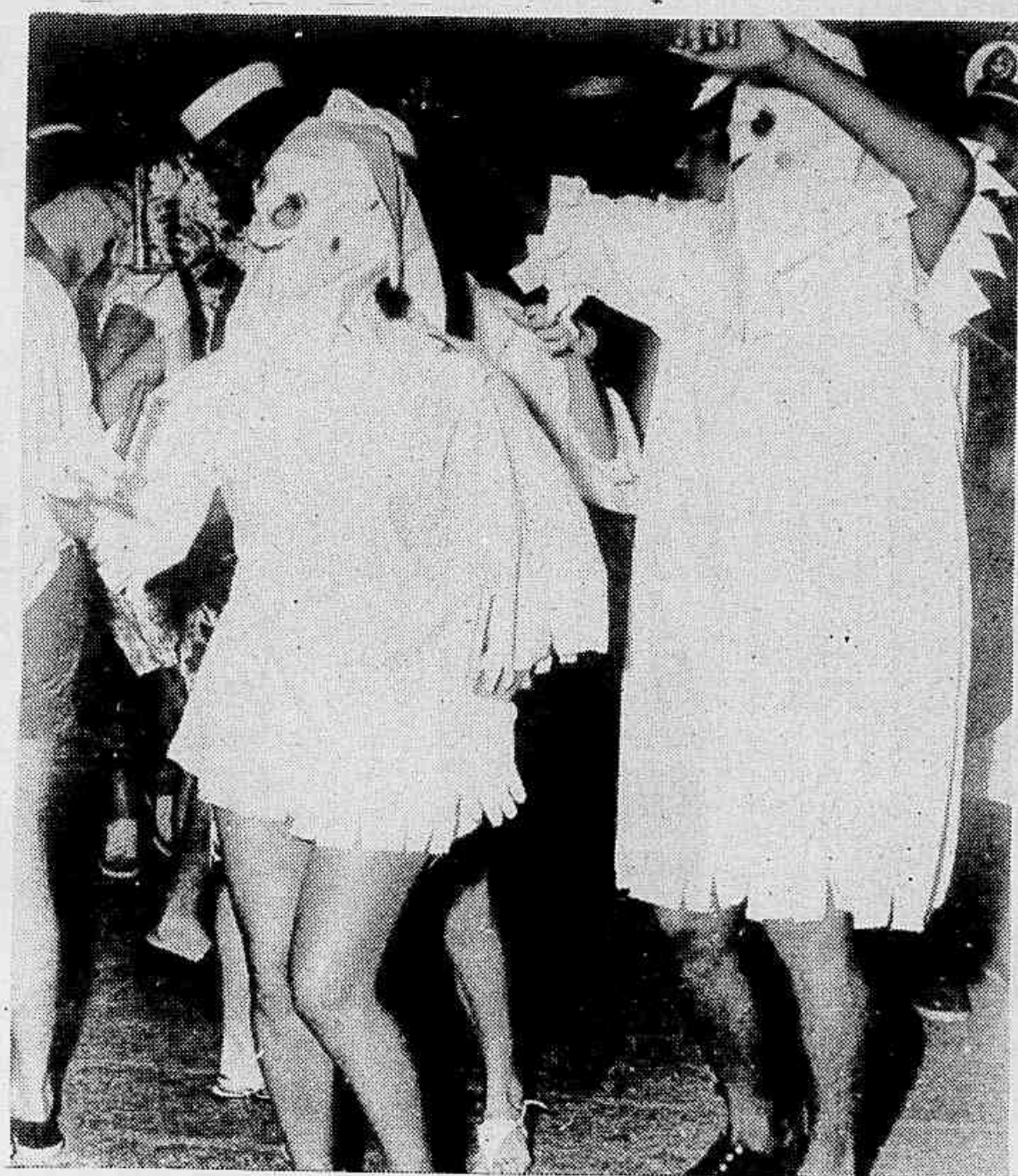
Os americanos acharam tudo ótimo, principalmente as bananas de matéria plástica cheias de uísque.



"Não faz marola para o barco não afundar".



"Ela é fã da Emilinha e do César de Alencar".



"Nossos beijos e abraços não voltam mais".

APRENDA

A DANÇAR



CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA

BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHORO
VALSA
FOX

em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro "Como Aprender a Dançar", já em 8.ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que permite a V. S.ª aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal 649 — São Paulo, Cr\$ 120,00. — Encontra-se também à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo.

O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 h às 22 h à Avenida Liberdade, 120, 2.º andar — conj. 8 — São Paulo.

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BEL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BEL-HORMON nº 2. BEL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BEL-HORMON

Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 708
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de BEL-HORMON nº

NOME Nº
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço no varejo Cr\$ 100,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
Por Vale Postal Cr\$ 125,50



NA BELEZA
E VIGOR AOS CABELOS
CONTRA A CASPA
E CABELOS BRANCOS
EXITO GARANTIDO

CARTAS

MORAL

"Solicitamos preciosa atenção fotografias estampadas REVISTA SEMANA números 4 e 5 atentando moral família cristã. a) Conselho Central Apostolado da Oração".

Padre Romeu Faria
Maria de La Roque
Júlia Brito
Maria Lina Vieira
Beatriz Carneiro
Leuzete Verdussens, D.F.

PROTESTO

"Homens Ação Católica Tijuca protestam junto tradicional revista carioca manifestando desaprovção justa repulsa reportagem fotográfica imoral publicada últimos números".

Nelson Camões, presidente,
D. F.

ATENTADO

"A REVISTA DA SEMANA é tida como familiar e, no entanto, nos dois últimos números decaiu tanto que passou a constituir verdadeiro atentado à moral, razão por que trago minha repulsa e meu protesto à publicação".

Cícero de Oliveira, D.F.

PREFERÊNCIA

"... pedindo licença para uma sugestão, lembraria que a REVISTA DA SEMANA, dentro, aliás, de suas melhores tradições, poderia deixar de lado certo sensacionalismo malsão e adotar a linha de patriotismo e seriedade das revistas francesas, como "Paris Match", revista bem mais austera do que qualquer outra do Brasil. Por falar nas revistas francesas, recordo que elas, sempre, publicam com destaque fotos da família real francesa, o que muito aprecio. Por que não manda a revista entrevistar a família imperial do Brasil, notadamente o pretendente ao trono, o príncipe Dom Pedro Henrique, que vivem com seus dez filhos numa fazenda do município de Jacarézinho, em Paraná, num exemplo edificante para os "snobs" e para o "café-society"?"

Maria Angela Pinto Coelho,
Belo Horizonte

BOAS

"Oxalá que o jesuitismo hoje muito em voga no Brasil

não impeça a revista de divulgar "boas" fotografias".
Venâncio Rey, Natal

ECONOMIA

"Leitores assíduos da REVISTA DA SEMANA, tomamos a liberdade de dirigirmos a V.S. para expor nossas idéias sobre a atual crise econômico-financeira brasileira".

Eduardo Cotrim
Carlos Malafaia
A. T. Guimarães
Nertan Bransfield
Miguel Aleman
Antônio Poni, D. F.

§ De, acôrdo.

Editor

KOLA KOLA

"... e vai ser lançado?"
Mário Soares, Vitória

DÚVIDA

"Não entendi o primeiro anúncio do número 5".
Dora Freitas, D.F.



Brigitte Bardot
Deus criou e a censura cortou

CENSURA

"... cenas que a censura francesa e a censura norte-americana — tão conhecidas pela falta de rigor — não ousaram permitir viessem a público, a REVISTA DA SEMANA, que sempre gozou de fácil penetração nos lares daqueles que não descuram da educação moral da família de que são chefes, se apressa a publicar em "absoluta exclusividade".

José Antônio Macedo, D.F.

LEIAM

EU SEI TUDO

CONTOS — ROMANCES —
CIÊNCIAS — HISTÓRIA —
CURIOSIDADES — CINEMA
— LITERATURA E MUITOS
OUTROS ASSUNTOS —

Preço — Cr\$ 10,00

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

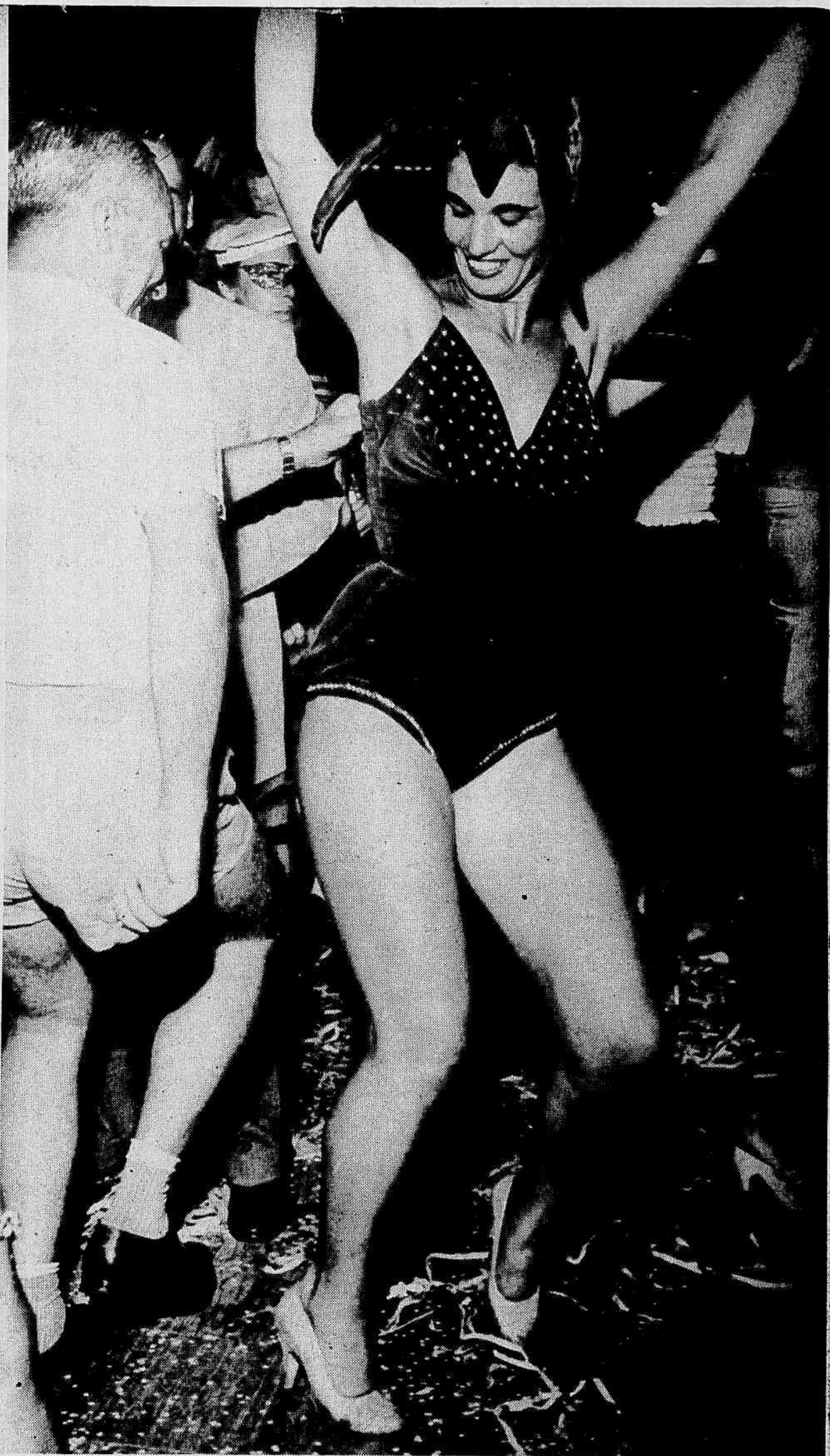
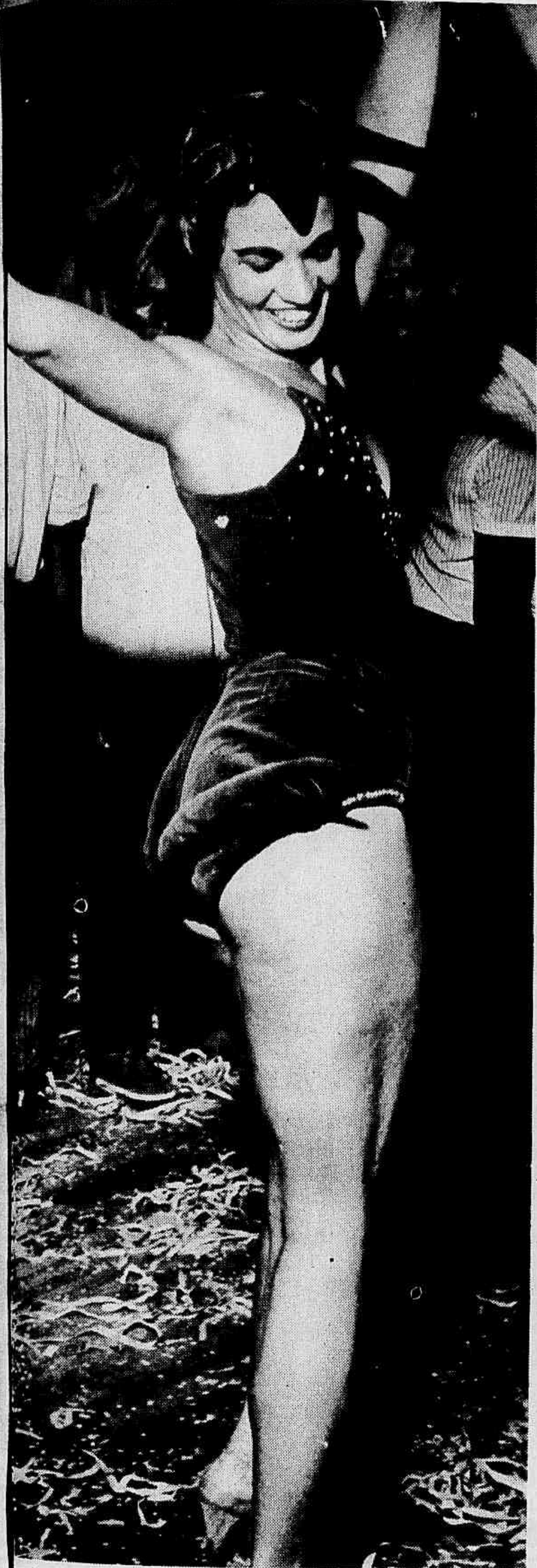
Solteiro Cr\$ 380,00 — Casal Cr\$ 520,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. "PRINCIPEHOTEL"





A moça estava com o diabinho no corpo e o folião não respeitou o calor da pequena.

O BAILE DAS ATRIZES: DEZ ATOS E UM QUADRO

PERSONAGENS, por ordem de entrada em cena:

TRÊS PELOTÕES DA POLÍCIA ESPECIAL

UM BATALHÃO DA POLÍCIA MILITAR

MULHERES

HOMENS

FOTÓGRAFOS

VEDETAS

GIRLS

A RAINHA DAS GIRLS

O REI MOMO

AS PRINCESAS

UISQUE

A ORQUESTRA.

A cena se passa no Teatro João Caetano. Época: Carnaval de 1958. Cenário: ninguém notou. Trajes: do biquini ao biquini, passando pelo maiô com plumas e pelo maiô com lantejoulas. Os homens foram à paisana mesmo.

1.º ato: a orquestra toca.

2.º ato: todo mundo pula.

3.º ato: a orquestra pára de tocar e todo mundo continua pulando.

4.º ato: entra o Fotógrafo e tira uma foto.

5.º ato: entra um policial e tira o fotógrafo.

6.º ato: as vedetas se dizem artistas e as girls se dizem vedetas. Há quem se diga girl...

7.º ato: o rei Momo vai coroar a rainha das Atrizes. Encontra a rainha mas não encontra as atrizes, nem a coroa.

8.º ato: Joana d'Arc, no alto do tablado, cercada de fotógrafos e de policiais parecia a própria, no Auto da Fogueira.

9.º ato: a orquestra toca outra vez e quase ninguém nota. Todos estão (como dizer) pulando.

10.º ato: Grande Final.

Quadro: "Mamãe, mamãe, mamãe eu levei bomba".

Eloina esteve protegida por três mascaradas durante todo o baile.

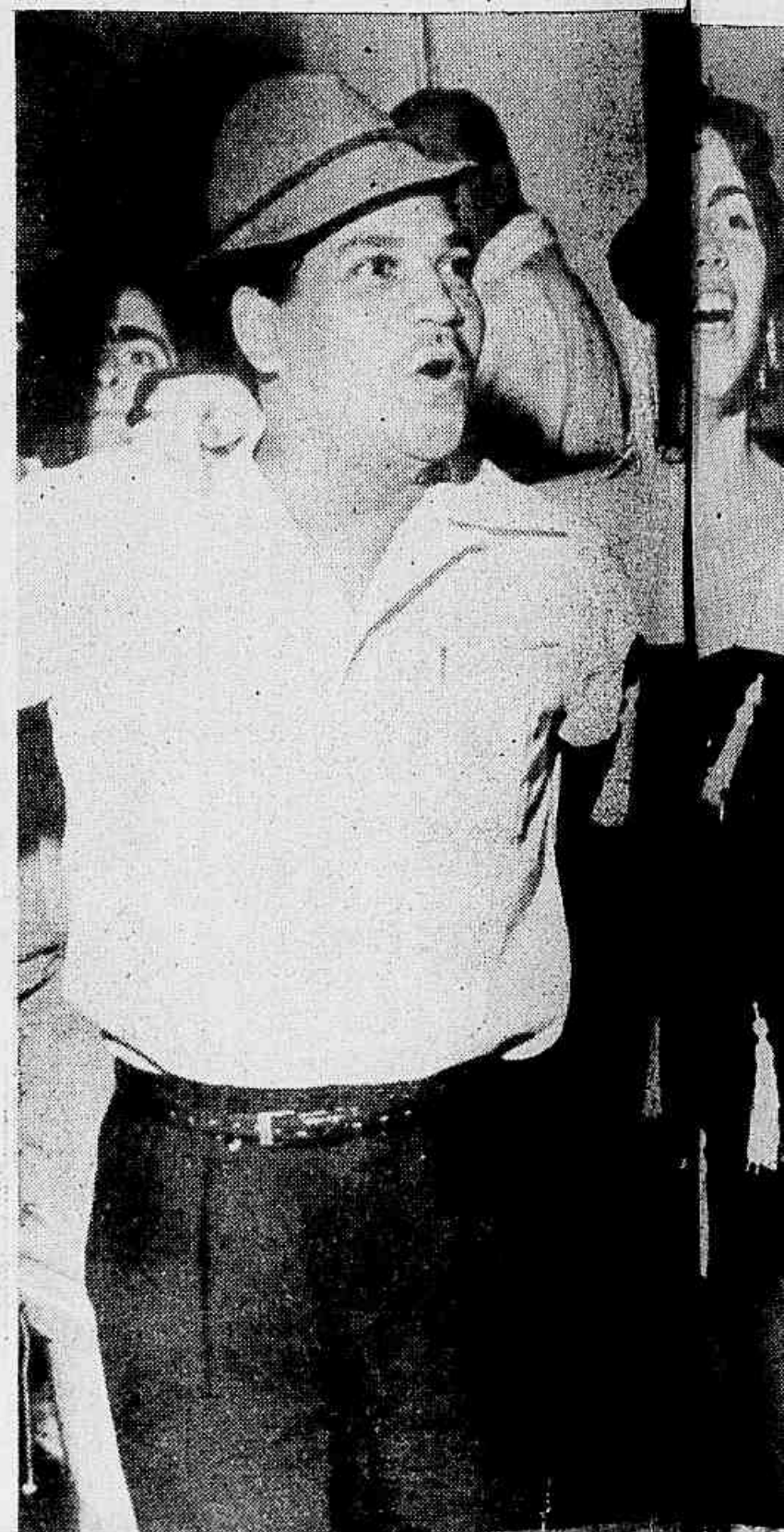


Bananeira deu uisque na mão da

men

Colé e Lillian Fernandes brinca

ram





menina, mas nenhum marmanjo bebeu.

ram a dois.



Delírio de final de festa: mas o Carnaval só acabaria na quarta-feira de cinzas.

A rainha Joana d'Arc e rei Momo beberam água (que lava tudo) e sorriram para os fãs.





Alegria de moça que brinca o Carnaval para desabafar
Joana d'Arc nomeou Black-Out (o General da Banda)
ministro da Guerra.



E agora, que eu esqueci a letra d'esse samba?



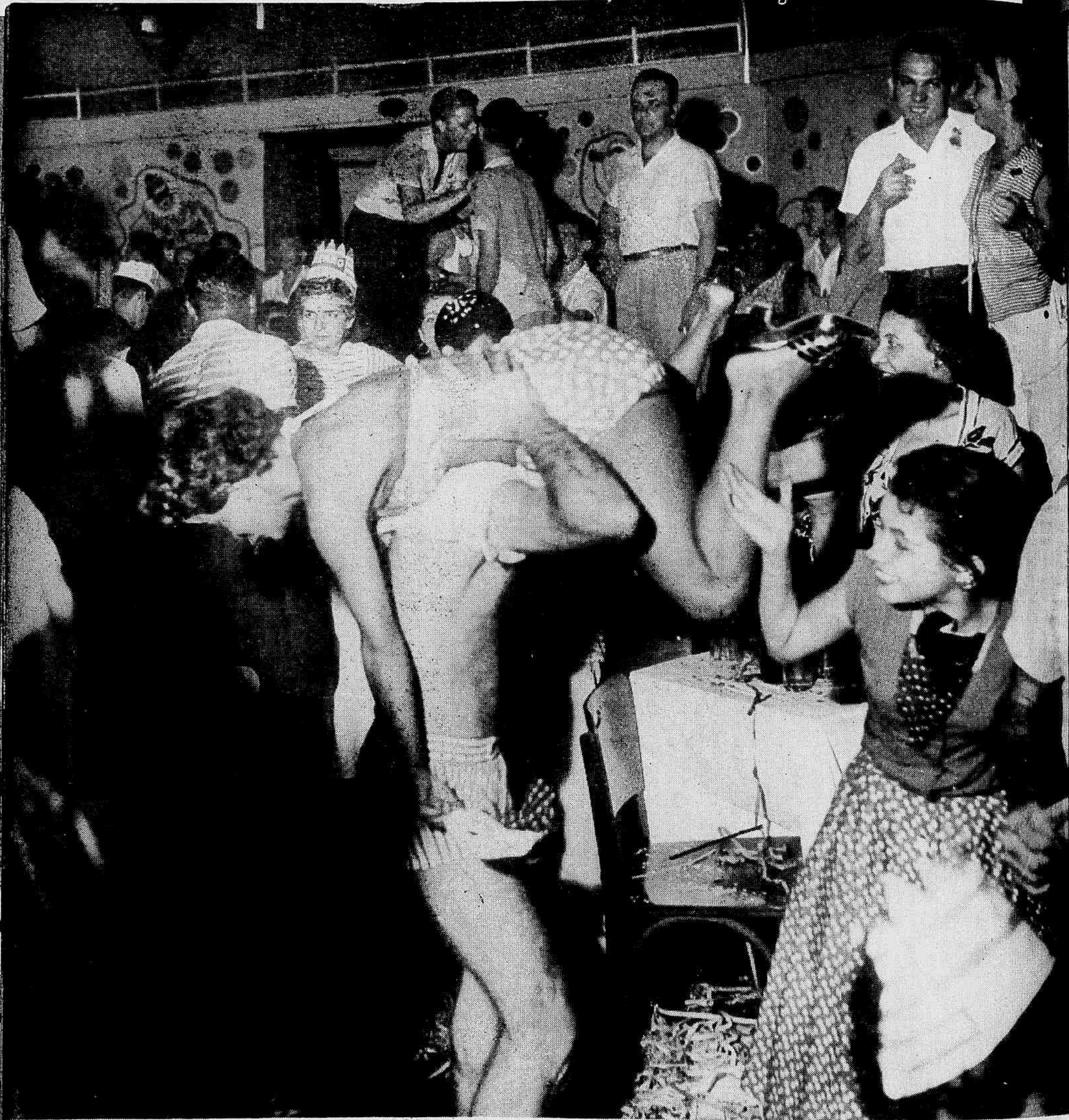
Angelita Martinez: para se ver e sentir, mas não tocar.



NO BAILE DA RAINHA DO CARNAVAL A MARCHA DA FOFOCA FÊZ SUCESSO

Para cada mulher fantasiada, duas estavam de pernas de fora, segundo informa o IBOPE.





O fotógrafo do "Life" perguntou : o que é isso ? Eram irmão e irmã treinando judô.

UMA MOÇA um pouco gordinha — Wilza Carla — foi coroada Rainha do Carnaval no "Baile de Gala da Associação dos Cronistas Carnavalescos" no teatro João Caetano, depois de disputar o título em eleição de votos pagos.

Wilza — que é muito fotogênica — já foi Rainha do Carnaval em 57 (quando estava mais gordinha ainda).

Ganhou, com a reeleição, outra coroa de ouro e mais dez prêmios, entre eles "um valioso vestido para a coroação" e um "relógio pulseira de ouro e brilhantes".

O coroador da Rainha: Negrão de Lima, Prefeito, que quando saiu do baile (Praça Tiradentes, três horas da manhã de sábado) foi cercado por um bloco que cantava o "Engole êle paletó".

"Pará e seus "black-boys" tocavam de dez em dez minutos a introdução das músicas e o pessoal se encarregava do resto

Se não houvesse briga e polícia dando pancada não seria Carnaval.

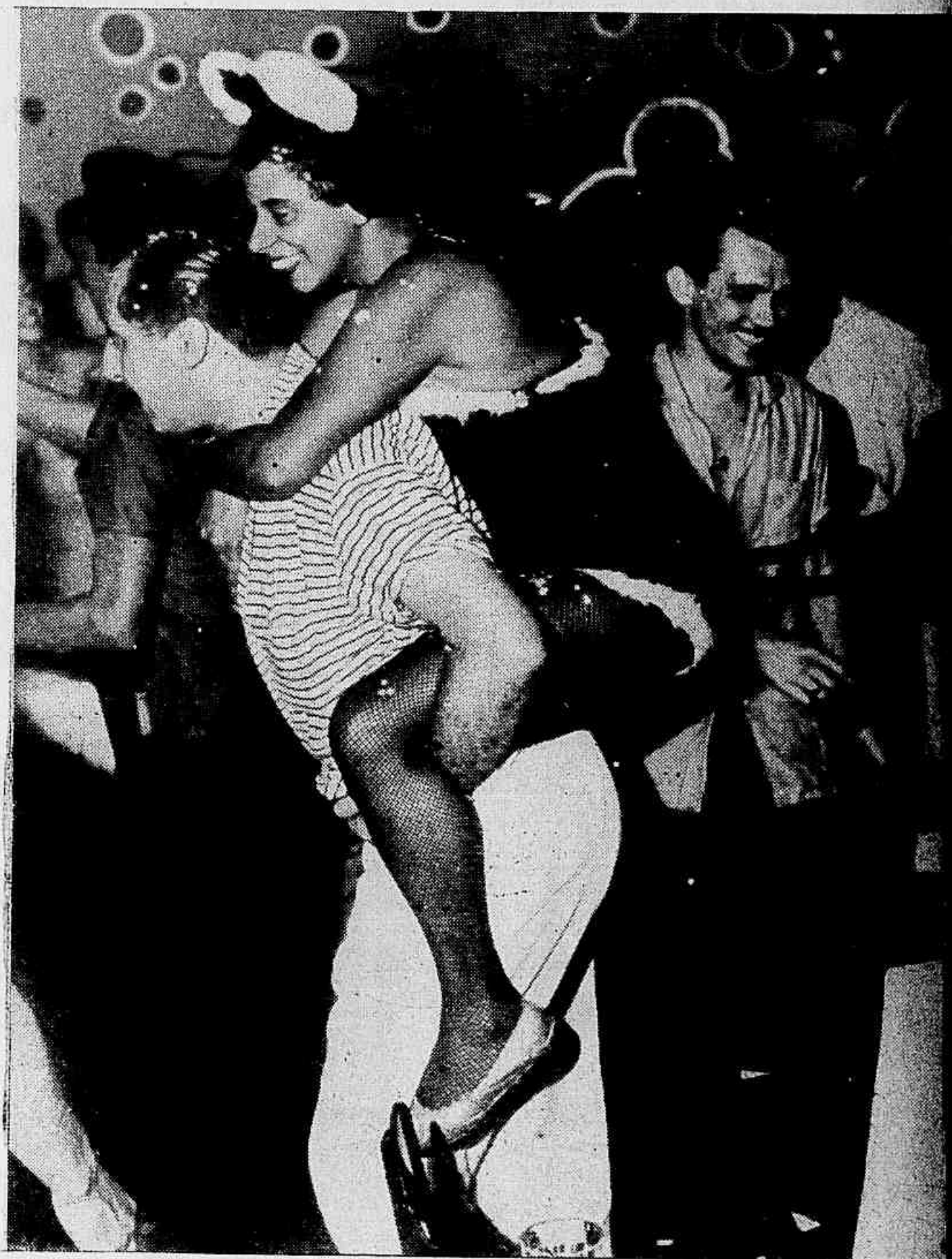
A música de maior sucesso foi a "Marcha da Fofoca".



Foi um sucesso a proibição. As moças preferiram o maiô.



Gata no Carnaval não anda em telhado quente de zinco. Vai nas costas do parceiro ao baile do João Caetano.

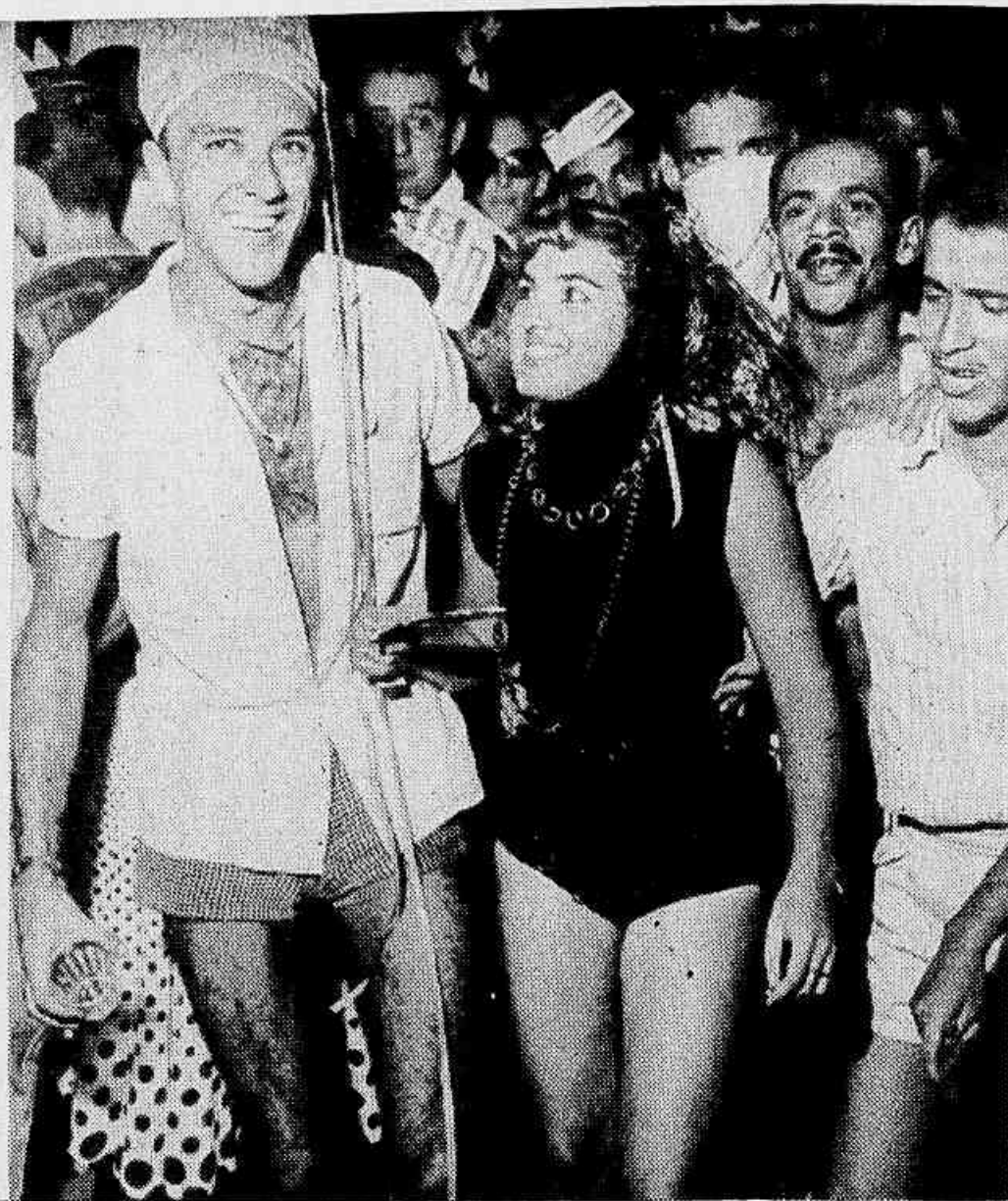


Sua Majestade Sereníssima (e um pouco gorda) Wilza Carla.



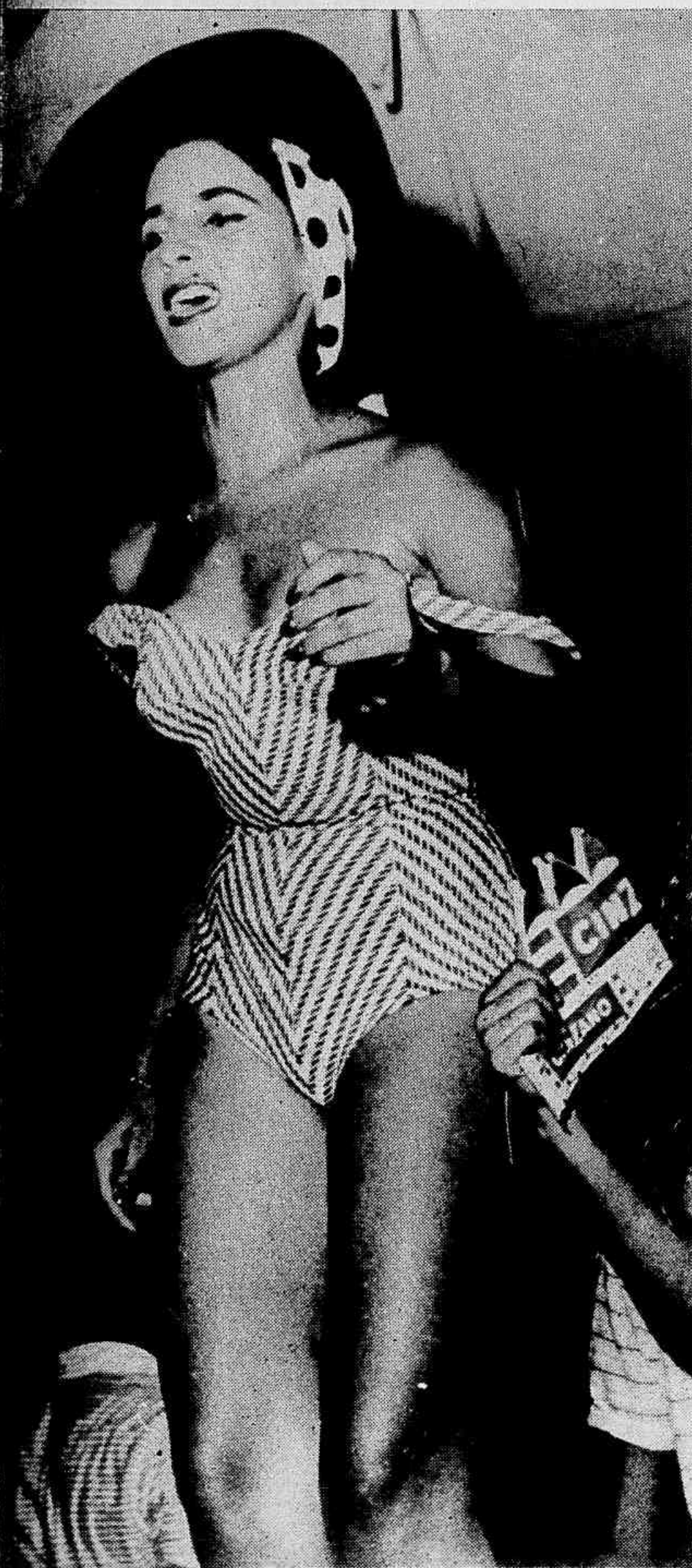
Miau para vocês também.

Fantasia de banhista.



Nome da fantasia: zulu-semi-luxuosa.

Quando acabou o baile, ele estava com o pescoço duro.



de ferro. O apoio da ala mais reacionária do Partido Colorado conta, pois, muito menos do que o auxílio da tropa, já que no seio do partido governista existem frações e facções que lutam pelo controle do poder.

Neste sentido, basta citar a ala liderada por Epifanio Mendes Fleitas, atualmente exilado no Uruguai, onde edita violento panfleto dos "colorados perseguidos", em cujas páginas se lava a roupa suja do partido, de uma maneira que deixa em maus lençóis o grupinho que, com o auxílio direto de Perón, se instalou no poder, mantendo-se como último núcleo neo-peronista instalado no Palácio do Governo, em todo o Continente.

Alfredo Stroessner, não resta dúvida, é um justicialista que traiu Perón, mas nem por isto deixa de ser peronista, da mesma maneira como numerosos dos seus colaboradores políticos, militares e diplomáticos continuam sendo peronistas, apesar de terem, oficialmente, renunciado ao ideal pregado pelo ex-caudilho argentino. Basta, apenas, lembrar que vários amigos de Stroessner, como também suas mulheres, fizeram parte, durante a "era de Perón" de organizações e clubes justicialistas, tentando introduzir no Paraguai uma política e uma mentalidade estranhas ao povo daquela república.

ALGUNS FATOS

Eis alguns fatos que ninguém poderá negar, e que mostrarão o grau de peronismo do ditador paraguaio e dos seus colaboradores:

1. O general Stroessner nomeou Perón general do Exército paraguaio, mandando, ao mesmo tempo, imprimir selos com a efígie de Perón ao lado da sua;

2. Stroessner permitiu aos seus colaboradores, e aos propagandistas de Perón que instalassem em Assunção seu QG de agitação, que realizem em todo o território paraguaio desenfreada campanha de glorificação de Evita Perón, chegando-se a tal ponto que uma campanha em favor da entrega de presentes do povo paraguaio foi tão mal recebida por este, que os peronistas viram-se obrigados a abandonar o país;

3. De todos os países sul-americanos em que Perón tentou infiltrar-se, o Paraguai, por intermédio de Stroessner, lhe prestou o maior auxílio oficial. Neste sentido, convém destacar que nem na Bolívia, onde durante o governo de Victor Paz Estenssoro existiu verdadeiro regime satélite, o peronismo recebeu tão grande auxílio oficial, como aconteceu no Paraguai;

4. o governo paraguaio foi o único regime sul-americano que se mostrou imediatamente disposto a dar asilo ao ex-ditador, permitindo-lhe, mais tarde, desenvolver violenta campanha contra o governo revolucionário de Buenos Aires, instalando uma rede de agentes peronistas, muitos dos quais foram contratados pelo governo de Assunção, notadamente pelo Ministério do Interior e pela Polícia, onde continuam trabalhando como "técnicos" e "conselheiros especiais". Grande número destes elementos fizeram parte da "Aliança Nacionalista" de caráter terrorista, liderada por Patricio Guilherme Kelly e treinada por colaboradores do ex-Fuehrer da Croácia, Ante Pavelic;

5. após a expulsão de Perón do território paraguaio (a pedido expresso do governo Lonardi), as autoridades paraguaias permitiram que os peronistas radicados em Assunção, e, especialmente nas cidades de fronteira, mantivessem uma rede de espionagem ligada aos centros de sabotagem da Argentina. Várias vezes, as autoridades argentinas provaram a cumplicidade de certos elementos oficiais do Paraguai, conseguindo, finalmente, que o governo Stroessner adotasse uma atitude mais firme, proibindo que tais atividades sejam realizadas pública e abertamente;

6. após a expulsão de Perón do Paraguai, o general Stroessner realizou uma viagem à Venezuela, fazendo-se acompanhar por seus mais íntimos colaboradores, mantendo várias reuniões com Perón e seus amigos, reuniões que, naturalmente, jamais foram anunciadas. Naquela oportunidade o triunvirato Jimenez-Perón-Stroessner tentou dar nova vida à "Internacional

Colon, (Panama) Noviembre 16 de 1955

Señor Don Ricardo Gayol
Asunción.

Mi querido amigo Gayol:

Supongo habra recibido mi anterior, de fecha 3 del corriente, en la que le anticipaba lo que acaba de ocurrir en nuestra Patria. Se estan devorando y consumiendo a dentelladas hasta aniquilarse. Esto era previsible y no se necesita tener ningun don profetico para pronosticar que se llegara a un caos espantoso, hasta que los buenos peronistas, que constituyen el 80% de la poblacion argentina, saigan a la calle y barran de una vez por todas a la canalla reaccionaria, quienes previamente a quienes han implantado la dictadura militar para hacer el juego a la oligarquia que yo habia acorralado en sus guaridas del Barrio Norte.

Los acontecimientos se precipitan y parecen que ya se acerca la hora de la justicia. Le ruego no olvidar mis recomendaciones: Mucha cautela: atender segun mis instrucciones a los amigos que lleguen; ponerlos en inmediato contacto con C. y con O.; desconfiar del M. S. Q. a quien juzgo capaz de vender hasta la madre; recordar al amigo Epifanio nuestras conversaciones, sus promesas y las del Presidente; insistir en que C. no deje de manejar las gestiones para adquirir caballos, etc.

Todo lo anterior es de suma importancia y urgencia. Recuérdelos que una vez restablecido el Gobierno Justicialista, la suerte de ese humilde, simpático y hospitalario Paraguay, que tantas manifestaciones de afecto y simpatia me brindó por intermedio de los ilustres hombres que rigen sus destinos, cambiará fundamentalmente.

Espero tener noticias suyas muy pronto, en la forma convenida allá. Píngame a los pies de su esposa, besos para sus simpáticos hijos y Un. mi inolvidable amigo de las horas difíciles, un gran abrazo de su invariable y seguro servidor.

DOCUMENTO QUE MOSTRA as ligações do recém-"reeleito" general Alfredo Stroessner com Juan Domingo Perón. Nesta carta, escrita em 1955 pelo ex-ditador argentino a um amigo paraguaio, pouco após a sua saída precipitada de Assunção, Perón fala nas "promessas do presidente". Trata-se, naturalmente, de promessas que facilitariam a volta de Perón, que anunciava o enforcamento dos que instalaram no poder "a ditadura militar".

Eis a íntegra do documento:

"Meu querido amigo Gayol,

Suponho haver recebido minha carta anterior, de 3 do corrente, na qual antecipava o que acaba de acontecer em nossa Pátria. Estão se devorando e continuarão a dentadas, até quando se aniquilarão. Isto era previsível e não precisa ter nenhum dom profético para prognosticar que se chegará a um caos espantoso, até quando os bons peronistas, que constituem 80% da população argentina, sairão na rua, varrendo para sempre a canalha reacionária, enforcando previamente aqueles que implantaram a ditadura militar para fazer o jogo da oligarquia, que eu havia encurralado em seus esconderijos do Bairro Norte.

Os acontecimentos se precipitam - parece que já se aproxima a hora da justiça. Peço não esquecer minhas recomendações. Muito cuidado: atender, segundo minhas instruções, os amigos que chegam, colocando-os em imediato contato com C. e O.; desconfiar do M.S.Q., a quem julgo capaz de vender até sua mãe; recordar ao amigo Epifanio nossas conversações, suas promessas e aquelas do presidente; insistir para que C. não abandone as gestões para adquirir cavalos, etc.

Tudo isto é da maior importância e urgência. Recordá-lhes que uma vez restabelecido o Governo Justicialista, o destino do humilde, simpático e hospitaleiro Paraguai, que tantas manifestações de afeto e simpatia me brindou por intermédio dos ilustres homens que dirigem seus destinos, mudará fundamentalmente.

Espero receber notícias suas brevemente, na forma que ali ficou combinada. Ponha-me aos pés de sua esposa, beijos para seus simpáticos filhos, e você, meu inolvidável amigo de horas difíceis, receba um grande abraço de seu invariável e seguro servidor

Juan Perón".

cional das Espadas", mas não conseguiu fazê-lo, pois na Venezuela a ditadura já não podia abafar a voz das massas populares.

É este, pois, o retrato moral e político do homem que, usando métodos peronistas e camuflando-os cuidadosamente, realizou o plebiscito de tipo comuno-fascista, que o instalou o poder por novo período de cinco anos.

NENHUMA DIFERENÇA

Não há, de fato, nenhuma diferença entre Stroessner, Perón, Jimenez, Somoza e Trujillo: no Paraguai, como na República Dominicana, não existem partidos políticos, exceto a ala oficial do Partido Colorado; em seguida, convém lembrar que no Paraguai não há liberdade de imprensa (conforme anunciam todos os comunicados da Sociedade Interamericana de Imprensa), e que as poucas fôlhas da oposição se publicam no Uruguai e na Argentina, ou então, clandestinamente, no Paraguai, em forma de fôlhas amarelecidas e mal impressas, muitas vezes feitas ao mimeógrafo.

Quase um milhão de exilados e fugitivos, cuja maioria vive na Argentina e no Uruguai, é testemunho vivo de que o terror colorado implantado pelo governo Stroessner constitui uma tirania pela qual os governantes tentam silenciar a voz do povo.

Se analisarmos o quadro político paraguaio, não será difícil constatar que, além da ala governista dos "colorados", existem dois grandes partidos: o Liberal, de antigas e enraizadas tradições, e o Febrerista, cuja importância ninguém conseguirá negar.

Além destas duas correntes, convém destacar a já mencionada ala oposicionista ("perseguida") dos colorados de Epifanio Mendes Fleitas e o Partido Comunista, cujo líder intelectual, Elvio Romero, formado em Praga, vive atualmente desterrado em São Paulo, mantendo estreito contato com os elementos prestistas do PC brasileiro.

Enquanto na ala governista dos colorados existem poucos elementos de real valor político e intelectual (notadamente o chanceler Sapena Pastor, o ministro Edgard Insfran e mais alguns) a "intelligentzia" paraguaia vive no desterro, espalhada em quase todos os países do Continente.

Podem-se mencionar nomes como Justo Pastor Benítez, Augusto Rôa Bastos, o já citado Elvio Romero, o recém-falecido José P. Guggiari, além de grande número de escritores, poetas, professores, ensaístas e jornalistas, integrados na vida intelectual argentina, uruguaia e brasileira, como é o caso de Benítez, autor de várias obras publicadas entre nós, assíduo colaborador da imprensa carioca.

Neste sentido, o plebiscito de Stroessner pode ser considerado como não-representativo, como também o pode ser do ponto de vista popular, tomando em conta o fato de que dezenas e dezenas de milhares de eleitores de filiação liberal, febrerista e colorado (oposicionistas) não foram incluídos nas listas eleitorais, pré-fabricadas nos escritórios da ala colorado-governista, sob o controle da polícia — e do Exército que apoiou a candidatura Stroessner.

Assim, o ditador paraguaio não conseguiu nem sequer a "unanimidade" realizada em 15 de dezembro passado por Jimenez. O ditador reeleito e os 60 membros da Câmara dos Deputados, Câmara uni-partidária, constituem apenas uma face da vida política paraguaia: aquela amparada pelos tanques e apoiada pela polícia de um regime que até campos de concentração manteve no coração da América do Sul, conforme foi provado repetidamente em reportagens e artigos que nenhuma autoridade conseguiu desmentir, pois grande número dos internados que conseguiram escapar, vive em terra brasileira, gozando do asilo político.

Faz algum tempo, numa tentativa de restabelecer a unidade dos "colorados", Stroessner tentou pacificar o partido, convidando políticos conhecidos como Natalício González e Hygin Morinigo a apoiar a corrente governista, colocando, desta maneira, em minoria e fora do partido, os adeptos de Epifanio Mendes Fleitas. Este, para ser destruído com maior facilidade, foi apontado como homem de confiança de Perón, quando, de fato, Stroessner é tão peronista quanto Epifanio.

A pacificação visava, antes de mais nada, a realização de eleições mascaradas de democráticas. A tentativa fracassou, e, desta maneira, recorreu-se ao plebiscito tão parecido ao último pleito venezuelano.

Difícil responder à pergunta se, em tais circunstâncias, Stroessner conseguirá manter-se no poder por mais algum tempo: gozando do apoio do Exército, conseguindo polarizar em torno de si uma corrente "colorada", e sabendo que a grande maioria da oposição se encontra no exílio, sem poder agir politicamente, o general paraguaio ainda manterá o controle do governo que salvou após a expulsão de Perón. O regime Stroessner será seriamente ameaçado a partir do dia em que certos chefes militares retirarão seu apoio à ditadura, tentando substituir Alfredo Stroessner por outro general. Naquele instante, porém, agirão também os partidos políticos, de dentro e de fora, e o regime não mais conseguirá manter o controle do poder.

OS RECRUTAS APRESSAM O FIM DE FELIX

SE A CRISE da Tunísia não for suficiente para derrubar o gabinete do moço Felix Gaillard (foto), o chamado "protesto dos recrutas" talvez seja mais que suficiente para fazê-lo.

Recrutados para servirem no contingente francês das tropas da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), milhares de jovens se recusaram — publicamente — a servir sob as ordens do general alemão Hans Speidel.

Alegam os recrutas: Speidel foi um nazista e sobre ele pesam centenas de acusações muito concretas de violências contra franceses na zona ocupada e nos campos de concentração.

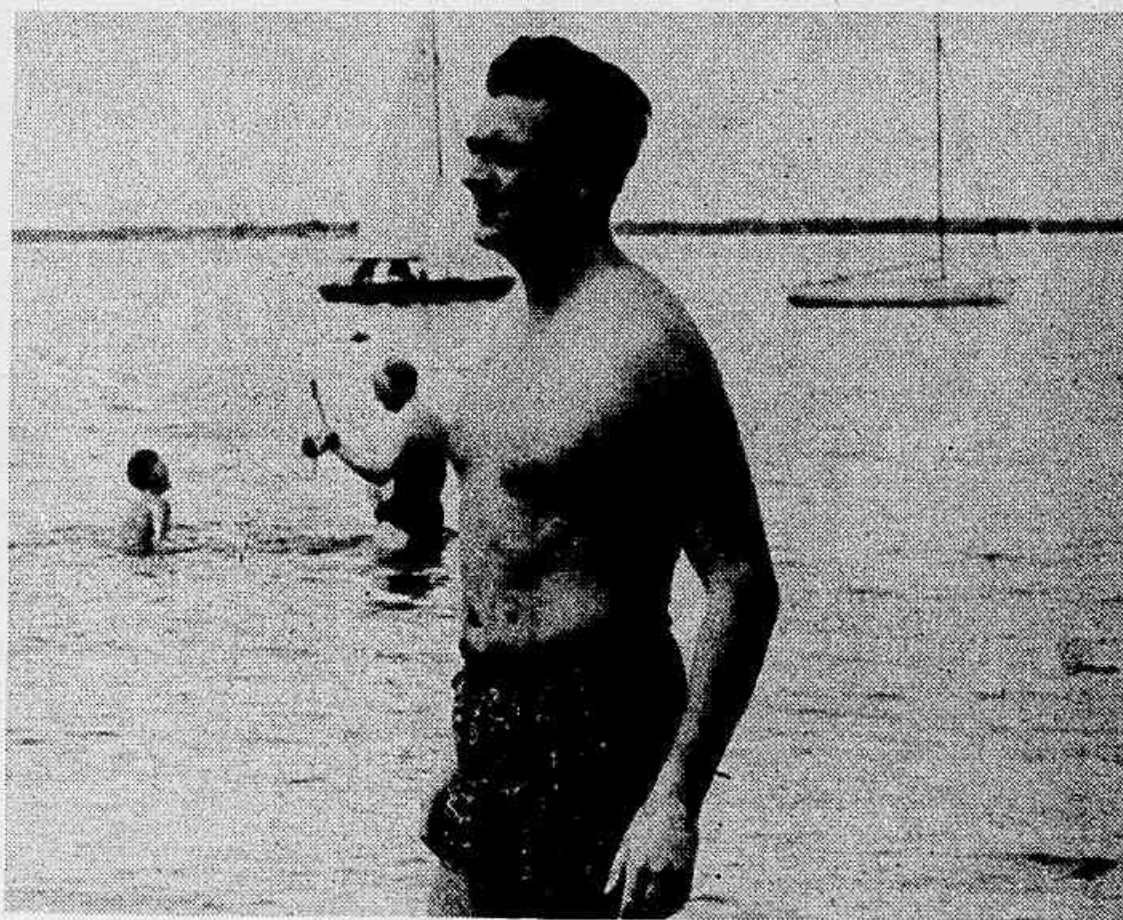
Na verdade, Speidel não se limpou dessas acusações, respondendo apenas que "era um militar cumprindo ordens".

Os recrutas não querem saber de ordens, principalmente porque são — na maioria — filhos de ex-combatentes, muitos dos quais morreram nos campos de prisioneiros.

O governo está processando todos os recrutas que se negaram a engajar na OTAN e — preliminarmente — meteu-os na cadeia. A acusação vai de indisciplina a insubordinação e o Grande Promotor Militar ainda acha pouco, ameaçando transformar os processos em deserção e alta-traição.

Defendendo-se, os recrutas pedem uma Corte Marcial e um Tribunal de Honra, onde pretendem provar que não se recusam a servir à Pátria e que apenas "se recusam a fazer continência a um assassino de franceses".

Os intelectuais franceses ainda vieram agravar mais a crise, apoiando o movimento de protesto e dizendo: "Dar as mãos a um ex-inimigo que nos combateu lealmente é muito compreensível e pode até ser elogiável; mas obedecer às ordens do assassino de nossos pais seria uma covardia imperdoável".





DENTRO DO QUARTO, d. Maria, fazendo os curativos em Ivan, esforçava-se por transferir ao filho aquele sentimento de culpa que sabia ser seu, do marido, de todos os adultos. Deitada, de camisola, na cama ao lado, Ceci chorava, já sem vontade, como acontece com quem chora há muito tempo e finalmente só lhe restavam os soluços.

— É uma vergonha — dizia d. Maria — depois de tanto trabalho, vocês crescem só para dar desgosto a gente.

— Ora, mãe, a senhora acha que eu ia deixar eles baterem no Abel?

— Você não tinha nada que andar com Abel aí pela rua e, ainda por cima, roubar bambus na casa do “seu” Moreira.

— Nós não roubamos; a gente ia pedir, mas ele não estava.

— Brigar na rua como um moleque, só para aborrecer sua mãe.

— Nós não tivemos culpa. Eles é que começaram. Ficaram debochando da gente e a gente nem ligou. Só entrei na briga,

quando jogaram na cara dele bosta de cavalo.

— Não diga essa palavra.

— Mas jogaram mesmo. A senhora acha que eu devia ficar olhando?

— Viesse me chamar.

— Chamar mulher? — fez Ivan, com desprezo. — Isso não!

— Pois é, agora veja como você está.

— Sara logo, é só arranhão.

— E sua camisa nova toda rasgada?

— Mas eles jogaram bosta...

— Não repita.

— Está certo.

Houve um breve silêncio difícil entre os dois. Em seguida, d. Maria falou, sem olhar o filho.

— Amanhã, vocês descem.

— Para o Rio?

— É.

— Eu não quero.

— Fique quieto, Ivan. Não crie mais caso. Olhe Ceci, começou a teimar e seu

pai deu-lhe uma surra, que ela está aí chorando até agora.

— Tu vem junto?

— Eu não posso. Preciso ficar com o seu pai. Já telefonei à sua tia; ponho vocês no trem e ela vai buscar.

— Por que eu tenho que ir?

— Já está tudo resolvido. Aqui, eu não tenho tempo de olhar por vocês.

— Então vem junto, mãe.

— Já lhe disse que não posso. Não seja irritante — gritou d. Maria. Depois mais calma, prosseguiu: — Logo que passar o carnaval, você volta.

— E eu mãe? — perguntou Ceci, ainda soluçando.

— Você é com seu pai. Ele quer lhe deixar um ano inferna no Rio como castigo, para que nunca mais você roube bebidas e se meta na casa desses moleques.

— Moleques, não senhora — protestou Ceci — eram todos veranistas.

— São os piores. E fique quieta. O que

0 vagabundo e o menino

Léo Victor

DÉCIMO QUARTO CAPÍTULO

você fez não tem desculpas, uma moça de família não faz. O melhor mesmo é você passar todo o ginásio, interna no Rio. Mais tarde, você vai nos agradecer.

— Tu não vai sentir saudade dela, mãe? — perguntou Ivan, assustado.

Ceci voltou a chorar convulsamente. D. Maria disse, irritada:

— Fique quieto, Ivan. Cale esta boca — e saiu apressadamente do quarto.

Ivan aproximou-se da cama de Ceci e passando-lhe a mão na cabeça, consolou-a, dizendo-lhe mansamente:

— Não chore, sua tôla! Depois do carnaval, a gente volta.

— Sai daí! — gritou a menina.

— Está certo. Eu não tenho culpa. Não falo mais, pronto. Todo mundo hoje se virou contra mim.

Sentou-se na sua cama e ficou pensando tristemente. Em seguida, deitou-se com um gemido. Agora, sentia dor pelo corpo. Respirou, fundo, diversas vezes com a atenção voltada para uma

dor fina no lado do peito. “Os desgraçados me quebraram as costelas” — pensou. Depois fez caretas, sentiu que nas arranhaduras do rosto os curativos provocavam um certo repuxamento na pele ferida. Olhou os esparadrapos e a gaze imaculadamente brancas da sua mão direita e do cotovêlo esquerdo em caprichados curativos. Aquilo lhe parecia uma condecoração. Realmente, apesar da dor e da descompostura, Ivan sentia-se satisfeito consigo. De forma nenhuma estava arrependido e além do mais — este pensamento o consolou bastante — com briga ou sem briga, já tinham resolvido mesmo que eles iam descer. O que precisava era avisar a Abel. A mãe o proibira de sair do quarto, dizendo-lhe que, mais tarde lhe traria o jantar, e como no verão, a família sempre jantava depois do movimento mais intenso, entre sete e oito, sem dúvida, poderia ir agora. O importante seria aproveitar aquele momento. O diabo era saber aonde Abel andaria.

Em todo caso, começaria pelo barracão. Talvez não estivesse lá, mas não tinha outra alternativa.

No patamar da escada, espiou, medroso. O pátio se apresentava deserto, contudo, ouvia vozes no interior do bar. Deviam estar bem ocupados e ele decerto, poderia descer sem ser visto. Devagar, olhando sempre para os lados, Ivan desceu as escadas, atravessou o pátio e entrou no barracão.

— Abel! — chamou. Abel, ó Abel!

Não obteve resposta. Aonde estaria Abel? Atrás do pinheiro não seria provável. Era impossível passar sem ser visto. Havia gente demais no bar, calçada e na praça. Além disso, Ivan sabia que o amigo só se ocultava atrás do pinheiro, depois do trem chegar e as ruas ficarem desertas. Aonde, então? Aonde? “Oh! Meu Deus!” — pensou o menino. “Aonde andará ele?”. De repente, julgou descobrir. Sim, por que não pensara nisso antes? Talvez estivesse na cabana.

Só poderia estar na cabana. "Tem que estar lá" — pensou. — "Tem que estar".

Saiu do barracão e penetrou no mato. Era uma noite de lua-cheia e Ivan detestava andar ali em noites assim. Preferia a mais negra escuridão àquela claridade fantasmagórica que transforma as coisas mais simples e inocentes em monstros terríveis. Não havia quem o convencesse que a claridade da lua, no mato, não possuía algo de sobrenatural, aterrador e angustiante. Só em gravura de caixa de chocolate é que a lua dava à paisagem um aspecto tranqüilo, na realidade, um simples galho de árvore se transformava num esqueleto, uma folha numa fera desconhecida e pior do que tudo ainda as sombras pareciam estar cheias de serpentes com asas, leões com escamas, cavalos com garras de águias e tudo quanto fosse bicho alucinante. E como se isso ainda não bastasse, o resto, embora não se transformasse em nada, o atemorizava igualmente, porque perdia suas características de coisas conhecidas, de folhas, de vida, de coisa tenra ou flexível, para ganhar uma monótona e assustadora dureza de prata. Mas de uma prata morta e estranha. Uma prata de aspecto sinistro, como se viesse vingar-se dos homens.

Ivan, na orla do mato, parado, olhando e refletindo nisso tudo, pensou em voltar. Entretanto, lembrou-se que se não aproveitasse aqueles momentos, não teria outra oportunidade. Faria das tripas coração, indo de qualquer jeito. Decidiu caminhar depressa e rezando — porque, segundo sua mãe — rezando, o seu anjo da guarda o protegeria. Precisava chegar rápido à cabana e, se Abel não estivesse lá voltar correndo, sem olhar para os lados.

Mas Abel estava. No círculo capinado em torno do tronco da árvore, o vagabundo, de cócoras, falava qualquer coisa para si mesmo. Ivan, olhando-o, não pôde deixar de sentir medo, ainda que argumentasse consigo que não havia motivo nenhum para temor. Abel era seu amigo, mesmo que a claridade da lua transformasse o seu aspecto. No coração de Abel a lua não chegava. Lá dentro, ele era o mesmo Abel. Meio tolo, mas bom. Trapalhão, mas sempre disposto a ajudar. Cantor que não se fazia de rogado, ainda que só soubesse uma canção e a cantasse desafinada. O importante é que ele sempre fazia o que podia e da melhor maneira de que era capaz. O resto não dependia dele, não era sua culpa.

Entretanto, nenhum desses argumentos tranqüilizou Ivan. Arregalando os olhos, o menino só conseguia ver, emergindo da escuridão, o chapéu de Abel, que sabia imundo e disforme, adquiria uma estranha limpeza e dureza de metal. E, logo, embaixo do chapéu, viu as largas clavículas, junto a elas os joelhos e os longos braços abraçando a escuridão aonde deveriam estar as pernas dobradas, tudo naquele tom prateado duro, sem vida, e o resto do seu corpo, inclusive o rosto, era sombra, ausência, aquela estranha

escuridão cheia de perigos e traições.

"É o Abel" — pensou para encorajar-se. "É o Abel, é o Abel" — repetiu. Então, com menos medo chamou sem reconhecer a própria voz!

— Abel! ó Abel!

O vagabundo levantou a cabeça devagar e a cláridade da lua foi iluminando paulatinamente as partes salientes do seu rosto, fazendo-as mais projetadas e enchendo de sombras as zonas cavadas, num constante terrível, como se Abel de súbito emagrecesse muitos quilos e já não pertencesse a este mundo. Mas o verdadeiramente aterrador foi que ele não reconheceu logo Ivan e ficou a olhá-lo, assustado e atento, porque aquela claridade também transformara o menino. E foi só quando Ivan já pensava em fugir, que o vagabundo sorriu.

— Abel! — repetiu Ivan, mais calmo. — Amanhã eu vou embora. O outro pareceu não entender. — Vou embora para o Rio — disse Ivan lentamente. — Pego o trem e vou embora.

Só então o vagabundo compreendeu. Levantou-se de um salto, abrindo e fechando a boca, diversas vezes, sem conseguir dizer nada, como sempre acontecia quando se emocionava. Ivan olhou-o naquela angústia de querer falar e essa mesma angústia o foi contagiando. Então, sentindo-se também inibido em dizer qualquer palavra, surpreendentemente Ivan começou a reparar na aparência do outro. "Como está magro", pensou. "Parece que emagreceu 20 quilos". Abel continuava a abrir a boca e a fechar a boca, numa tentativa de falar e Ivan, sem absolutamente fazer caso disso, voltou a pensar: "Cresceu um meio metro. Nunca pensei que tivesse gente tão alta" e examinando as roupas de Abel, tornou naquela ordem de pensamentos absurdos. O terno dele parece de lata. Lata pintada de branco e preto."

Nesse momento Abel deu um passo à frente. É provável que tentasse abraçar o amigo, como vira tantas vezes as pessoas fazerem, quando se despediam na estação da estrada de ferro. Ivan não percebeu. Entretanto, aquele passo, em sua direção, fez com que o menino voltasse à realidade, lembrando-se do que viera fazer ali.

— Depois do carnaval, eu volto — disse. — Mas não foi pela briga. Já estava tudo resolvido por causa da Ceci que roubou umas garrafas de bebidas e foi tomar um porre com os amigos dela na casa daquele veranista que mora ali na esquina e... "Mas o que é que interessa isso?" — pensou. "Que besteira". Olha Abel — continuou. — Tu ficas e toma bem conta da cabana, ouviu?

O vagabundo continuava tentando falar, mas como não pudesse, soltou um soluço aflito, porque também não conseguia chorar.

E o soluço parecia mais o gemido de um animal preso e abandonado.

— Não chora, Abel! — pediu Ivan com toda a humildade. — Eu volto logo.

E foi então que Abel soltou um segundo soluço e começou a tremer. Ivan sem

suportar mais aquela angústia, voltou-se rapidamente, correndo em direção ao quarto, com a nítida sensação de que estava enlouquecendo — ou sonhando.

NA MANHÃ SEGUINTE, d. Maria acomodou os filhos dentro do trem, beijou-os, ajeitou as malas e saiu do vagão. Ivan olhava inquieto, e d. Maria, como se não soubesse o que o menino procurava, perguntou:

— O que é que tanto você olha?

— Nada.

— Veja quem está aí, Ceci — falou d. Maria observando o filho do diretor dos Correios aproximar-se.

A menina olhou, mas virou rapidamente o rosto para a frente. Não queria — ao menos naquele momento — aceitar nenhum perdão. O sorriso que viu no rosto do antigo namorado a humilhou ainda mais. Felizmente para todos, o trem apitou iniciando a marcha. D. Maria gritou o último conselho:

— Comportem-se direito, ouviram? Não deem aborrecimento à tia de vocês.

Ivan sentiu-se realmente decepcionado. Sentou-se, cruzou os braços e franziu as sobrancelhas. Quando se punha assim era intratável. Ceci fechou os olhos, reclinando a cabeça e, mesmo de pálpebras cerradas, as lágrimas escorriam pelo seu rosto. Os dois irmãos continuaram sem se falar nem se olhar até três quilômetros adiante onde o trem parava a fim de separarem a longa composição, para os vagões descerem a serra de dois em dois, puxados por locomotivas especiais, providas de cremalheiras. Saindo do seu desapontamento, Ivan começou a se interessar, pela centésima vez, por aquelas manobras.

Foi então que viu. E seu coração amargurado pulou de alegria como um cachorrinho novo. Abel, bem perto, sobre uma pequena elevação que dominava toda aquela área, o olhava, agoniado. O menino correndo até a plataforma do carro e, puxando o lenço do bolso acenou para o amigo, mesmo no momento em que a locomotiva avançava, iniciando a descida da serra. O vagabundo tirou o chapéu sacudindo-o freneticamente no ar. Ficaram naquele adeus longo e doloroso até o trem desaparecer lá em baixo, muito distante, numa curva da estrada. Abel, sem querer aceitar a realidade, continuou abanando para a pequena nuvem de fumaça da locomotiva que subia para o céu da manhã azul e tranqüila. Depois, até aquele tênue rôlo de fumo desapareceu. Então, o vagabundo enterrou raivosamente o chapéu na cabeça. Logo em seguida, sentiu-se muito deprimido e acorou-se, desanimado, triste, com o presentimento de que nunca mais veria o amigo.

A noite o surpreendeu no mesmo lugar. Alheio ao tempo, ficou ali até tarde, e pela primeira vez esqueceu de ocultar-se atrás do grande pinheiro para olhar os fregueses e as luzes do bar.

NUNCA MAIS ABEL voltou à estação de trens, pois apenas olhar o velho prédio já era o suficiente para sentir uma sensação amarga de abandono e desam-

paro. Se, às vezes, via-se forçado a passar por ali, virava o rosto perturbado, seguindo apressadamente seu caminho.

Na cidade, ninguém percebia a sua angústia, nem mesmo a sua existência. Agora, passava dias inteiros sem aparecer e diversas noites não tornou ao barracão, dormindo muito longe, ao relento. Essa nova vida lhe era prejudicial. Sua saúde piorava, os ataques repetiam-se em espaços menores, demorando mais tempo. Contudo, a esperança persistia e o mantinha de pé. Continuava sonhando e, agora, todos os seus sonhos eram, em última análise, apenas um: Ivan voltando. Ivan correndo em sua direção, de braços abertos. Ivan esperando-o dentro do barracão, para surpreendê-lo. Ivan gritando, chamando pelo seu nome. Ivan fazendo curativos no seu rosto ferido. Ivan lutando para defendê-lo. Ivan trazendo-lhe comida. Ivan discutindo gramática. Ivan pedindo-lhe para ajudar em algo. Ivan contando-lhe uma longa história. Ivan, Ivan, Ivan.

Entretanto, o verão, ausente daquele pequeno drama sem importância, continuava sua marcha, insensível e poderosa. Dia após dia, chegava gente nova. Dia após dia, a cidade crescia, avolumava-se, espalhava-se. Dia após dia, os garis varriam das ruas e das praças uma quantidade maior de papéis sujos, de coisas usadas. E a cidade não suportava aquela carga. Entupiam-se os esgotos, faltava água, a usina possuía um dispositivo automático e ao chegar ao limite máximo, esse dispositivo desligava a luz para evitar um curto-circuito. Lâmpioes substituíam a luz elétrica nos bares, restaurantes, lojas e oficinas. As casas mais luxuosas, os grandes hotéis, os cinemas e o cassino tinham barulhentos geradores de eletricidade que expulsavam com suas explosões uniformes o canto dos grilos, dos sapos, de todos os pequenos ruídos característicos da pequena cidade. E os que voltavam para casa a pé, em geral, traziam lanternas de pilhas e até o mais imprevidente tinha em casa um maço de velas.

Os veranistas procuravam divertir-se o mais que podiam, a fim de aproveitar aquele hiato rural nas suas vidas citadinas. Alguns exageravam um pouco, convencidos de estar no meio da selva, calçavam botas altas para dirigir seus luxuosos carros hidramáticos conversíveis ou dançar no cassino, agarrados a mulheres que sem se suggestionar continuavam usando seus vestidos de noite, suas jóias, seus perfumes franceses. O efeito era bizarro e divertido. O povo da terra se matava no trabalho para transformar aquele divertimento a prazo fixo no maior número possível de cruzeiros. E, nessa confusão e correria, a cidade chegou à semana de carnaval.

Na sexta-feira apenas, a direção da estrada de ferro fez correr um trem extra, mas, no sábado, todas as companhias de ônibus e lotações subiram e desceram a serra, incessantemente, para transportar um número de passageiros que parecia sem fim. Quase a totalidade dos táxis

desceu e encostou na estação ferroviária ou rodoviária para conduzir aqueles que não obtinham, nem mesmo em pé, uma passagem nos trens e nos ônibus. Os que possuíam automóveis rumaram pela autoestrada, pensando, talvez que não tinham problemas, porém, ao contrário, a estrada, serpenteando serra a cima se congestionara de milhares de carros, numa fila de quilômetros. Os motoristas, irritados, buzonavam numa recíproca tortura, avançando e parando até que o motor dos veículos, esquentando demais, não suportava o calor. Então encostavam e abriam o capô numa espera impaciente, enquanto enxugavam o suor do rosto.

A impressão geral é de que todos fugiam a uma epidemia. Na pequena cidade, já inteiramente cheia, os retardatários ajeitavam-se como podiam. Era comum dormirem na sala, varanda e até na garagem da casa de parentes e amigos. Alguns hoteleiros mais inescrupulosos depois de alojar seus hóspedes em corredores e varandas, utilizavam até banheiros onde armavam camas de lona. E surgiam também os inocentes que apareciam no trem da noite de sábado, sem reservar quartos, e o resultado é que vagavam pela cidade, com cara de vítimas, arrastando bagagem, mulher e filhos, até conseguirem um canto por pior que fosse, e se acomodavam de qualquer maneira, pagando preços de aposentos principescos de grandes hotéis. Outros dormiam mesmo dentro dos seus carros, com os pés para fora. Naqueles quatro dias, faltava tudo, a começar por gêneros alimentícios. Nos hotéis e restaurantes esperavam-se três horas para se almoçar ou jantar. Nas casas particulares, as empregadas resmungavam pelo excesso de serviço. Nos bailes disputavam-se as mesas no câmbio-negro. E, ao chegar, a primeira providência era a reserva para quatro dias depois, da passagem de volta.

Mas, apesar de tudo estavam convencidos de que se iam divertir no carnaval, porque só isso importava — divertir-se. Havia um prazo para eles: quatro noites e três dias. Dispunham-se a sacrificar tudo, para aproveitamento desse prazo. A vida era curta, cheia de perigos e traições. No fim, só restaria uma caveira. Era preciso viver, farrear, gozar a vida. Alguns não tinham consciência disso, mas bastaria olhar seus gestos para saber-se que pensavam assim. Outros, entretanto, conscientes, mostravam-se mais angustiados e, depois de beber muito, diziam isso com voz pastosa, num arremedo de hamelets grotescos. Iludiam-se mutuamente fingindo-se de alegres e exatamente os mais aflitos passavam pelos mais animados.

Abel, espantado e curioso, acompanhou toda aquela invasão. O mundo de repente pareceu-lhe enlouquecido, perdendo sua proporção, seu equilíbrio, sua lógica.

Em dezembro, começara a invasão, é verdade, mas dentro de um certo ritmo que lhe permitira acostumar-se. Agora não. Agora, era uma coisa alucinatória. Seus antigos amigos, irritados, corriam

de um lado para o outro, como baratas tontas sem se entender. Os estranhos não faziam caso, davam ordens e queriam ser servidos. Chegavam à cidade, vestidos normalmente e, logo no dia seguinte ou na mesma noite, surgiam bêbedos e metamorfoseados em piratas, baianas, romanos, legionários, havaianas, Marias-Antonietas sem falar naqueles que se vestiam como se fossem para a piscina, nos que se cobriam de andrajos, ou trocavam de sexo. E havia ainda alguns com fantasias tão estranhas, que eram uma porção de coisas, e, ao mesmo tempo, coisa nenhuma. E todos gritavam, dançavam, brigavam, jogavam confete, serpentina e cheiravam lança-perfume. Dançavam nos bares, nas casas, nos clubes, na piscina, dentro dos carros conversíveis e nas ruas. E se não tinham mulheres dançavam sôzinhos e, senão havia música dançavam com o próprio canto ou sem canto nenhum. Parecia que os salões, os bares e as ruas não estavam decorados com motivos alegres, coloridos, mas de caveiras e tibias cruzadas, como nos rótulos dos frascos de veneno, numa constante advertência.

Abel continuava olhando apavorado de longe, e, por isso, apesar de muito curioso, sempre mantinha uma distância prudente. Na segunda-feira, à tarde, distraiu-se e, quando viu, um grupo de mascarados bêbedos, corria em sua direção. O medo o imobilizou e, pensou em ser mascarado. Mas o grupo dançou em sua volta, jogando-lhe lança-perfume e confete, abraçando-o e o mais embriagado arrancou-lhe o chapéu, enterrando-o na própria cabeça e meteu na cabeça de Abel seu quepe de oficial de marinha. Tudo não passou de um ou dois minutos, e o grupo continuou dançando pela rua, deixando Abel com o quepe branco de pala virada para trás, verdadeiramente assombrado.

Aquilo fôra de mais. Se as coisas simples já custava tanto a entender, de que maneira compreenderia um tal gesto que constituía inversão completa de todo o seu conhecimento e experiência?

Foi então que Abel sentiu-se invadido pelo terror e por uma insegurança como até ali nunca sentira. Tremendo, olhou em volta à procura de um lugar que lhe desse um mínimo de proteção. Durante um certo tempo pareceu-lhe não existir um tal lugar no mundo inteiro. Os loucos que gritavam e riam, invadiram tudo. Súbito, lembrou-se do barracão. Havia muita gente dançando em redor do bar, mas agora não poderia evitá-la. Deveria alcançar o barracão, de qualquer maneira. Os tremores aumentaram e recebeu entrar em crise. A possibilidade de um ataque no meio dos mascarados apavorou-o ainda mais.

Quase correndo, capengando, cansado, Abel entrou no barracão e, acorando-se bem no fundo, no canto mais escuro, ficou quieto, tentando dominar o tremor do corpo.

Entre os troncos de lenha, surgiu a cabeça de um rato que, tão assustado como ele começou a examiná-lo atentamente.



JACK SOBLE, VOCÊ ESTÁ PRÊSO!

NOVA IORQUE, FEVEREIRO — Eu cometeria um pecado imperdoável para as normas comunistas: tomara férias sem a prévia consulta e aprovação de meus superiores em Moscou.

O resultado disso foi o seguinte: fui demitido de minhas funções na máquina de espionagem soviética e acusado de ter fugido com cerca de 30 mil dólares em dinheiro russo que me foram confiados para as despesas com as tarefas de espionagem. E por fim resolveram me abandonar como se eu fôra um João-ninguém.

Eis como aconteceu o meu erro:

No verão de 1952, trabalhava na França, quando o Departamento de Estado se negou a renovar meu passaporte. Eu pensei que se tratasse apenas de coisa da burocracia, e que logo regressasse aos Estados Unidos resolveria a questão. Mas o negócio saiu complicado. O FBI, que há muito tempo conhecia minhas atividades por causa dos informes dados pelo espião Boris Morros, que trabalhava como meu "correio", alertara o Departamento de Estado.

Quando a polícia secreta soviética descobriu que eu não me encontrava em meu posto, pediu a Morros que me procurasse nos Estados Unidos. Pouco tempo depois, quando eu já estava instalado num apartamento da avenida Riverside Drive, em Nova Iorque, Boris foi ver-me.

Ele trazia uma carta escrita em alemão pelo chefe da polícia secreta soviética, Alexander Korotov. Nessa carta "Ale-

xander" me informava claramente que eu não devia seguir, considerando-me à disposição de meus agentes, e me ordenava que prestasse contas exatas do dinheiro que me deram. Korotov também me notificou, avisando-me de que, daquele momento em diante, eu deveria receber ordens de Morros.

Aterrorizado, escrevi suplicando que tivessem paciência e compreensão para comigo. Expliquei minha situação e ofereci devolver ao agente que os soviéticos designassem a fábrica que comprara por 20 mil dólares em Venderie, França, para encobrir minhas atividades de espião.

"Agora está tudo bem, no que diz respeito à questão das finanças" — escreveu Peter, um dos homens com quem podia identificar-me.

Eu dissera que ele estava sofrendo terrivelmente, seus sofrimentos morais eram indescritíveis. Agora todo mundo lava as mãos e grita em cântico: "Peter desapareceu, Peter levou o dinheiro, Peter não é merecedor de nossa confiança".

"Se isto fôsse verdade, então que mal-dito seja o dia em que se deu dinheiro a Peter. A consciência dele está limpa, muito limpa. Certo que ele cometeria um gravíssimo erro ao aceitar dinheiro para abrir uma fábrica, porém para tirar conclusões... eu lhes peço paciência e confiança.

Não tive nenhuma resposta. A cada dia de espera minha tensão nervosa au-

mentava — até que chegou ao ponto crítico. De um dia para outro, minha mulher deixou de receber cartas de sua família, que se encontrava na Rússia. A terrível agonia da espera começava; na continuação nascia o temor de nossa segurança pessoal.

Eu e minha mulher decidimos ir ao Canadá, começar uma nova vida. Ali ficamos de 1953 até 1955, vendendo sedas.

Um belo dia Morros veio visitar-me, e me disse que Korotov "e o resto dos nossos antigos camaradas" do serviço secreto foram depurados. Disse-me que todos os nossos antigos superiores foram rebaixados e que a nova camarilha queria que fôssemos a Moscou. Eu disse a Morros que não regressaria à Rússia, porque estava convencido de que seríamos fuzilados.

Mas um novo fato veio aumentar mais ainda meus temores das represálias russas: a prisão de um dos mais velhos agentes pelo FBI me alertava do perigo de ser detido pelos agentes da lei norte-americana.

Estava atrapalhado. Para que lado deveria voltar-me?

Durante a maior parte da minha vida, desde a época em que me liguei ao movimento comunista, quando tinha 17 anos de idade, fôra ensinado a odiar os Estados Unidos. Tinha muito medo das autoridades norte-americanas e de tudo o que elas poderiam fazer-me.

(Cont. na pág. 50)



O desfile das Escolas e Academias do Samba começou com duas horas de atraso e acabou com quase dez.

PONTUALIDADE NÃO SE APRENDE NA ESCOLA (DE SAMBA)

ERAM 8,30 da manhã de segunda-feira quando a Portela começou a desfilar na Avenida Rio Branco, para ser a supercampeã das Escolas de Samba em 1958.

Pelo horário oficial, do Departamento de Turismo da Prefeitura (horário que nunca foi cumprido por culpa do Departamento), a Portela devia desfilar às 2,10 da madrugada.

Resultado: cansados, suados, sujos de sentar no chão, sem poder tirar efeito da iluminação bem preparada que levavam,

cri-
ther
ília,
ível
ua-
uça

ao
fi-
das.
me,
dos
se-
to-
ram-
que-
e a
por-
mos

nais
rus-
gen-
o de
orte-

de-
vida,
mo-
anos
Es-
au-
do o

50)



A "Ala dos Impossíveis". Para desfilar nesta ala é preciso ser bamba, grande passista, disciplinado, elegante.

contando com o mau-humor natural dos juízes (que levaram mais de 12 horas no palanque, comendo sanduíche e bebendo um pouco de água mineral) e enfrentando o calor que já era grande, renderam menos do que podiam.

Mas o suficiente para ganhar.

Alguns motivos da vitória da Portela :

1. a bateria, que veio na frente, com porta-estandarte e mestre-sala (uma novidade). Eram 120 homens, fantasiados. Até a roupa deles era especial: tinha estampado em azul, no fundo branco: "Bateria da Portela";
2. as baianas, que ficaram junto da bateria, cantando o samba bem alto, aumentando a animação e fazendo com que a Portela fôsse a melhor a desfilar;
3. Boaventura dos Santos, que puxou o canto;
4. o samba, com música muito bonita;
5. a fabulosa "Ala dos Impossíveis", com os melhores passistas exibindo-se em conjunto, os passos iguais;
6. Ari, o mestre-sala elegante;
7. Vilma, a porta-bandeira. Além de ter sido a melhor porta-bandeira, foi a mulher mais bonita do desfile. Estava casada há 15 dias.

Ari fez até passos de ballet na Avenida. Foi o mestre-sala





Instrumento novo na bateria: reco-reco-de-mola-de-porta-de-vai-e-vém.

-sala

mais elegante.

Vilma, a mulher mais bonita que o samba revelou em 58.





Os sucessos de Mangueira: as baianas e a "vedette".

O IMPÉRIO SERRANO e a Mangueira foram os dois grandes derrotados da noite. O Império perdeu o primeiro lugar (principalmente por desfilar de dia) e a Mangueira está arriscada a perder o terceiro, para o Salgueiro.

Eram 10 horas da manhã quando o Império apareceu de verde e branco. Enredo: Bárbara Heliadora.

Mangueira desfilou às 11,40 da noite, na véspera. Verde e rosa, tinha um samba muito bonito que dizia:

"Esse poema nasceu
da saudade do seu Brasil distante".
e que terminava com letra de Gonçalves Dias:
"Não permita Deus que eu morra
sem que volte para lá
Sem que reveja as palmeiras
ondê canta o sabiá".



Charuto. A bateria de Mangueira estava muito boa.

As damas de Mangueira, com sombrinha de renda, são





A bateria do Império também estava boa, mas não foi suficiente. O sol estragou a vitória.

famosas.

As morenas do Império desfilaram com cabeleiras: de Cr\$ 2.500,00.





A bandeira do Salgueiro este ano foi muito aplaudida.



E o primeiro mestre-sala fez tanto m...

Noel Rosa (o nome dele é esse mesmo) puxou o saniba.

O SALGUEIRO ESTE ANO fez bonito. E se os juízes fôsem bons talvez conseguisse até o vice. Mas o mais certo é que chegue em quarto..

O enredo dos Acadêmicos: O Corpo de Fuzileiros Navais (que faz 150 anos este ano).

Vinha, desde o começo, com vontade de ganhar. Quem puxava a Escola eram seis batedores, de vermelho e branco (as cores do Salgueiro) em motocicletas.

A bateria estava de Fuzileiros Navais, sambando como quem faz ordem unida. Na frente do palanque fizeram esquerda volver, sempre batucando.

Foi a Escola que melhor desfilou, em organização das Alas.

Mas desfilou de luto: Bala não saiu. Tudo pronto para o desfile, morreu a mulher dele.



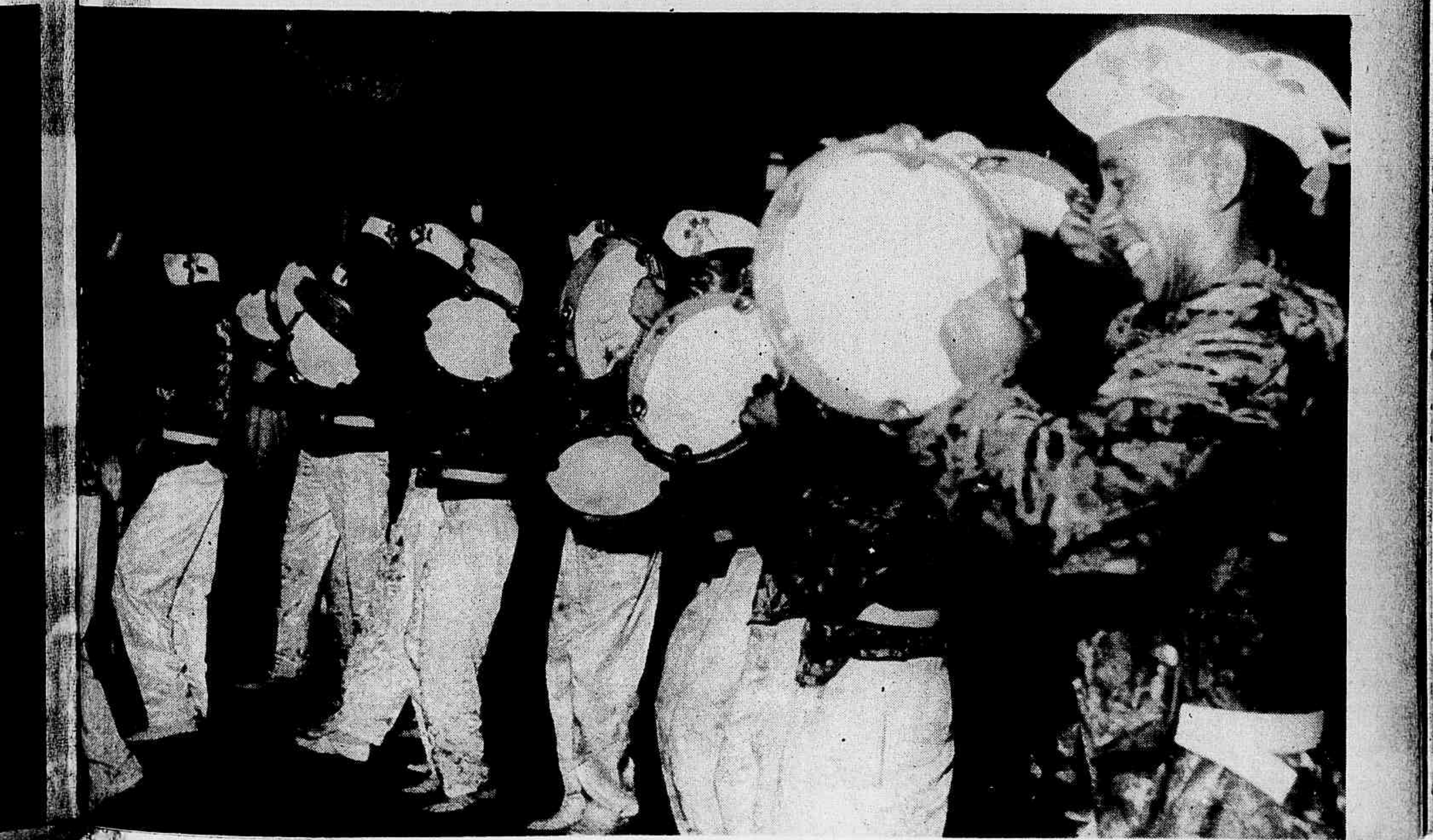


anto m-
niba.

cesso quanto o Ari.

Mas Paula(a melhor sambista) foi a grande atração do Salga.

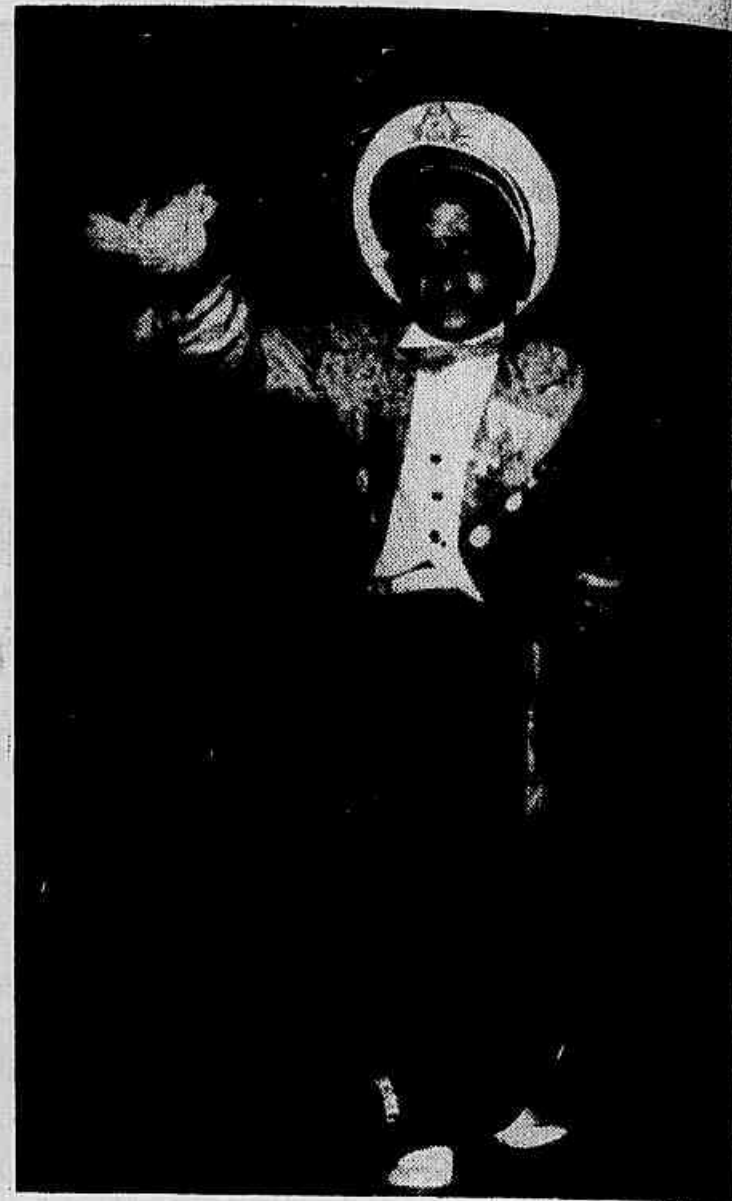
Um dos segre/los dos Acadêmicos estava na bateria. Parecia a Banda do Corpo de Fuzileiros.





A balana dos Unidos da Capela fêz sucesso. Mas era homem.

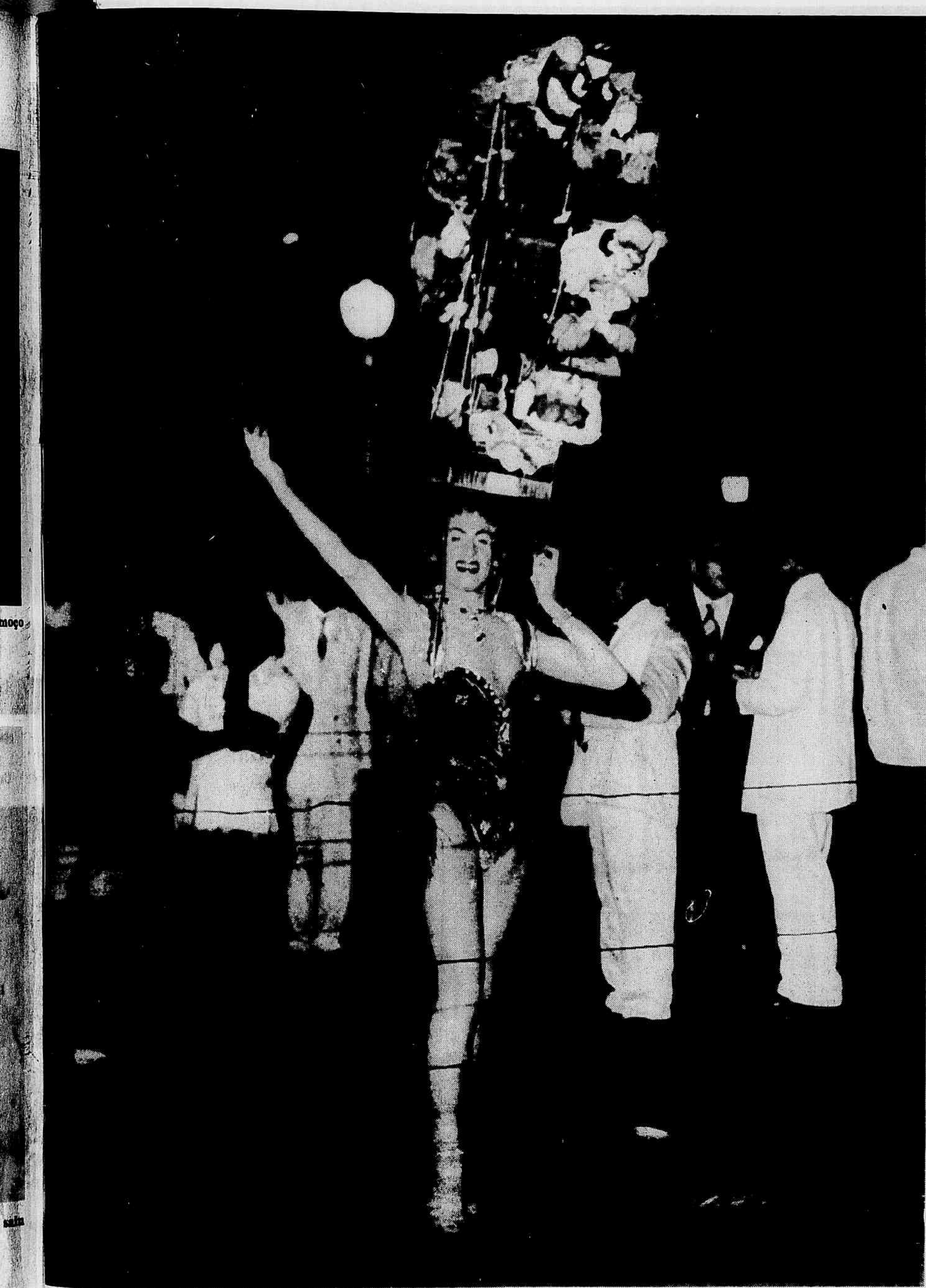
Dois grandes passistas: Cléber (12 anos) e Adir (14), do Tupi.



Manoellito, de Cabuçu, foi o mais moço do desfile.



A Comissão de Frente do Centenário saiu de casaca.



MELINDROSAS NO SALÃO



COMO ACONTECE todos os anos, a Chefia de Policia anunciou que não permitiria acontecer o chamado "Baile do Travesti". Mas, como acontece também todos os anos, vereadores influentes junto às autoridades e ligados aos grupos interessados conseguiram que nenhuma proibição "quebrasse uma tradição do Carnaval Carioca".

Resultado : segunda-feira de Carnaval, à noite, a Praça Tiradentes encheu para ver a entrada de fantasias tão ricas quanto as do Municipal, desenhadas e executadas pelas próprias mãos dos portadores.

Fantasia que mais deu : "Melindrosa".

Convidado, especialmente, a comparecer, Rock Hudson não pôde aceitar o convite. Motivo : o programa de Rock, traçado pela Universal, determinava que ele fôsse ao baile do Teatro Municipal.

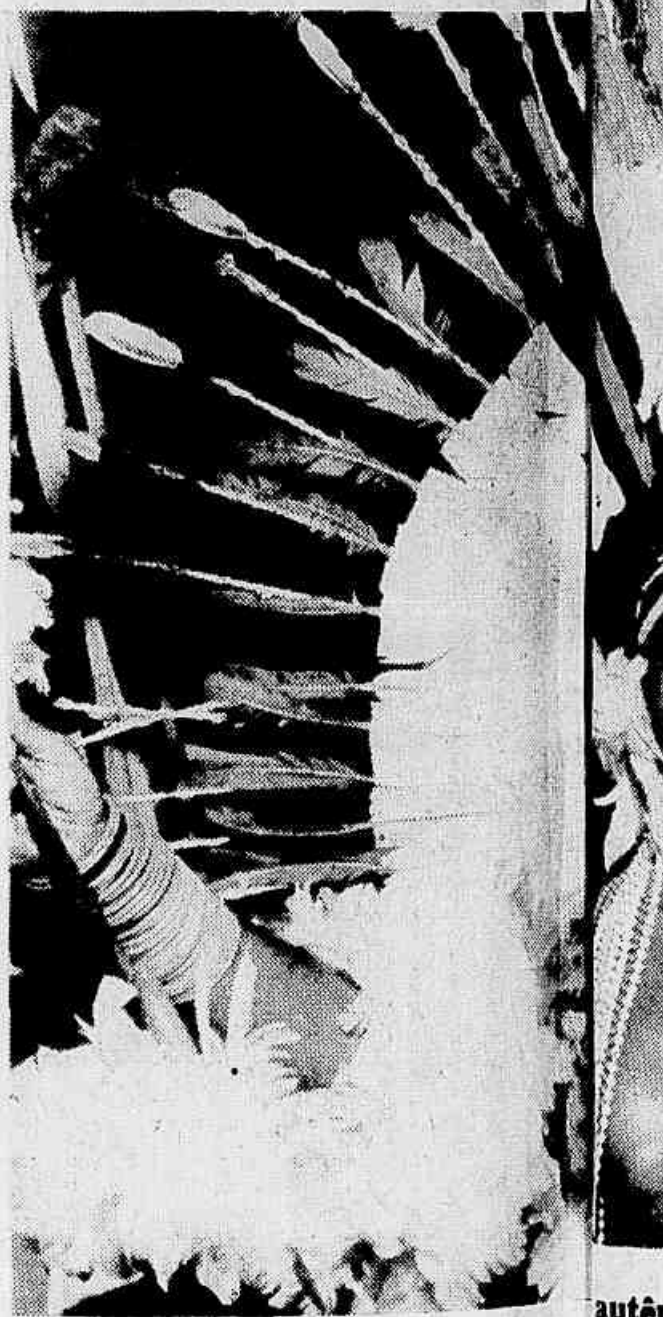




Zélia Hoffmann foi o primeiro prêmio de fantasia (mais uma vez).



Vencedor do ano passado, o



Este índio mandou vir tudo

Grandes ausentes, no Municipal:

A PERUA DO "MENU" E AS COBRAS (I



mesmo grupo foi o melhor deste ano.



autêntico, até um índio para pintá-lo.



Favorita da maior parte do público, Madalena dividiu com Zélia o 1.º lugar.

S (NA ENTRADA) DA D. LUZ DEL FUEGO



Valéria Amar brincou sôzinha, e não foi por falta de candidatos.

COM 6 MIL FOLIÕES acotovelados num espaço onde a rigor não caberia nem metade, houve na segunda-feira o tradicional e elegante rebolado de cinco horas seguidas no Municipal. Quatro mil pagaram entrada. Os outros dois mil tiveram mais sorte: não caíram com os Cr\$ 1.400,00 do ingresso, "convidados" que eram. No primeiro camarote da direita, Rock, Marylin (a que não é Monroe) com os seus romances "ad hoc": Ilka e Jorginho Guinle. No primeiro camarote da esquerda, fazendo "pendant", dois Chicos: o Negrão e o Carlos, com Wilza Carla de permeio.



Rock Hudson (entrevista 'no próximo



E quem não tinha um companheiro brin-

Foram gastos Cr\$ 3 milhões e 500 mil, sendo Cr\$ 700 mil para a confeitaria, Cr\$ 180 mil para a ponte de entrada, Cr\$ 120 mil para a decoração, além de outras bagatelas. Em compensação, a Prefeitura arrecadou Cr\$ 6 milhões (recorde) e embolsou a diferença. Baby e Linda Christian fizeram "forfait". Elvira Pagã, também. Com tão poucas atrações, o jeito que teve foi brincar mesmo, dando aqui e ali uma olhadela de soslaio para as pernas de Angelita ou de Tutsi, que se expunham lá no alto. E quando elas se escondiam por alguns instantes, restavam cá em baixo as de uma "bananeira", que andou dando uns cachinhos no meio



...mo
número) tocou pandeiro.



...n-
cava mesmo com a amiga.



Brincar sêzinha foi difícil, com tanto homem no salão e tão pouco pano no corpo.

do salão. Apanhá-los, foi impossível. Havia imunidades na boca de espera: Aarão Steinbruch, Cid Carvalho, etc.

No mais, foi como nos anos anteriores: muita animação, nenhuma "prise", pouca bebida (a dose a Cr\$ 120 e o litro a Cr\$ 2 mil). Para variar, d. Zélia Hoffmann e Zacarias do Rêgo Monteiro abischoitaram os primeiros lugares nas fantasias feminina e masculina. Tiveram de dividi-los, porém, com a "Izolda" de d. Madalena Santos e o "Mandarim" de Jorge Costa. Para variar também, o grupo masculino vencedor foi novamente o dos "Rituais Selvagens". Outras fantasias premiadas, pela ordem: "Medusa", "Maria Antonieta",

"Riquezas do Brasil", "Satélite Artificial", "Estrêla Dalva" e "Marquesa de Santos". Menção honrosa: a do "Índio", que de tanto se requebrar quase perde a dita e as penas.

Do menu, constavam: Fígues aux Jambon Cru; Grevettes Pannée; Dinde au Bon Gourmet; Sauce Tartare; Maçã Bonne Femme e outras denominações difíceis. Tudo isto queria dizer apenas: figo com presunto; camarões; perua; mólho e maçã, que em português mesmo alguns foliões mais felizardos tiveram a ventura de provar. Pois a perua do menu, este ano, esteve tão ausente quanto as cobras de d. Luz del Fuego.



O Mandarim (1.º prêmio) disse a verdade: a fantasia custou vinte e três mil cruzeiros.

A portuguesinha foi fantasiada de "Riquezas do Brasil".



Zacarias do Rêgo Monteiro foi o primeiro lugar mais uma vez no Municipal.



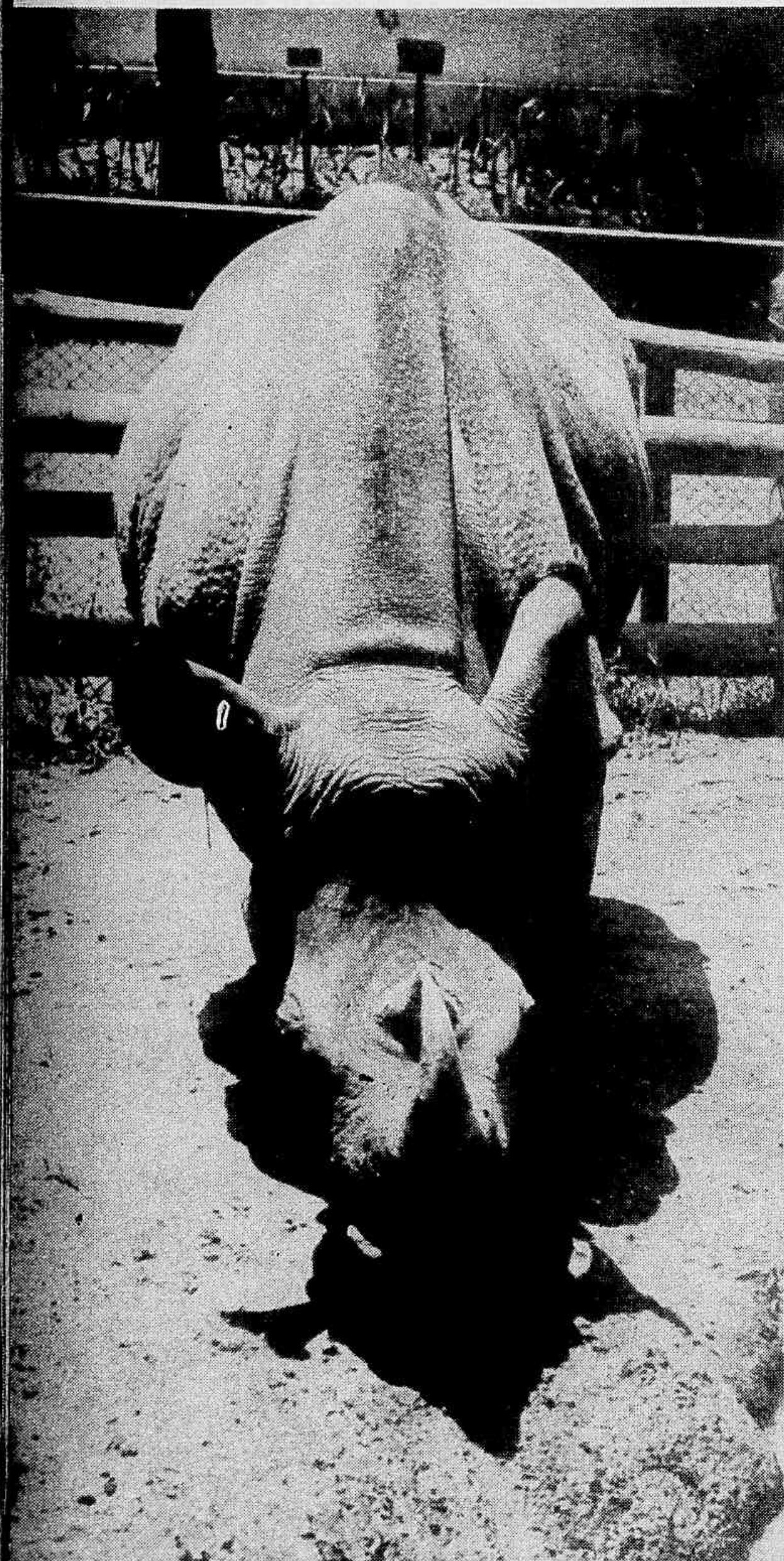
O rajá de Kapurtala mandou buscar dez.

Mr. Abernathy



CACARECO (SEM PODER AMAR)

SÓ GOSTA DE BROTINHOS



CACARECO, QUE é o rinoceronte mais visitado pelos frequentadores do Jardim Zoológico da Quinta da Boa-Vista, tem suas preferências: gosta muito de brotinhos (até 20 anos), principalmente se estiverem com vestido estampado. Não gosta de crianças buliçosas que não se conformam em vê-la de longe e pulam a grade de seu apartamento para passar-lhe a mão no chifre. Gosta muito de lama, e quando faz muito sol e não há lama natural, o tratador tem de fazer uma laminha artificial para ela brincar.

O QUE COME: Cacareco dá uma despesa de apenas 100 cruzeiros ao Jardim Zoológico. Eis o que ela come diariamente:

Alfafa	6 quilos
Banana	5 quilos
Abóbora	1 quilo
Farelo	3 quilos
Milho picado	2 quilos
Couve	1 quilo
Sal	40 gramas

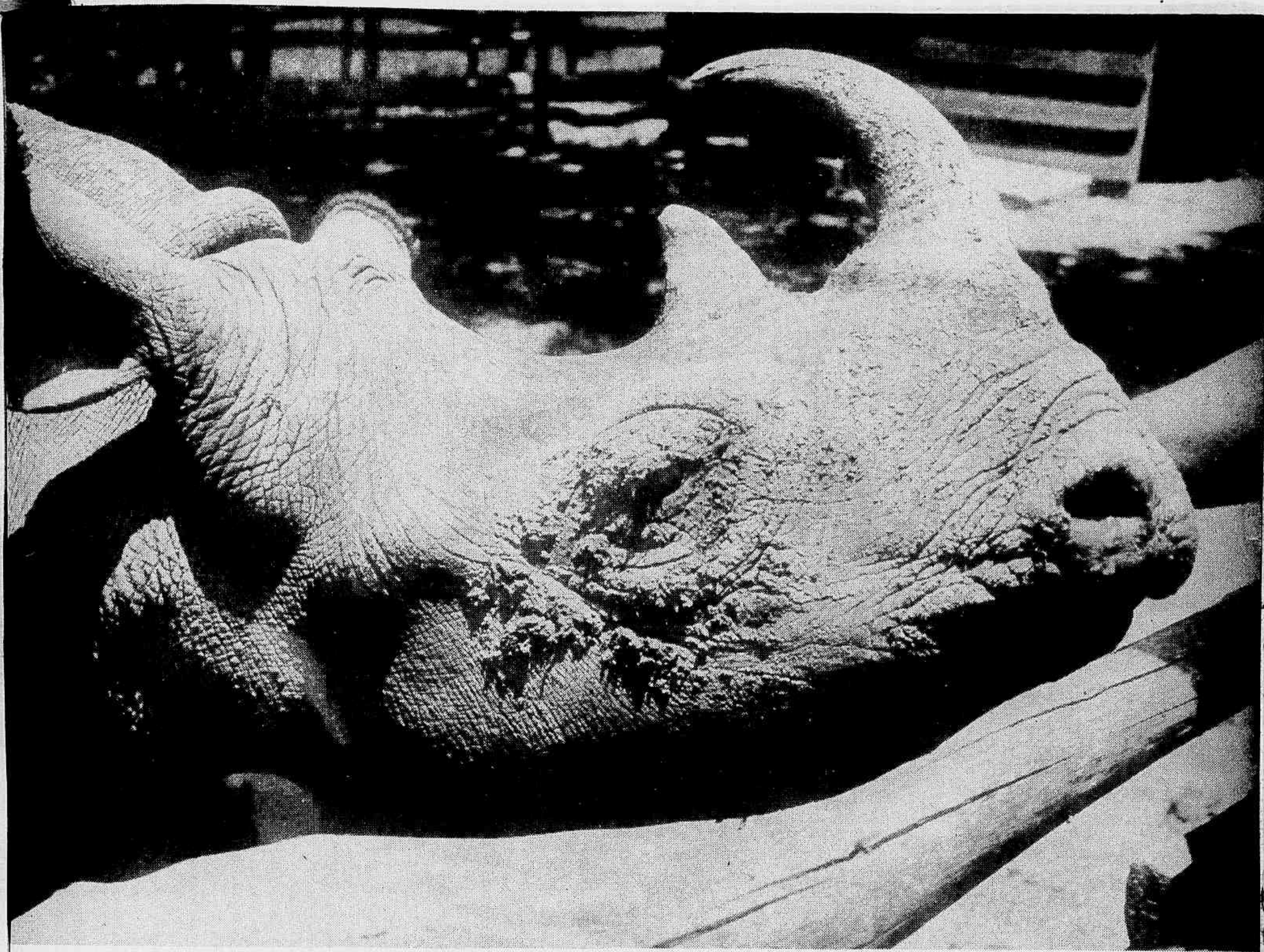
Total: 18 quilos e 40 gramas de comida por dia. Seus pais, que já têm 15 anos de idade, comem uns 30 quilos.

Cacareco ainda não pode amar. Rinoceronte, pela lei da natureza, só está no cio quando completa 5 anos de idade. Aí adquire o direito de ter um companheiro. Cacareco só tem 4 anos, e já em 1959 criará um sério problema para o Jardim Zoológico uma vez que estará na idade do amor. Se não lhe derem um companheiro, Cacareco reclamará e muita coisa poderá acontecer. Mas a Prefeitura talvez não possa comprar um marido para Cacareco, porque rinoceronte de sua idade é muito caro, custa cerca de 1 milhão de cruzeiros. Eles não reclamarão porque não têm espírito de família. O caso pode ser resolvido assim: tira-se Teresinha da companhia de Britador e faz-se o casamento do pai com a filha.

Cacareco viajará para São Paulo em companhia de seu tratador, Bergson, na véspera da inauguração do Jardim Zoológico de Água Funda. Vai de caminhão pertencente a uma empresa particular e todas as despesas correrão por conta do sr. Jânio Quadros, autor do convite. Todas as providências serão tomadas entre o diretor do Jardim Zoológico do Rio, sr. Melo Barreto e um emissário do governador paulista para garantir a integridade física de Cacareco. O rinoceronte ficará 2 meses em São Paulo.

Pele muito grossa e escura, olhos grandes, quadris largos e um chifre bem afiado, Cacareco ainda não ama porque é muito jovem e separada do pai desde que nasceu para não ser comida por ele.

Cacareco é rinoceronte e fêmea, foi o primeiro a nascer no Brasil e o segundo do mundo em cativeiro. Agora ela vai

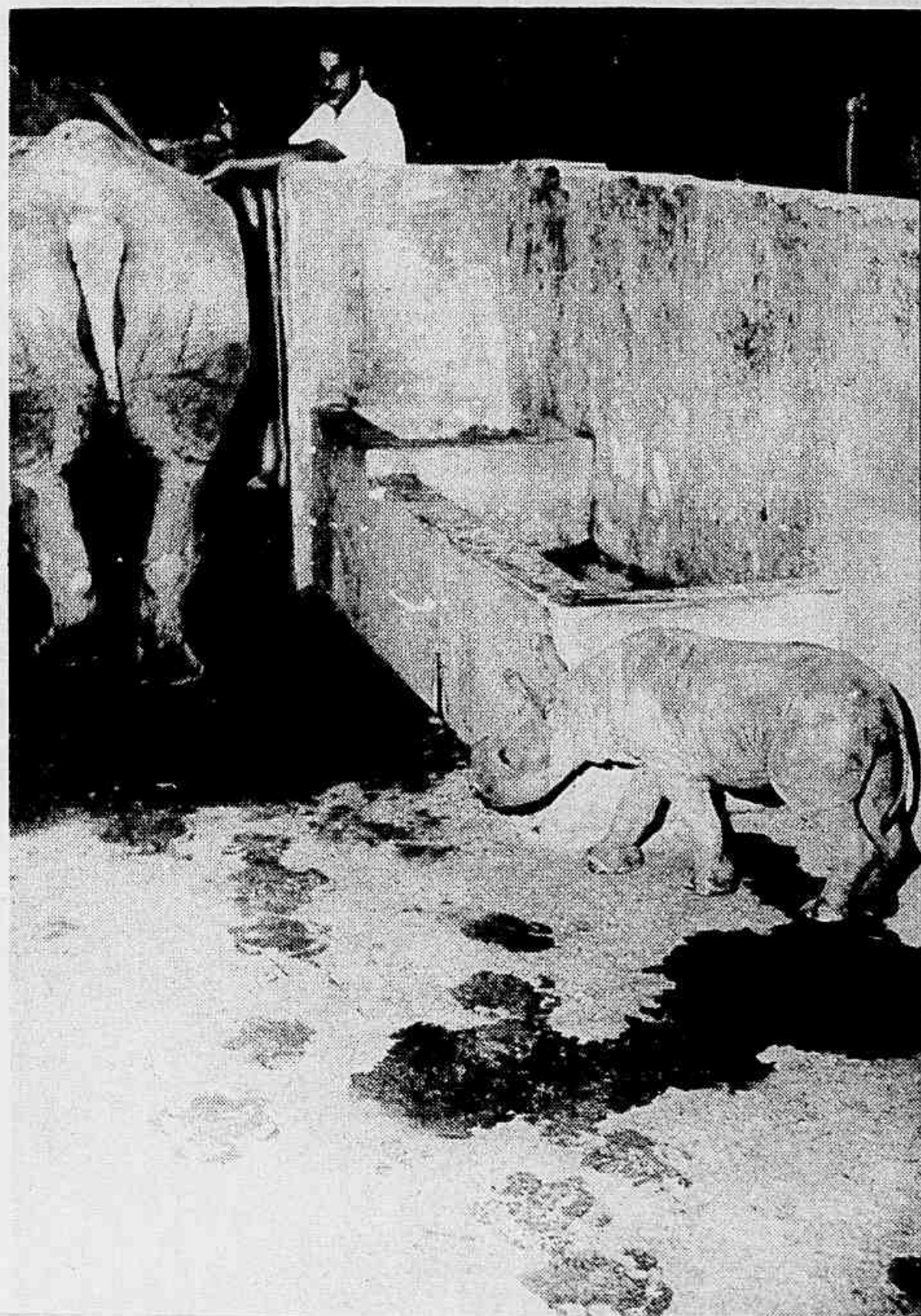


acontecer em São Paulo, a convite do sr. Jânio Quadros, para a inauguração do Jardim Zoológico de Água Funda.

Cacareco é a primeira filha de Britador e Teresinha, dois grandes rinocerontes comprados em Kênia pelo Jardim Zoológico da Quinta da Boa-Vista. Pertenciam ao sr. Carr Hartley, escocês que vive em Rumaruti, no Território do Kênia, alugando rinocerontes aos produtores cinematográficos que aparecem por lá para fazer filmes sobre a África e os bichos. Por isso Teresinha e Britador foram artistas por um tempinho, no filme "Esplendor Selvagem".

Teresinha e Britador chegaram ao Rio em 1948 com seis anos de idade. Em 1954 tiveram o primeiro filho, Cacareco, e depois Quindim (macho) que morreu. Há 20 dias nasceu a terceira filhinha do casal, Pata-Choca, que ainda não foi apresentada ao público porque ainda está tomando leite nas tetas da mãe. O pai fica separado deles porque senão fica com ciúmes da mãe com a filha e pode comer Pata-Choca. Rinocerontes não têm espírito de família, dizem os tratadores. Eles comem os filhos tranqüilamente, desde que se aborreçam.

Os rinocerontes são bichos valentes e respeitados por todos os animais das selvas, inclusive as feras. Enfrentam tigre e leão e quase sempre vencem a briga porque são mais fortes e hábeis na luta. Mas não atacam. São inteligentes (um pouco menos que os elefantes) e atendem pelo nome. Quando têm filhos amolam o chifre para defendê-los. O leite do rinoceronte é considerado de primeira qualidade, muito mais forte que o da vaca. E mais doce. Para compensar três litros de leite de rinoceronte os tratadores têm de arranjar pelo menos 20 litros de leite de vaca.





HUMOR

Maquiavel

LÊ-SE NAS MEMÓRIAS antigas das coisas de Florença uma história referida por todos os seus contemporâneos. Certa vez, absorto em suas orações, graças a elas pôde ver como um número infinito de almas de míseros mortais que morreram sem a graça de Deus iam para o Inferno, e como todas ou a maioria delas lamentavam ter-se casado, pois era esta, e não outra, a causa de tamanha infelicidade. Minos e Radamanto, junto com os outros juizes infernais, ficaram muito admirados e, não podendo dar crédito às calúnias que aquelas almas lançavam ao sexo feminino, fizeram disso um relatório regular a Plutão, tanto mais que a grita aumentava a cada passo. Plutão deliberou examinar o caso de perto com todos os príncipes do Inferno e, depois, tomar o partido que fôsse julgado mais conveniente para descobrir a falácia e saber toda a verdade. Convidou-os, pois, ao conselho, e falou nestes termos:

— Embora eu, meus diletíssimos amigos, por disposição celeste e sorte fatal, de todo irrevogável, possua este reino e não possa ser submetido a nenhum juízo nem celeste nem mundano, contudo resolvi consultar-vos. De fato, revelam grande prudência os mais poderosos, se se curvam êles mesmos às leis e levam em conta a opinião alheia. Dizei-me como devo proceder num caso que poderia redundar em infâmia para o nosso império. Todas as almas de homens que entram em nosso reino pretendem ter sido causa disto a própria mulher, o que nos parece impossível. Se condenarmos tal afirmação, talvez os levianos nos acusem de crueldade; se não o fizermos, talvez os injustos nos julguem demasiado indulgentes e pouco amantes da justiça. Querendo evitar uma e outra acusação, e não en-

contrando o meio, decidimos convocar-vos para que nos ajudeis com vossos conselhos e façais que este reino continue a viver sem infâmia, como sempre tem vivido.

Cada um daqueles príncipes achava o caso importantíssimo e de grande monta. Estavam todos de acôrdo em que era necessário descobrir a verdade, mas discordavam quanto à maneira de o fazer. Uns julgavam que se devia mandar um dêles ao mundo, outros que vários, para conhecerem ali pessoalmente, sob forma humana, o que era a verdade. Outros pensavam que não havia necessidade de tanto incômodo: bastava obrigar várias almas, por meio de diversos tormentos, a confessá-la. Como, porém, a maior parte se declarasse pela primeira opinião, foi adotada esta. Ninguém, entretanto, se oferecia espontaneamente, a tentar a empreza; recorreram, pois, à sorte. Esta recaiu sobre Belfagor, arquidiabo, que anteriormente — antes de cair do céu — era arcanjo.

Belfagor aceitou o encargo com repugnância, mas o poder de Plutão constrangeu-o a executar o que o conselho resolvera, e teve de consentir nas condições solenemente aceitas por todos. Tinha sido deliberado, com efeito, que aquêle a quem coubesse a sorte receberia imediatamente cem mil ducados, e com êstes viria a nascer no mundo, a casar-se sob forma humana e viver com a mulher durante dez anos; depois, fingindo morrer, voltaria e exporia a seus superiores, fundado em sua própria experiência, quais são os encargos e os incômodos do casamento. Fôra resolvido também que durante o tempo em aprêço ficaria submetido a todos os achaques e males a que estão sujeitos os homens, sem excluir a

pobreza, a prisão, as doenças e todas as desgraças que aos mortais ocorrem, salvo se por meio de engano e astúcia conseguisse livrar-se delas.

Aceitas, pois, as condições e os ducados, Belfagor foi-se ao mundo e, devidamente provido de cavalos e companheiros, entrou honrosissimamente em Florença. Escolhera esta cidade, de preferência a todas as outras, para seu domicílio, por lhe parecer entre todas a mais apta a suportar quem quisesse viver empregando seu dinheiro em negócios. Fêz-se chamar Roderigo de Castela e alugou casa no bairro de Todos os Santos. Para que não lhe pudessem investigar os antecedentes, afirmou ter partido de Espanha ainda pequeno; dali fôra à Síria e a Alepo, onde ganhara tudo o que tinha; de lá, viajara para a Itália a fim de casar-se num lugar mais humano, mais conforme à vida civilizada e à sua própria índole.

Era Roderigo um belíssimo rapaz, que aparentava trinta anos. Em poucos dias demonstrara quantas riquezas tinha e dera provas de sua liberalidade e humanidade; e logo vários cidadãos nobres, providos de muitas filhas e pouco dinheiro, ofereceram-lhe seus préstimos. Entre todas, Roderigo escolheu uma belíssima rapariga chamada Honesta, filha de Américo Donati, que tinha mais três filhas, quase em idade de casar, e três filhos já adultos. Embora de família muito nobre e tido em bom conceito em Florença, era Américo bastante pobre, tendo-se em vista sua numerosa prole e sua nobreza.

Roderigo celebrou núpcias esplêndidas e magníficas, nada omitindo de todas as coisas que em tais festas se exigem. Pela lei que aceitara ao sair do Inferno, estava sujeito a todas as paixões humanas;

BELFAGOR

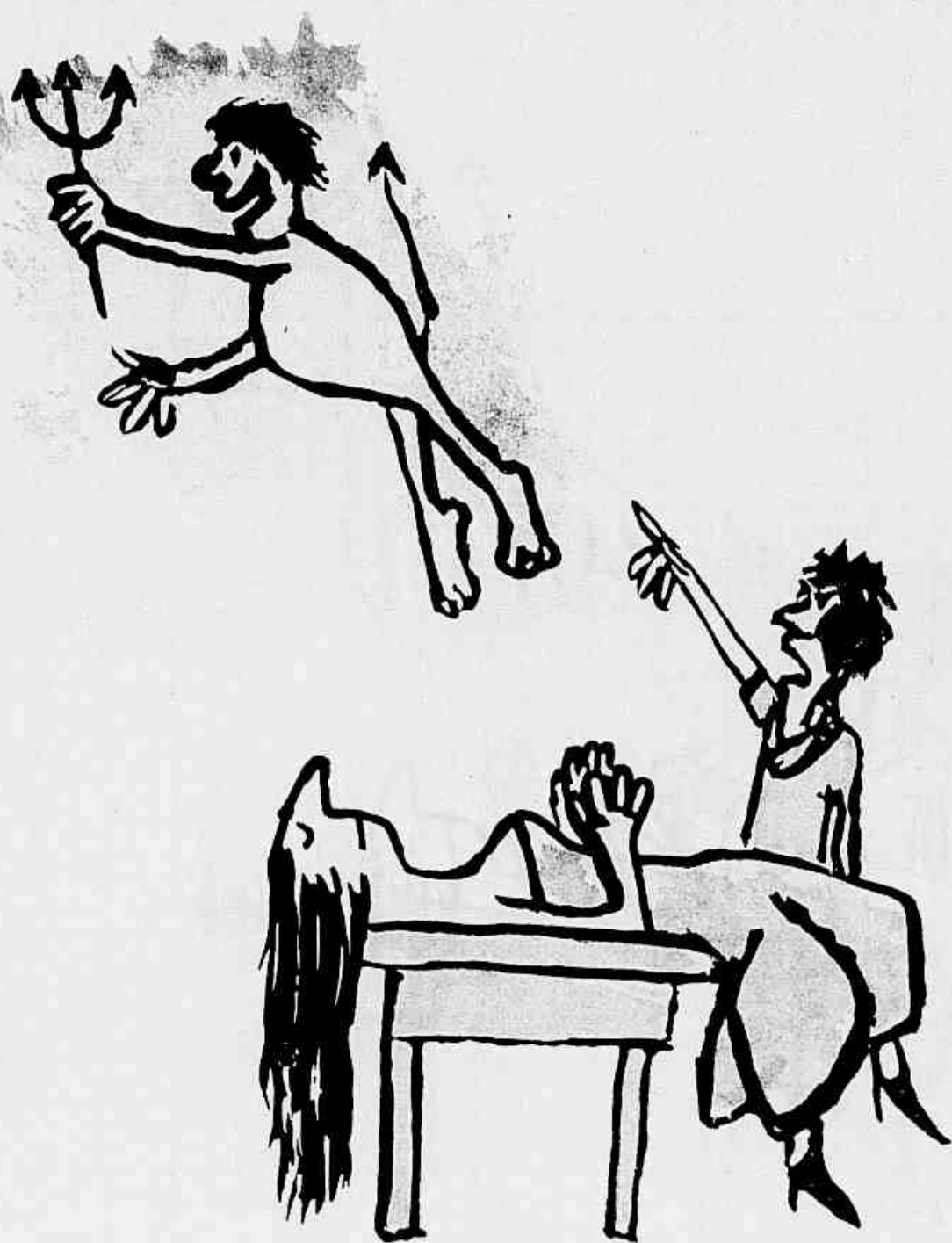
(NOVELA AGRADABILÍSSIMA)

assim, logo entrou a deleitar-se com as honras e a pompa do mundo, e a gostar de ser louvado entre os homens, coisas que lhe acarretavam despesa não pequena. Por outro lado, não tardou muito a apaixonar-se perdidamente por sua dona Honesta, nem mais podia viver

quando a encontrava triste ou aborrecida por alguma razão.

Trouxera consigo dona Honesta, para a casa de Roderigo, além da nobreza e beleza, tanto soberba quanta nem Lúcifer tivera jamais; Roderigo, que experimentara uma e outra, julgou superior a da

mulher. À medida, porém, que ela percebia o amor que lhe votava o marido, crescia-lhe sobremodo o orgulho. Pensava que o podia dominar em tudo, dava-lhe ordens sem o menor respeito ou piedade, e, quando ele lhe negava alguma coisa, não tinha para contentá-la, vestindo-a segundo os novos costumes e as modas recentes, que a nossa cidade varia por hábito natural; nem lembrarei que, para que ela o deixasse em paz, teve ele de ajudar o sogro a casar as outras filhas, o que lhe fez despendar também uma importância considerável. Depois disso, desejando manter-se em boa paz com ela, consentiu em mandar um dos irmãos da mulher para o Levante com casimiras e outro para o Ocidente com sedas, ao passo que para o terceiro abriu em Florença uma oficina de ourives, em que gastou a maior parte do dinheiro que tinha. Além disso, nas festas de carnaval e de São João, celebradas pela cidade inteira segundo tradição antiga, quando grande número de cidadãos nobres e ricos se honram uns aos outros com esplêndidos banquetes, dona Honesta, para não ficar atrás das outras senhoras, queria que o seu Roderigo superasse a todos os demais na organização de uma festa. Todas essas coisas, suportava-as Roderigo pelos motivos supracitados; apesar de gravíssimas, nem graves as teria achado se tivessem introduzido a paz em sua casa, permitindo-lhe aguardar em sossêgo o momento de sua própria ruína. Mas foi o contrário que aconteceu, pois a índole insolente da esposa, além das despesas insuportáveis, carregava-lhe um sem número de aborrecimentos. Nenhum criado da casa a agüentava, não digo por muito tempo, mas nem sequer por alguns dias. Para Roderigo era o mais duro dos incô-



modos não possuir um criado que tivesse amor à sua casa. Os próprios diabos que trouxera consigo como domésticos preferiam voltar aos fogos do Inferno a viver no mundo às ordens daquela mulher.

Assim continuava Roderigo na sua vida tumultuosa e inquieta. Tendo já consumido nas despesas desenfreadas o que reservara de dinheiro líquido, começou a viver à espera das entradas que aguardava do Ocidente e do Levante. Como ainda tivesse bom crédito, pediu dinheiro emprestado, para não ficar aquém de sua condição; e já certo número de letras sacadas por ele circulavam na praça, o que logo foi notado pelas pessoas que trabalham neste ramo de negócios. Já a situação de Roderigo estava bastante incerta, quando de súbito chegaram notícias do Levante e do Ocidente; aqui, um dos irmãos de dona Honesta perdera no jogo todo o dinheiro de Roderigo; ali, o outro, ao voltar em um navio carregado de suas mercadorias, que aliás não estavam no seguro, afogou-se com toda a carga.

Mal foram divulgadas estas novas, os credores de Roderigo reuniram-se. Julgavam-no um homem liquidado, mas não podiam tomar ainda providências por não ter expirado o prazo das cobranças; resolveram, pois, mandar observá-lo habilmente para que num abrir e fechar de olhos não lhe fugisse das mãos. Por sua parte, Roderigo, não vendo outro remédio e sabendo as obrigações que lhe impunha o pacto infernal, decidiu fugir de qualquer maneira. Certa manhã, montou a cavalo e saiu da cidade pela porta do Prato, perto da qual morava. Espalhada a notícia de sua fuga, os credores alarmados recorreram às autoridades e puseram-se no encalço dele, acompanhados não apenas dos meirinhos, mas também de muitos populares.

Quando se levantou atrás dele a polvorosa, Roderigo estava apenas a uma milha de distância da cidade. Vendo-se acuado, saiu da estrada e procurou pôr-se a salvo nos campos. Mas as numerosas valas que atravessam a região impediram-no de prosseguir a cavalo, de que sorte que abandonou a sua montaria e continuou a fuga a pé, atravessando um campo sobre outro, abrigado pelas vinhas e canaviais abundantes. Assim chegou à casa de João Mateus del Bricca, lavrador de João del Bene. O acaso fê-lo encontrar-se com João Mateus, que trazia de comer aos bois. O fugitivo recomendou-se a ele, prometendo-lhe que, se o salvasse de seus inimigos, que o perseguiriam para fazê-lo morrer na prisão, o tornaria rico, coisa de que lhe daria uma prova antes mesmo de sair de sua casa; se não o fizesse, concordava em que o próprio camponês o entregasse a seus adversários.

Embora simples aldeão, João Mateus era o homem de coragem. Julgava que nada tinha de perder se tentasse salvá-lo e prometeu-lhe o seu auxílio. Havia adiante da casa um montão de estrume: foi lá que o escondeu, cobrindo-o de ca-

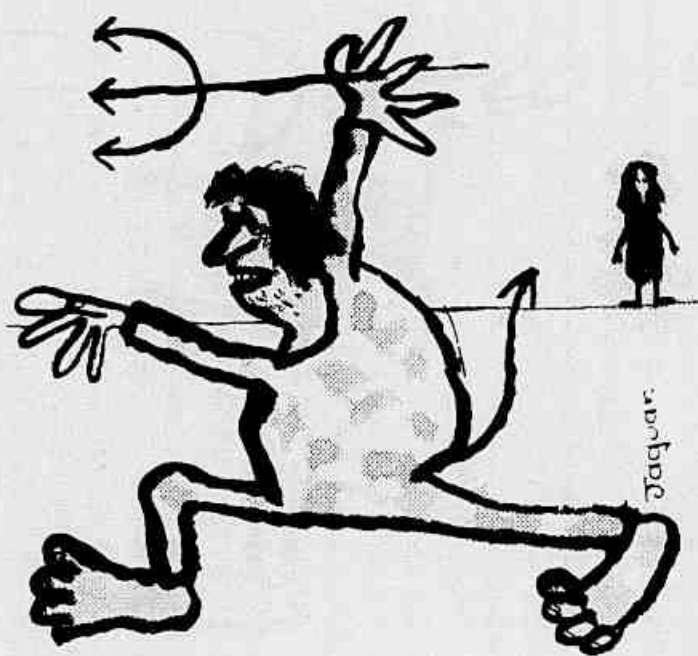
niços e raminhos reunidos para fazer fogo.

Mal acabara Roderigo de esconder-se, chegaram os seus perseguidores. Por mais ameaças que fizessem a João Mateus, não conseguiram levá-lo a confessar que o vira. Partiram, pois, e, depois de procurá-lo por todo aquele dia e mais o seguinte, retornaram a Florença, exaustos.

Cessada a agitação, João Mateus tirou Roderigo do esconderijo e pediu que cumprisse a promessa, ao que Roderigo lhe disse:

— Irmão meu, tenho para contigo uma grande obrigação e quero cumpri-la de qualquer modo; e, para que acredites que o posso fazer, dir-te-ei quem sou.

Nisto, revelou a sua identidade, contando em que condições saíra do inferno e como se casara. Explicou-lhe, a seguir, como pretendia fazê-lo rico. O seu projeto, em resumo, era o seguinte: logo que João Mateus ouvisse que alguma mulher estava espiritada, devia saber que era ele, Roderigo, que se apoderava dela; nem sairia do corpo da vítima sem que João Mateus viesse tirá-lo: destarte, o camponês poderia pedir aos parentes da endemoinhada o preço que entendesse. João



Mateus aceitou a proposta, e Roderigo partiu.

Passaram-se poucos dias, e por toda Florença espalhou-se a notícia de que uma filha de mestre Ambrósio Amadei, casada com Buonaiuto Tetalducci, estava espiritada.

Os parentes não descuravam nenhum dos remédios a que se recorre em casos semelhantes; assim, puseram-lhe na cabeça o crânio de São Zenóbio e o manto de São João Gualberto. Roderigo, porém, zombava de tudo aquilo. E, para dar a entender a todos que o mal da moça era um espírito e não qualquer imaginação fantástica, falava latim, discutia coisas de filosofia e descobria os pecados de muitos, desmascarando, entre outros, a um frade que guardara em sua cela, durante quatro anos, uma mulher vestida à maneira de fradinho, coisas que enchiam a todos de espanto. Mestre Ambrósio estava aborrecidíssimo e, tendo experimentado em vão todos os remédios, perdera a esperança de curar a filha, quando João Mateus veio ter com ele,

prometendo-lhe a saúde da filhinha se lhe desse quinhentos florins para comprar uma propriedade em Peretola. Mestre Ambrósio aceitou a proposta. Então, João Mateus, depois de mandar dizer certo número de missas e executar algumas cerimônias para embelezar a coisa, achegou-se à moça e segredou-lhe ao ouvido:

— Roderigo, estou aqui a aguardar que me cumpras a promessa.

Ao que Roderigo respondeu:

— Com o maior prazer. Mas isto não chega ainda a tornar-te rico. Eis porque, apenas saído daqui, entrarei na filha do rei Carlos de Nápoles, e de lá não sairei sem que me chames. Então exigirás uma propina a teu contento, e depois disso não deverá incomodar-me.

Nisto saiu do corpo da doente, com alegria e admiração de toda Florença.

Não passou muito tempo e já se espalhava por toda a Itália outro acidente, ocorrido com a filha do rei Carlos. Como o remédio dos frades não servisse, o rei, que ouvira falar de João Mateus, mandou-o chamar.

Chegando a Nápoles, este, depois de algumas cerimônias fingidas, curou-a. Entretanto, Roderigo, antes de sair do corpo da princesa, disse-lhe:

— Olha, João Mateus, cumpri a promessa de te enriquecer. Assim, descobri-me contigo, e não te devo mais coisa alguma. Portanto, andarás acertado em nunca mais aparecer, pois, assim como te fiz bem até hoje, de agora em diante te farei mal.

João Mateus voltou a Florença riquíssimo, tendo recebido do rei mais de cinquenta ducados. Estava resolvido a gozar em sossêgo a opulência, sem acreditar que Roderigo pensasse realmente em prejudicá-lo. Bem cedo, porém, foi desiludido, pela notícia de que uma filha de Luís VII, rei de França, estava espiritada. Essa notícia perturbou completamente a alma de João Mateus, que não cessava de pensar na autoridade daquele monarca e nas palavras que lhe dissera Roderigo. De fato, o rei, como não encontrasse remédio para o mal de sua filha, e tendo ouvido falar da capacidade de João Mateus, mandou-o chamar, primeiro simplesmente por um correio; mas, visto que o homem alegava certa indisposição, viu-se o rei forçado a recorrer à Signoria (o governo de Florença), a qual obrigou João Mateus a obedecer.

Desesperado, este foi a Paris, onde começou por explicar ao rei que efetivamente havia curado, já certas endemoinhadas, mas que isto não queria dizer de maneira alguma que soubesse ou pudesse curá-las todas, pois há algumas de natureza tão perversa que não temem ameaças, nem encantamentos, nem religião alguma; que todavia estava pronto a fazer o que pudesse, mas pedia desculpa e perdão se não fôsse bem sucedido. Enfasiado, o rei declarou que, se não lhe curasse a filha, mandaria enforcá-lo. João Mateus viu-se em grandes apuros, mas fez da fraqueza força: man-

dou vir a endemoinhada, e, achegando-se-lhe ao ouvido, recomendou-se humildemente a Roderigo, lembrando-lhe o benefício prestado e como seria ingrato se o abandonasse naquele transe.

Irre! — exclamou Roderigo. — Então, miserável taridor, ainda tens a coragem de te apresentar diante de mim? Pensas poder-te gabar de que enriqueceste com o meu auxílio? Pois hei de mostrar-te, a ti e a todos, que sei dar e retirar qualquer coisa, a meu talante; e, antes que partas daqui, mandarei enforcar-te, de qualquer maneira.

Em tais conjunturas, João Mateus, não vendo remédio, resolveu tentar a fortuna por outro meio. Mandou embora a espiritada e disse ao rei:

— Senhor, como declarei a Vossa Majestade, há muitos espíritos tão malignos que com eles ninguém pode; pois este é um deles. Mas quero fazer uma última experiência: se fôr bem sucedido, Vossa Majestade e eu teremos alcançado o nosso fim; em caso contrário, estarei nas mãos de Vossa Majestade, que saberá ter comigo a compaixão a que se faz jus a minha inocência. Mande Vossa Majestade erguer na praça de Nossa Senhora um grande estrado, em que caibam todos os barões e todo o clero desta cidade; mande orná-lo de panos de seda e ouro e erguer no meio dele um altar. Quero

que domingo próximo Vossa Majestade, com o clero e todos os seus príncipes e barões, se reúnam no estrado, com pompa real, vestidos de trajes ricos e esplêndidos. Depois de celebrada a Missa, Vossa Majestade fará vir a endemoinhada. Quero, além disto, que num ângulo da praça haja pelo menos vinte pessoas munidas de trompas, cornetas, tambores, cornamusas, címbalos, timbales e outros instrumentos de toda espécie. Quando eu levantar o chapéu, todos deverão tanger os seus instrumentos e encaminhar-se em direção ao estrado. Estas coisas, junto com certos outros remédios secretos, julgo farão partir o tal espírito.

O rei ordenou tudo isso. Chegou a manhã de domingo. O estrado estava cheio de personagens e a praça de povo. Celebrada a missa, a espiritada foi conduzida ao estrado por dois bispos e muitos senhores. Ao ver tamanho ajuntamento e tanto aparato, Roderigo ficou quase tonto e disse consigo: "Que terá inventado esse miserável traidor? Pensa espantar-me com esta roupa? Não saberá que estou acostumado a ver as pompas do Céu e as fúrias do Inferno? Hei de castigá-lo, seja como fôr".

Quando depois João Mateus se aproximou dele novamente e lhe pediu que saísse, ele falou-lhe assim:

Bela idéia a tua, na verdade. Que

pensas alcançar com todo este aparato? Acreditas escapar assim ao meu poder e à ira do rei? Miserável ladrão, farei enforcar-te de qualquer maneira!

Como não cessasse de repetir estas palavras, acrescentando-lhes outras menos injuriosas, João Mateus achou bom não perder mais tempo. Fêz o sinal com o chapéu, ao que todas as pessoas encarregadas de fazer barulho tocaram os seus instrumentos e com um rumor que ia ao céu foram-se chegando ao estrado. O barulho aguçou os ouvidos a Roderigo, o qual, não entendendo o que era aquilo, assombrado, pediu a João Mateus que lho explicasse. Este lhe respondeu muito perturbado:

— Ai, meu Roderigo, é a tua mulher que vem buscar-te!

Era coisa admirável a alteração produzida na mente de Roderigo pelo nome da mulher. Tamanho lhe foi o espanto que, sem indagar de si mesmo se era possível que a mulher ali estivesse, fugiu sem dizer palavra e deixou a princesa livre; preferiu voltar ao Inferno para dar conta de suas ações a submeter-se outra vez ao jugo matrimonial, agüentando tantos fastios, despeitos e perigos. Assim Belfagor, de volta ao Inferno, atestou os males que a esposa traz consigo a uma casa e desse dia em diante os casados têm suas penas diminuídas no Inferno.

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias

Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, ele o substituirá. Quem possuir um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e solidamente encadernado Cr\$ 160,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SÃO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

VALEMIN



— ADULTO —

Um fortificante
de

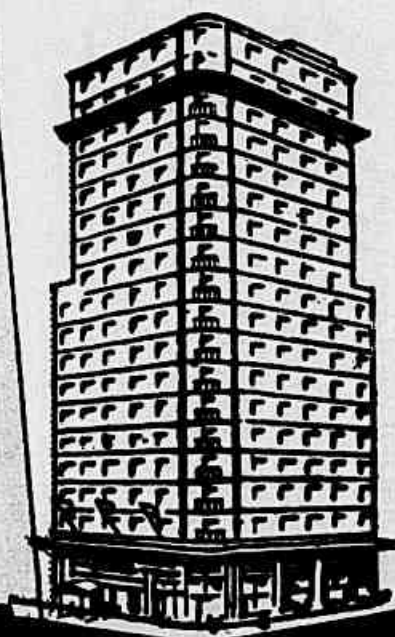
— INFANTIL —

comprovada
eficiência

Inst. Biológico do Rio de Janeiro Ltda.
CAIXA POSTAL 1.202

HOTEL COMODORO

Supremo na arte de hospedar



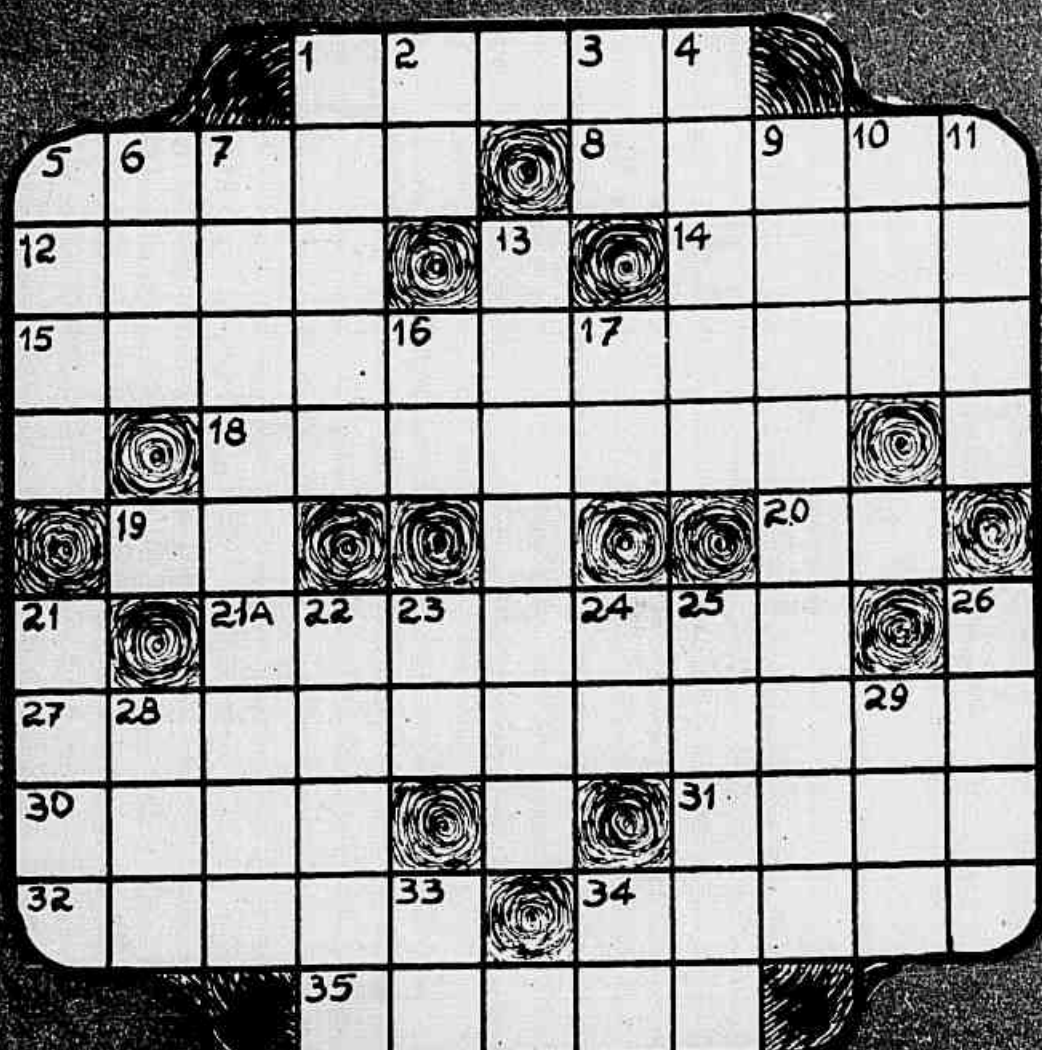
Enderêço permanente
dos mais ilustres
visitantes

Restaurante com ar
condicionado. Bar
com atrações todas
as noites. Jantar
dançante aos do-
mingos.

Serviço de restau-
rante dia e noite.

HOTEL COMODORO

AV. DUQUE DE CAXIAS, 525 — FONE 51-9181
SÃO PAULO



PROBLEMA Nº 21 — PARA VETERANOS

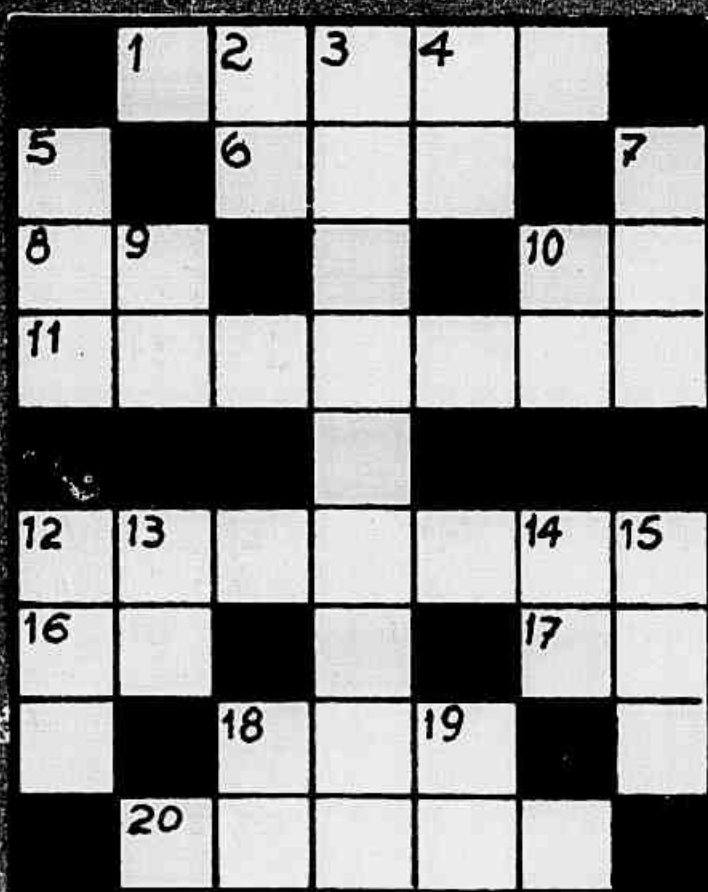
HORIZONTAIS: — 1. (Joannes Vicente), pintor, cognominado o «Rafael espanhol» — 5. Conversa destinada a embair o próximo — 8. Demonstram — 12. Ajustar — 14. Elemento grego que se exprime a idéia de trabalho — 15. Tristes — 18. Evitavas com destreza — 19. Aum — 20. Idioma africano — 21A. Pessoa meiga, dócil — 27. Formulário — 30. Espécie de enguia — 31. Paratis — 32. Pedra que entra sem argamassa na construção de uma parede — 34. Em que há geada — 35. Modas.

VERTICAIS: — 1. Relativo ao domínio espiritual — 2. Símbolo do metal cujo peso atômico é 26,97 — 3. Distinção — 4. Estima muito — 5. Glória — 6. Cabitú — 7. Diz-se de um ácido que se encontra em algumas espécies de uvas da Itália, Áustria e Hungria (pl.) — 9. Crítico — 10. Elemento grego que exprime a idéia de cabra — 11. Corça grande da América — 13. Tapado — 16. Fator de amplificação num tubo eletrônico — 17. Interjeição que exprime susto — 21. Adaga — 22. Soalheira — 23. Anel de ouro — 24. Egoísmo — 25. Índios que habitam as margens do Tapajós — 26. Repreensão — 28. Herdade delimitada por marcos — 29. Andavas — 33. Sufixo designativo de agente — 34. Símbolo do gálio.

PROBLEMA Nº 21 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Agradecido — 6. Pinha — 8. Preposição — 10. Pedra de moinho — 11. Guardar com segredo, com recato — 12. Que provoca o vômito — 16. Escarnece — 17. Aparência — 18. Vazio — 20. Coral azul.

VERTICAIS: — 2. Símbolo químico do rádio — 3. Relativo ao monte Atlas — 4. Basta! — 5. Criatura — 7. Sofrimento — 9. Variação pronominal — 10. Perversa — 12. Época — 13. Terceira nota musical — 14. Aqui — 15. Reza — 18. Flecha usada pelos antigos turcos — 19. Sufixo designativo de agente.



Otamer - Rio

ESPIONAGEM (Continuação)

Mesmo assim, minha experiência com a inflexível e desapiedada polícia secreta soviética me fazia temer as represálias da polícia americana. Certa feita estive a ponto de entregar-me, porém em todas as vezes me faltou coragem para me livrar definitivamente do comunismo.

Constantemente sentia que estava perdendo o controle de mim mesmo. E tratava de decidir qual o destino que deveria tomar, então sofria uma tremenda tensão nervosa e uma profunda depressão. Finalmente, no momento crítico, recorri aos meus amigos soviéticos. Abri meu coração em cartas, pedindo que me ajudassem a sair do país. Prometi executar tarefas difíceis no futuro, mas mesmo assim nunca tive resposta.

Os meses passavam, e com eles aumentavam meus pressentimentos de tragédia. Em 15 de agosto de 1956 escrevi uma última e desesperada carta, que foi interceptada pelo FBI.

“Não posso descrever-lhes a coisa difícil que é a situação para mim e minha esposa, e também para meu filho. Demais, minha mulher está com toda a família na Rússia e não tem recebido notícias dela.

“Myra chora amargamente pelas noites e tem freqüentes colapsos. Eu não posso compreender como nossos camaradas puderam esquecer-nos depois de termos trabalhado juntos tantos anos. Por favor, queridos camaradas, peço-lhes utilizar os métodos mais rápidos para encontrar uma solução imediata para esta dolorosa questão, que poderá ter as mais terríveis repercussões, sem falar na possibilidade de uma catástrofe, proporcionada pelas autoridades norte-americanas.

Pedi, ainda, que me permitissem viajar para o México com minha mulher e meu filho, para logo depois regressar à Rússia e concluí minha carta assim:

“Lembrem-se, por favor, meus queridos camaradas, que se trata de minha própria vida; a mesma que dediquei inteiramente ao trabalho pelo Partido. Por favor estudem o assunto com a máxima urgência”.

Sabia que não receberia resposta. A medida que os dias e os meses passavam, eu bebia cada vez mais, tentando esquecer a terrível realidade.

Olhei para minha mulher Myra e perguntei a mim mesmo como era possível que ela pudesse conciliar o sono. Era uma noite muito fria, mas meu travesseiro estava molhado de suor. Outras noites assim aconteceram.

Estava acordado quando souu a campainha. Era 6 e meia da manhã. Ao ouvir a chamada pensei que o meu momento havia chegado e senti um grande repouso. Sete agentes do FBI estavam à porta. Um deles me disse:

“Jack Soble, você está preso”.

Meu grande pesadelo terminara.



Harry Stone andou procurando um romance (publicitário) para Rock Hudson. Encontrou Ilka Soares.



Linda Christian, sobre o desmentido de sua família ao casamento com Baby: "Eles não sabem de nada".

DOIS AMERICANOS NA CÔRTE DO REI MOMO



Marylin Maxwell não tem nada da Monroe. Rock, a taradinho, foi perseguido pelas mocinhas, que vinham a tôda hora fazer cafuné
Os homens pensam que o Carnaval é dêles, mas as mulheres é que gastam mais energia no meio do salão. De mãos para cima



Os sucessos do baile das máscaras foram Rock Hudson e os beijos de Linda Christian

NO FALECIDO Baile das Máscaras do Copa, ressuscitado no Glória, dois americanos fizeram o sucesso da festa. Ele: Rock Hudson (vide capa). Ela: Linda Christian.

Ele, com o cabelo a taradinho ("por causa do calor brasileiro"), foi o sucesso das moças.

Ela, com uma havaiana de duas peças, foi o sucesso dos moços (e dos velhos).

Rock fez um (bom) par com Ilka Soares, que estava (linda) numa baiãna de duas peças.

Linda (bastante bonita mesmo) fez par com o seu amor brasileiro, Baby Pignatary (que também estava de havaiana).

Rock beijou Ilka Soares uma vez, no rosto, quando ela quase caiu no chão, depois de escorregar.

Baby beijou Linda Christian várias vezes, na boca, sem escorregão mesmo.

Rock, pouco depois de começado o baile, tirou a gravata borboleta (que uma moça, de pirata, levou). Quinze minutos depois tirou o paletó do "smoking" e mostrou que é forte mesmo e usa suspensório em lugar de cinto.

Retificamos: onde dissemos que o sr. Baby Pignatary estava também de havaiana devemos dizer que estava de chefe havaiano, fantasia que — segundo nos informaram — tinha um defeito: espetava.

Rock foi assaltado várias vezes por moças que exigiram um beijinho.

Linda jogou beijos de longe, de cima de uma cadeira.

Numa rápida enquete, ouvindo 50 moças e 50 rapazes, Ilka Soares ganhou (longe) de Linda Christian e Rock Hudson ganhou (com boa margem) de Baby.

Rock, sobre o Carnaval: "Wonderfull". Sobre o baile do Glória: "Wonderfull".

Linda, sobre o Carnaval: "Wonderfull". Sobre o baile do Glória: "Wonderfull".

Rock fala de português uma palavra: "Obrigado".

Linda (segundo ela mesma) "fala pouca".

O baile: bom.

no meninão...

elas se entregam à folia e ficam pulando, assistidas pelos marmanjos...

né

na





Baby e Linda dizem que a viagem "de experiência de uma vida em comum" está dando bom resultado.



E que resolveram terminar a volta ao mundo...



... antes de separarem-se para (com a cabeça fria) pensar se casam ou não casam.



Quase não foi notada a proibição do lança-perfume e do biquíni.

As fantasias foram poucasíssimas.

E os brotos, jogando contra as coroas, ganharam por larga margem de (como diremos) pontos.





Com uma perna só, o passista dançou o frevo tão bem ou melhor do que os que tinham duas pernas: Pás Douradas.

O PASSO NA AVENIDA

COM O "REI DO PASSO" à frente dos Lenhadores e um passista de uma perna só (e uma muleta) à frente dos Pás Douradas, o frevo abriu os desfiles do Carnaval na Avenida Rio Branco e ganhou aplausos de dezenas de milhares de pessoas, principalmente pernambucanos ("Recife está perto de mim") e aparentados. E enquanto passava, em todo o percurso do desfile — inclusive no palanque das autoridades e na arquibancada dos turistas — ninguém deixou de mexer-se para acompanhar, por mais discretamente que fôsse, o ritmo contagiante.

De fraque e cartola, o "Rei do Passo" manteve a tradição de muitos anos — e o título: Lenhadores.





Pierrôs nos Lenhadores. Não levavam sombrinha, mas não perderam o ritmo: está no sangue (pernambucano).

Meninos e meninas no passo. O juiz de Menores tirou alguns. Muitos ficaram.



NO DESFILE da "Carina" a senhora Homero Sousa e Silva dava a impressão de estar esperando bebê. Puro engano: tratava-se simplesmente de um vestido saco...

O BAILE dos artistas, no Hotel Glória, foi notável em revelações: o marquês de Segur estava engraçadinho. Fantasiado de marquês de Segur, todo mundo achava graça em sua fantasia...

JORGINHO GUINLE dava pena; fantasiado de Flamengo, parecia um menino de quinze anos...

A "MODELO" Ilka Soares, parecendo uma componente do grupo de Sérgio Petzzone, teve um entrevero com uma jovem e os puxões de cabelos entraram em cena...

A SRTA. Rosinha Serzedelo Machado enumerou em suas crônicas, no "Correio da Manhã", os romances dos cronistas da cidade. Todavia, creio que Rosinha esqueceu de mencionar o seu com certo e conhecido jornalista carioca...

COM MUITA animação aconteceu o coquetel que o embaixador americano e sra. Briggs ofereceram aos artistas americanos que nos visitaram. Também Jorge Guinle recepcionou a comitiva de Hollywood com um "party" em sua residência. Apenas um detalhe: o anfitrião Guinle não recebeu à altura da tradição dos Guinle... Havia muita mistura.

NÃO SEI em que jornal li esta nota, mas achei ótima e mandei minha secretária incluir na minha crônica: — Diante da escassez de assuntos de verão, os colunistas sociais resolvem inventar personagens. A mania agora é criar Dons Juans, como Batista Amaral e, ultimamente, Gilberto Solanez. O mais curioso é que as próprias "vítimas" acabam acreditando na história e as moças influenciadas pela publicidade acabam se apaixonando por essas figuras de ficção... As reticências são por minha conta...

NÃO SEI a razão pela qual o noivado tão anunciado do sr. Zezinho Gueiros com a srta. Irene Von Delinghausen durou apenas um dia...

INFELIZMENTE consumou-se a separação do casal Nelson e Cristian Caldeira. Ela se tornou famosa pela sua elegância e também porque respondeu sobre Proust no programa "O Céu é o Limite", na capital paulista. Ele se celebrizou pela sua fortuna e pela sua avareza...

A MULHER mais elegante dos últimos tempos tem sido a bonita Lourdes Catão. Ultimamente ela tem usado roupas "jeune-fille". Fica uma uvinha...

APARECEU UMA onda de falsos "play-boys" na capital paulista e no Rio. Mas, com exceção de Jorge Guinle, o resto

não passa de autênticos falsos "play-boys"... Um menino que poderia ser "play-boy" é o sr. André Jordan, mas o jovem Jordan trabalha no duro.

APESAR DOS prognósticos feitos na ocasião de seu casamento, Marta Rocha e Álvaro Piano continuam felizes, com os dois herdeiros, vivendo em Buenos Aires — longe das más línguas...

A SENHORA Irene Arbib, ex-Guinle, voltou novamente à evidência: desta vez nos jornais europeus, como uma das companhias do príncipe Orsini, de Roma, que esteve envolvido em um caso recente, na capital paulista, com a atriz Belinda Lee.

MUITO ANIMADO aconteceu o "Baile da Espora", na Sociedade Hípica. Não



SRA. CRISTIANE CALDEIRA
Elegância, cultura & desquite.

houve briga porque desta vez foi selecionado.

AS SRTAS. Vera e Heloísa Dolabela, Ilde Garavaglia e Marina Mesquita continuam em disponibilidade, isto é, sem namorados...

AS "RETRETAS" do Bar do Country Club continuam na mesma...

O SR. Horácio de Carvalho Júnior continua articulando sua candidatura a senador no próximo pleito do Estado do Rio nas boites cariocas...

COMENTA-SE NO Monte Líbano que o sr. Jorge Chamma, presidente do clube,



SRA. NICOLE HIME
Bodas de ouro de um romance.

Lady Maxwell informa



somente aparece lá nos dias de fotografias...

VOCÊS JÁ repararam como o embaixador Carlos Martins Pereira e Sousa é um dos homens mais elegantes da pelouse do Prado? Não sei a razão pela qual os cronistas não o incluíram ainda na lista anual dos dez mais elegantes...

O MINISTRO José Maria Alkmim, depois que entrou para a lista dos mais elegantes, passou a polir as unhas duas vezes por semana, troca de roupa duas vezes por dia e aboliu as meias brancas...

A CRONISTA Helena Silveira voltou novamente a escrever crônicas sociais. Ela não resistiu...

ESTOU CONVENCIDA de que o "Tio Octavio" está ficando mesmo superado. Não sei as razões que determinaram a supressão do tradicional baile de sábado de carnaval, mas uma tradição não se pode quebrar assim...

NÃO FOI piada: o sr. Leon Eliachar recebeu para inaugurar os melhoramentos em seu novo apartamento de sala, quarto e kitinet. Trata-se de um candidato a cronista social.

EM S. PAULO também existem os inimigos íntimos: para começar citarei as senhoras Dana Mendonça e Tânia Kovarik que, apesar de viverem aos beijinhos, disputam um lugar na liderança do "Café-Society" paulista...

TAMÉM SÃO inimigos íntimos os cronistas Caio Furtado (Biba) e José Tavares de Miranda...

NO SETOR da nova geração poderemos apontar como autênticas inimigas íntimas as sras. Turquinha Muniz e Helena Matarazzo, em plena guerra dos tecidos: Bangu versus Matarazzo-Boussac.

A FESTA carnavalesca promovida pelo popular Bororó foi financiada por um grupo de respeitáveis senhores da nossa sociedade...

A SENHORA Nicole Hime e o sr. Roberto Seabra muito em breve festejarão bodas de ouro de romance... Segundo meus horóscopos, o casamento de ambos se dará em 1997...

NO PRÓXIMO dia 19 a princesa dona Fátima de Orleans e Bragança estará aniversariando. Certamente será muito festejada. A princesa dona Fátima é uma das respeitáveis senhoras que sabe freqüentar sociedade com classe e grande categoria. Coisa que não acontece com muitas amiguinhas que conhecemos, principalmente aquelas que sonham em fazer parte do primeiro time da nossa sociedade...

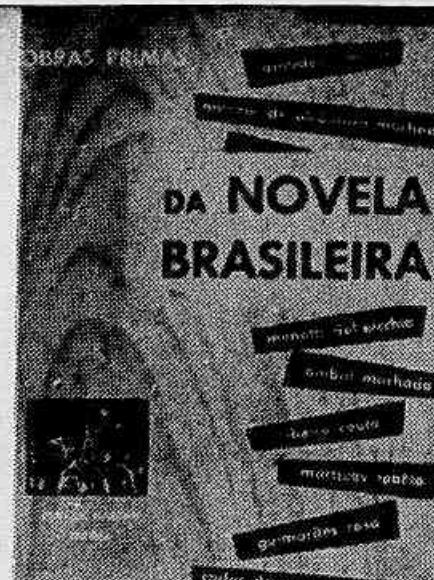
CERTOS JORNAIS ainda não compreenderam que a crônica social é uma de suas sessões mais importantes, e ainda mantêm cronistas que podem ter sido bons na "belle époque", mas hoje estão completamente "demodés". É o caso de um prestigioso matutino cujo cronista social utiliza sua coluna para citar personagens que a sociedade nem conhece, para publicar fotografias de septuagenárias brigadas com a beleza e para "cavar" a Ordem de Malta...

NA PRÓXIMA contarei o Carnaval para vocês...



ALVARO PIANO & MARTINHA — Felizes longe das más línguas.

AS NOVELAS BRASILEIRAS E O CONDE LEON TOLSTOI



LIVROS

"Guerra e Paz", de Leon Tolstói (Editôra Itatiaia Limitada — Belo Horizonte, 1957. Tradução de Oscar Mendes. Ilustrações de S. Shmarinov. Introdução de Oscar Mendes. Capa de Miguel Conde. 4 vols.

"Obras Primas da Novela Brasileira" (Livraria Martins Editôra — São Paulo, 1957. Seleção, Introdução e Notas de Raimundo Menezes e Fernando de Barros Martins. Capa de Darcy Penteado. 396 págs.).

OS ORGANIZADORES da presente antologia buscam explicar, na Introdução, as sutis diferenciações existentes entre os gêneros "conto" e "novela". Não o conseguem; e terminam por deixar a critério do leitor o penoso problema, naturalmente porque "óbvio se torna o descabimento, numa simples introdução de antologia, de se tentar equacionar o caso em termos definitivos; isso demandaria pelo menos uma alentada obra, talvez tão volumosa quanto esta" (Introdução, 1).

Quanto aos novelistas selecionados, são dez: Machado de Assis ("Questão de Vaidade", das "Histórias Românticas"), Coelho Neto ("Os Velhos", de "Sertão"), Amadeu Amaral ("A Pulseira de Ferro", de "A Novela Nacional"), Menotti del Picchia ("A Outra Perna do Saci", de "Contos e Novelas"), Aníbal Machado ("Tati, a Garôta", de "Vila Feliz"), Ribeiro Couto ("Isaura", de "Clube das Espôsas Enganadas"), Antônio de Alcântara Machado ("As Cinco Panelas de Ouro", de "Mana Maria"), Carlos Drummond de Andrade ("O Gerente", de "Contos de Aprendiz"), Marques Rebêlo ("Vejo a lua no céu", de "Oscarina"), e afinal Guimarães Rosa ("A Hora e Vez de Augusto Matraga", de "Sagarana").

Dirão talvez que algumas dessas novelas não são novelas, porém contos; ou que falta, na coletânea, o nome desse ou daquele escritor; o certo é que as dez peças que compõem o presente livro mereceram, sem dúvida, figurar nele. Sobre tudo louve-se, nos selecionadores, a preocupação em apresentar peças menos conhecidas de autores fartamente conhecidos, como a "Questão de Vaidade", de Machado de Assis, ou "Tati, a Garôta", de Aníbal Machado, ao invés das infalíveis "Missa do Galo" (esse, aliás, um legítimo conto) e "Morte da Porta-Estandarte".

Menção especial merece o aspecto gráfico do livro, verdadeiramente satisfatório.

UM DOS CUMES do romance universal em todas as épocas, a obra-prima de Tolstói acaba de merecer uma edição brasileira, cuidadosamente traduzida por Oscar Mendes. Mas, perguntamos: traduzida do russo, como já deve ser tentado no Brasil? Ou do francês, tal como fez Rachel de Queiroz — para só citar esse exemplo — com os romances de Dostoiévski há tempos lançados pela José Olímpio? Infelizmente, a pergunta não pode ser respondida com elementos fornecidos pela própria edição em análise.

A "Introdução" é de autoria do próprio tradutor, e poderia ter sido algo mais amplificada; de qualquer modo, é uma boa página do lúcido crítico mineiro, que assim a termina: "Podemos achar inúteis as dissertações sobre estratégia do ex-militar Tolstói; podemos espantar-nos com a fragilidade de suas teorias filosóficas ou da ingenuidade de certas reformas sociais que propõe; podemos esquecer quem foi o personagem histórico Speranski e até mesmo o generalíssimo Kutuzov que ele, em vão e quase ridiculamente, num ódio vesânico, quis tornar maior que Napoleão; mas como esque-

cer certas cenas de amor e morte, certos momentos de agonia e desespero, criaturas como o pobre Karataiev, como o príncipe André, como Pedro Bezukhov, ou a princesa Maria Bolkonski e aquela Natacha que a gente acaba amando como a amaram Boris, Denissoff, André, Anatólio Kuraguin e Pedro Bezukhov? É que Tolstói lhes insuflou a vivência imortal com que o artista cria para todo o sempre um momento de emoção e beleza".

Naturalmente que essa edição poderia ser mais perfeita: julgamos francamente difícil entender certas passagens sem que os mapas onde se desenrolam nos sejam apresentados (na tradução para o inglês efetuada para a "Encyclopaedia Britannica Inc.", por Louise e Aylmer Maude, em 1952, aparecem os mapas das batalhas de Austerlitz, Borodino e Moscou, o da guerra de 1805 e o do avanço e posterior recuo de Napoleão em 1812); por outro lado, é preciso facilitar ao leitor a compreensão dos liames existentes entre todo aquele mar de personagens do grande romance de Tolstói, que se divide em quinze livros e dois epílogos, tudo num total de 375 capítulos: é preciso distribuir por entre os cinco principais grupos familiares que agem no romance — os Bezukhovs, os Rostovs, os Bolkonskis, os Kuragins e os Drubetskoys — todos esses caracteres, que atuam em aparente desordem, mas segundo um esquema que não pode ser mais minucioso nem mais exato. A "Ilíada" russa é de leitura difícil e de mais difícil entendimento ainda, e todas as facilidades devem ser concedidas a quem se dispõe a lê-la, mapas, cronologia, índice histórico (esse existente na edição em exame), tudo.

Ainda com referência à tradução, há um reparo a fazer: todos sabem como na Rússia de outrora o francês era a língua oficial, ou quase, da nobreza, das classes dominantes; em "Guerra e Paz", em diversos momentos certos personagens — como Anna Pavlovna, como o príncipe André — e mesmo o próprio romancista, utilizam o francês em suas intervenções: quando Tolstói, no capítulo 2 do livro 1 afirma da jovem princesinha Bolkonskaya que era a mulher mais sedutora de Petersburgo, é em francês que o diz: *la femme la plus séduisante de Pétersbourg*. Ora, Oscar Mendes tudo traduziu para o português, tirando, assim, muito do efeito que o próprio Tolstói desejou obter com o artifício.

Mas não reside na tradução o grande defeito da atual edição de "Guerra e Paz", e sim na ausência de índices, como já dissemos, que permitam ao leitor retornar a essa ou àquela passagem, identificar sem tardança um personagem ou uma situação.

Reconhecemos, todavia, a dificuldade da tarefa a que se entregou a Editôra Itatiaia, e sobretudo reconhecemos o grande mérito da presente edição, que custou uma pequena fortuna e cujas finalidades são apenas em parte comerciais. Infelizmente, é-nos impossível terminar esse breve registro sem fazer uma referência desabonadora às quatro capas executadas por Miguel Conde, num traço banal e segundo um espírito que está longe de ser o que merece livro de tão elevada categoria literária.



NAQUELE ANO o Carnaval esteve particularmente animado. Foi, talvez, uma despedida do "corso", o interminável e vagaroso desfile de automóveis, carros de cavalo, "charrettes" que se deslocavam da rua da Imperatriz até o palácio do governo. Esses veículos rodavam lentamente, no meio do povo, que cantava e dançava sem interrupção, numa festa de risos, e movimentos, e cores de caleidoscópio.

Tôda gente se divertia, menos os repórteres responsáveis pelo noticiário do Carnaval. Os jornais exigiam os mínimos detalhes da grande alucinação. Em primeiro lugar, a lista das pessoas e famílias que tomavam parte no "corso", confortavelmente, olhando à baixa, fazendo-se notadas: automóvel com a família do deputado Estácio Coimbra; carro tirado por dois cavalos tordilhos com a família Souza Leão; "charrette" conduzida pelo elegante sr. Pedro Paranhos... E, assim, continuamente, interminavelmente como as águas de um rio cujas nascentes borbulhavam sem cessar. Em segundo lugar, o resto.

No dia seguinte o secretário do jornal comparava as listas para ver quem "furara" ou fôra "furado". Os rapazes deslizavam no torvelinho humano, e além do "corso" fixavam outros aspectos de clubes e grupos que iam e vinham saudando-se nos encontros com os estandartes faiscantes: "Lenhadores", "Caninha Verde", "Apois Fun", "Vassourinhas" e tantos outros, vistosos e exuberantes no cetim das suas fantasias, com reminiscências do século XVIII, a calça curta, as meias até o joelho, as camisas de papo rendado. Encontravam-se, saudavam-se, e os pistons e tambores ecoavam longe as notas ardentes da marcha heróica:

Ai! abre alas...

Que eu quero passar!

As vêzes encontrávamos velhos conhecidos rodopiando no frevo, mas, sempre

no rastro do corso, os companheiros de faina. Era o Zé Irineu de Souza com os seus indefectíveis sapatos amarelos solados de borracha vermelha, roupa extravagantemente esportiva, a eterna pasta de afazeres desconhecidos debaixo do braço, a subir no estribo dos carros e a perguntar à dama mais galante:

— Faz favor, é para o "Jornal do Recife", quer dizer o nome?

Como uma sombra, alto, delgado, o fino bigode à Castro Alves e os cabelos, numa antecipação de anos, cortados à Tyrone Power, víamos Oscar Melo de "A Província", incansavelmente na sua espirituosa mania de saber tudo, ver tudo e noticiar coisas que ninguém via. Até o veterano Zé Luís, com o seu único dente no maxilar superior, aparecia na rua, terrivelmente saturado da grande bacanal, pois a sua especialidade era incêndio, e não essa "porcaria de mulatos bêbedos e brancos também"...

Mas êste sábado de carnaval começara a impressionar-me quando, por volta das três horas da tarde, vi descer de um bonde, na rua do Imperador, o jovem e brilhante articulista do "Jornal Pequeno", sr. Assis Chateaubriand. O condutor não chegara a ver o jornalista, e êste, tirando do bolso o níquel da passagem, colocara-o sobre o estribo e gritara:

— Olha a passagem aqui...

Fiquei comovido com aquê exemplo de honestidade e jurei ao próprio coração que nunca mais enganaria os pobres condutores, pulando dos bondes em movimento, para economizar duzentos réis da passagem.

Se êste episódio foi para mim realmente impressionante naquela tarde de Carnaval pernambucano, outro, já pela noite alta, me daria a medida exata das pro-

fundas dores morais em conflito com as solicitações do demônio humano.

Aos primeiros minutos da madrugada caía um chuvisco fino que os ventos desviados pela rua da Aurora empurravam em busca do mar. A rua Nova continuava cheia, mais alegre, mais animada, talvez, com o frevo solto, e as cabeças já quentes de cerveja, gengibirra e outros estimulantes mais fortes. A minha intenção era atravessar a rua, atingir a praça Joaquim Nabuco, e aí, diante da estátua, no restaurante "Porta Larga", — comer uma fritada de camarão, duas bananas assadas com açúcar e queijo por cima, e, em seguida, subir as quatro escadas de um edifício na Gamboa do Carmo, onde me esperava, num quarto meio nu, a minha rede bem armada.

Para tomar coragem e investir contra a torrente humana procurei calcular a sua densidade, olhando-a cuidadosamente. De súbito a minha atenção foi atraída por um grande guarda-chuva negro que oscilava suavemente nas ondas do bailado infernal. Fixei melhor o dono do guarda-chuva e reconheci-o imediatamente: era um amigo de minha família, até aparentado, "seu" Quincas Bezerra, que enviudara dez dias antes. Homem alto, muito magro, de faces cavadadas, olhos fundos e pele amarela de bilioso. Nunca se vira em todo o subúrbio da Várzea um viúvo mais triste, mais desolado, até mesmo mais tenebroso, como diria o autor das "Quimeras". Cobria-se de negro, não ria, e seus olhos pequenos, molhados no fundo das órbitas salientes, davam uma constante impressão de imensa tristeza interior.

Corri involuntariamente, numa curiosidade instintiva, para "seu" Quincas Bezerra. Alguma coisa acontecera. Ele não estaria ali para divertir-se, dançar, fazer uma farra metido naquela roupa negra, fúnebre, incompatível com a alegria de vozes e côres na rua delirante.

— "Seu" Quincas! "Seu" Quincas! Que é que há com o senhor?

Tomou um susto, sem dúvida. Olhou-me magoadamente, e explicou:

— Rafaelzinho, meu filho, o trem da Central se atrasou mais de três horas. Tenho de apanhar o bonde da Várzea e o caminho é êste. Por isso vou atravessando, e até com medo da chuva porque estou resfriado.

— Mas "seu" Quincas o senhor ia no passinho da marcha...

— E quem pode andar direito no meio dêsses loucos?

Exatamente, neste instante, um grupo de foliões nos cercou. Os malditos julgavam "seu" Quincas fantasiado de viúvo ou coisa pior. Gritavam, riam, batiam palmas. Até que uma jovem mulata, com o busto à Lollobrigida, pisou nos pés de "seu" Quincas e gritou-lhe na cara:

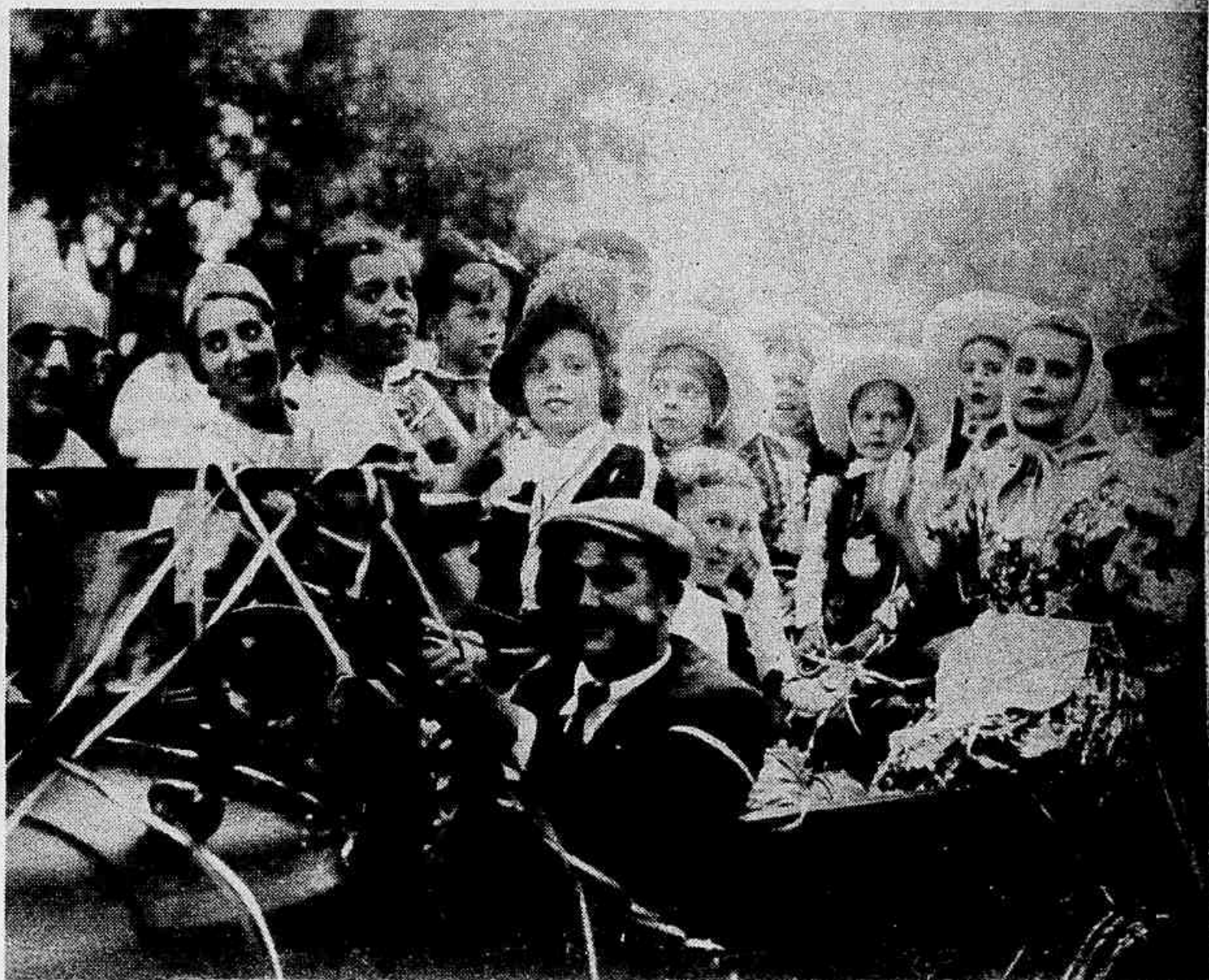
— Que é isso, cadáver? Está estranhando a gente? Venha p'ro céu.

Envolveram o viúvo, arastaram-no, levaram-no num verdadeiro redemoinho irresistível.

Já no outro lado da rua parei um pouco e olhei na direção em que fôra levado "seu" Quincas Bezerra.

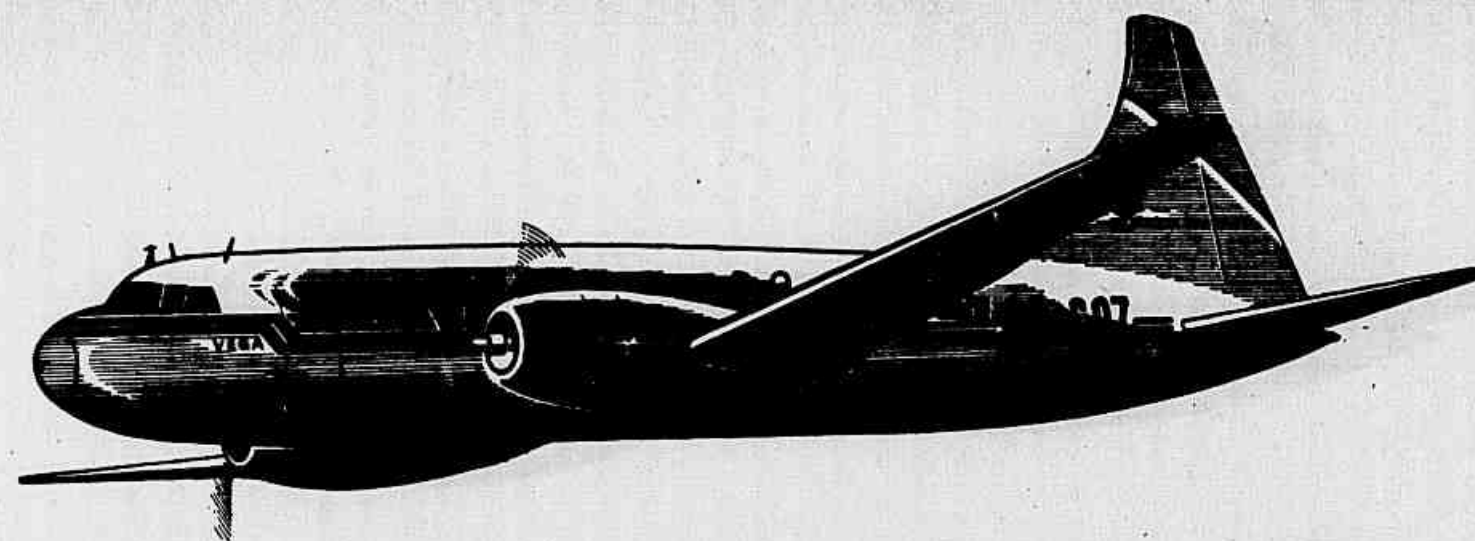
Era impossível vê-lo, certamente. Mas o seu guarda-chuva, ao alto, sobre as cabeças em volta, não oscilava mais no passinho de marcha... Ia maluco, girando rapidamente, subindo, baixando, na sofreguidão diabólica do frevo.

Quando, alguns meses depois, encontrei "seu" Quincas, numa reunião familiar, não tocamos absolutamente no assunto.



com alguns cruzeiros por mês
faça o seu cruzeiro aéreo inesquecível
pela Cruzeiro do Sul

voando pelo



'cruzeiro a prazo'



O sistema ideal de crédito que facilita a sua viagem de férias ou negócios. Realize o seu grande desejo, voando para o norte ou para o sul, para leste ou para oeste, pagando suavemente, em prestações mensais pelo plano "CRUZEIRO A PRAZO".

Venha fazer conosco "um roteiro feliz de boas viagens", escolhendo os vôos e as

idades de s/ preferência e os nossos aviões, modernos e confortáveis tornarão realidade inesquecível o seu sonho de ontem.

Faça a viagem mais feliz da sua vida, escolhendo o conforto, a rapidez, a cortezia e a pontualidade como seus companheiros de boa viagem. Prefira os



nossos aviões como cicerones perfeitos da sua excursão de férias ou turismo e de prazer nos seus negócios.

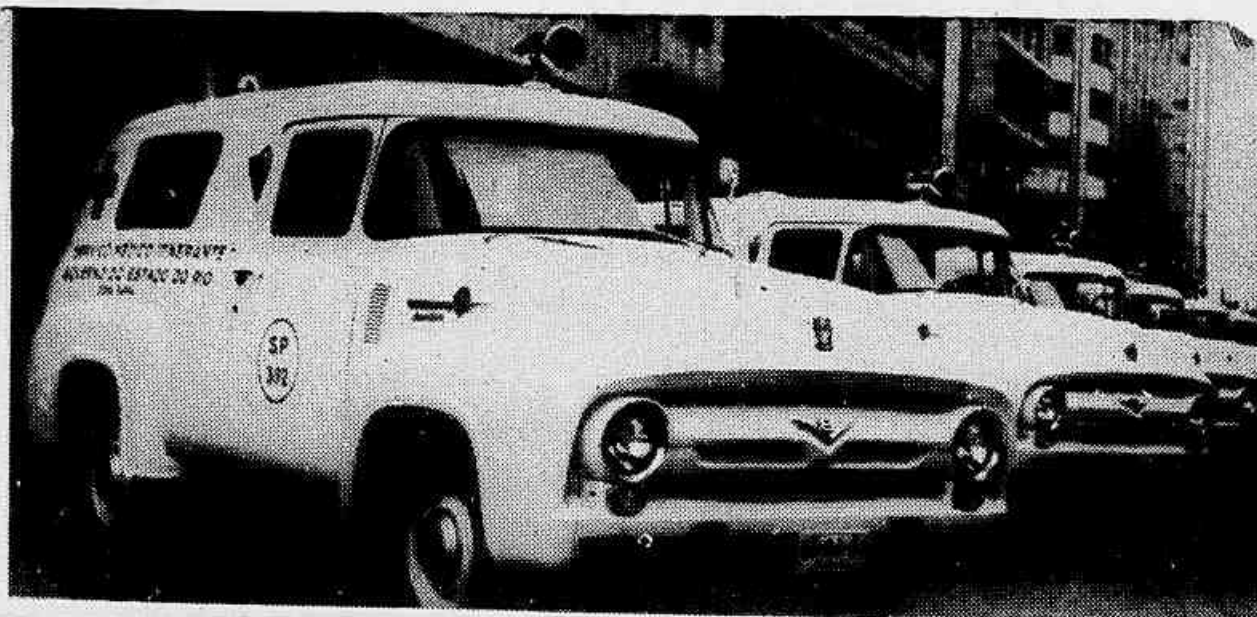
Utilize o "CRUZEIRO A PRAZO" o sistema de "crédito confortável e amigo" que o ajudará a viajar muito, pagando aos poucos.



SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL

Av. Rio Branco, 128 - Tel.: 42 6060 — Av. Nilo Peçanha, 26-A - Tels.: 32-7000 e 42-6060 - R. 206

SÔBRE RODAS NO INTERIOR FLUMINENSE —
es itinerantes criadas pelo governador Miguel Couto
n por pequenos hospitais móveis, são rigorosamente
às regiões marginais, precisamente àqueles núcleos
ais que não podem ser atendidos pelos postos de
s que o Estado do Rio mantém através de grande
eu território.



TRÊS ANOS DE GOVÊRNO REALIZADOR

DO RIO DE JANEIRO comemorou recentemente a passa-
universário da operosa administração do sr. Miguel Couto
ntando na oportunidade, condensadas em números certos,
ealizações do triênio nos setores: rodoviário, abastecimento
ia elétrica e instrução e saúde, conforme se poderá veri-
tura desta reportagem.

O COM ABASTECIMENTO D'ÁGUA

ar, recentemente, o serviço de abastecimento d'água da
tropolitana de Corrêas, o presidente da Comissão de Águas
g. Léo Ferraz Alves, fez um retrospecto do que se con-
triênio, apontando 25 obras, a saber: Macaé, Rio Bonito,
Araruama, Sapucaia, Pati de Alfere, Avelar, Lídice, Duas
João da Barra, Bom Jardim, Monte Verde, Varre-Sai, Wern-
na, Cantagalo, Lumiar, Areal, Valão do Barro, Maricá, Turfe-
os), Ipuca, Parati e adutora do Bacaxá, em convênio com
Nacional de Alcalis, além da que então se inaugurava —

— informou então o presidente da C.A.E. — custaram
importância de 250 milhões aproximadamente, que, somadas
das parcelas relativas ao financiamento da obra de Ni-
o total de 350 milhões, aplicados na higiene e bem-estar
fluminense.

clusão das obras de Duque de Caxias, Teresópolis, Miguel
Maria Madalena e outras, previstas para o corrente ano,
no Miguel Couto Filho gasto em benefício da saúde e
povo do Estado do Rio a importância aproximada de meio
zeiros.

KMS DE ESTRADAS PAVIMENTADAS POR ANO

te o alto custo da pavimentação, a atual administração
intensificou as obras, tratando de dotar de capa asfáltica
uja intensidade de tráfego justificassem o investimento.

no triênio da gestão Miguel Couto Filho completado a
241 quilômetros de estradas foram pavimentados, con-
siva para o barateamento do custo do produto agrícola,
ais depressa e mais economicamente aos mercados. Re-
a do programa de pavimentação, num ritmo superior a
s anuais, a economia de divisas, face à vida mais longa
o menor consumo de combustível, lubrificantes, pneus e
lentes.

a rodovia Niterói-Campos, 34 na ligação Cachoeiras de
go, 9 kms — entre São Pedro d'Aldeia-Araí do Cabo,
abral-Paracambi, 18 kms — na ligação Manilha-Magé, e
trada Itaboraí-Rio Bonito foram os trechos mais impor-
entados durante o triênio em que se executou quase o

dôbro que em tôdas as administrações anteriores, quando foram pavi-
mentados 142 kms. O total programado para execução até o fim da
atual gestão é de 413 kms, tendo sido já realizado, como dissemos
acima, 241 kms.

550 milhões de cruzeiros foram gastos até agora em pavimentação.
Investimento altamente reprodutivo face às perspectivas que a estrada
de primeira classe abriram para as regiões atravessadas.

O KILOWATT CHEGA A TODOS OS PONTOS DO TERRITÓRIO FLUMINENSE

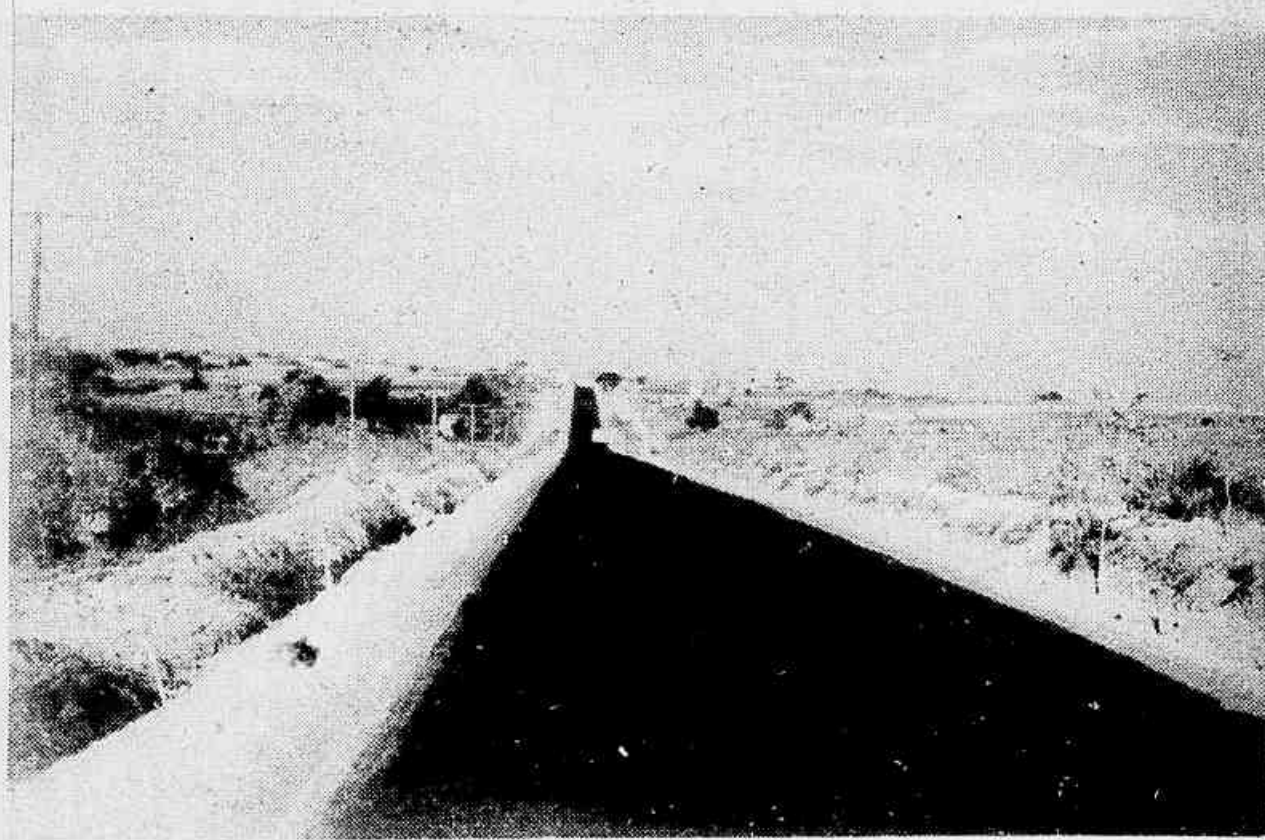
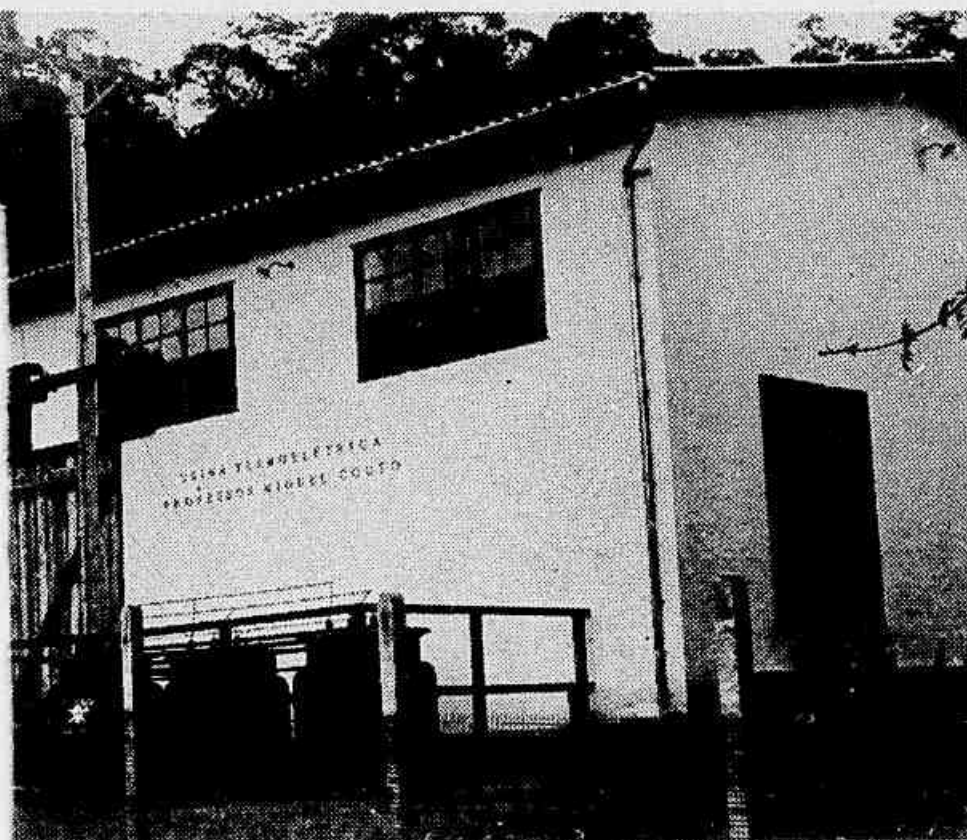
31 obras foram entregues ao povo fluminense no setor da energia
elétrica, durante os três anos do governo Miguel Couto Filho. Sem
outros comentários considerando que o simples relacionamento dará
ao leitor idéia bem viva da extensão e da relevância do que foi con-
cretizado através da Comissão Estadual de Energia Elétrica, que pro-
jetou e construiu as seguintes obras: usinas Termo-elétricas de Cabo
Frio, Araruama, Angra dos Reis, redes de transmissão das usinas de
Cabo Frio e Araruama, redes de distribuição de Cabo Frio, Araruama,
Angra dos Reis, São Pedro d'Aldeia, Visconde de Itaboraí, São Vi-
cente de Paula, linha de transmissão Araruama-Bacaxá, extensão
da rede em Gamboa, Montes Brancos e Itajuru, reforma da rede de
distribuição de Bacaxá e Saquarema, reforma da linha de transmissão
Rio Cidade-Agrilões, reforma da iluminação pública da rede de distri-
buição de Teresópolis, ampliação da subestação de Rio da Cidade e
da rede de distribuição de Agrilões, cabine de medição em Itaguaí,
extensão da rede em Visconde de Itaboraí, rede de transmissão Barra
de São Francisco, — Colônia Teixeira Brandão, rede de distribuição de
Barra de São Francisco, ampliação das usinas termo-elétricas de São
Pedro d'Aldeia e Teresópolis, elevação da Barragem da Usina Hidrelé-
trica Amaral Peixoto, rede de distribuição de Iguaçu Grande, usina
termo-elétrica de Iguaçu Grande e rede de distribuição de Maricá, que
foi a obra mais recentemente entregue.

MAIS 338 SALAS DE AULA

A rede de prédios escolares do Estado do Rio — que tem sido preo-
cupação de todos os governos fluminenses a partir da gestão Ari Par-
reiras — foi enriquecida de mais 338 salas de aula nos três anos da
administração Miguel Couto Filho. Cr\$ 147.585.453,60 foi o custo. Mais
103 salas de aula estão em andamento e deverão ficar concluídas dentro
da atual gestão. Orçadas em Cr\$ 80.654.045,30, o que eleva para Cr\$
228.239.498,90 o total empregado durante o quadriênio com a construção
de prédios escolares.

Obra realmente importante foi, destarte, a realizada nos três últimos
anos pela atual administração fluminense, empenhada a fundo na luta
silenciosa mais incessante pela feliz solução dos problemas do Estado
do Rio de Janeiro.

**DA COMISSÃO ESTADUAL de Energia Elétrica o govêrno Miguel Couto Filho executou importantes melhora-
ndo chegar o "kilowatt" a todos os pontos do território fluminense. Como se vê na foto à esquerda a Usina Termo-Elé-
resópolis foi consideravelmente ampliada. O problema rodoviário mereceu especial atenção do govêrno que, em três
entou 241 kms de estradas, quase o dôbro da quilometragem construída por tôdas as administrações anteriores.
direita, vê-se um lindo trecho da estrada Campos-Macaé.**





EXCLUSIVO

**Os discos voadores
também têm um
satélite
artificial da Terra**

raios de sol brincam na relva...

o céu parece mais azul...

há mais beleza em toda parte...

nós dois e

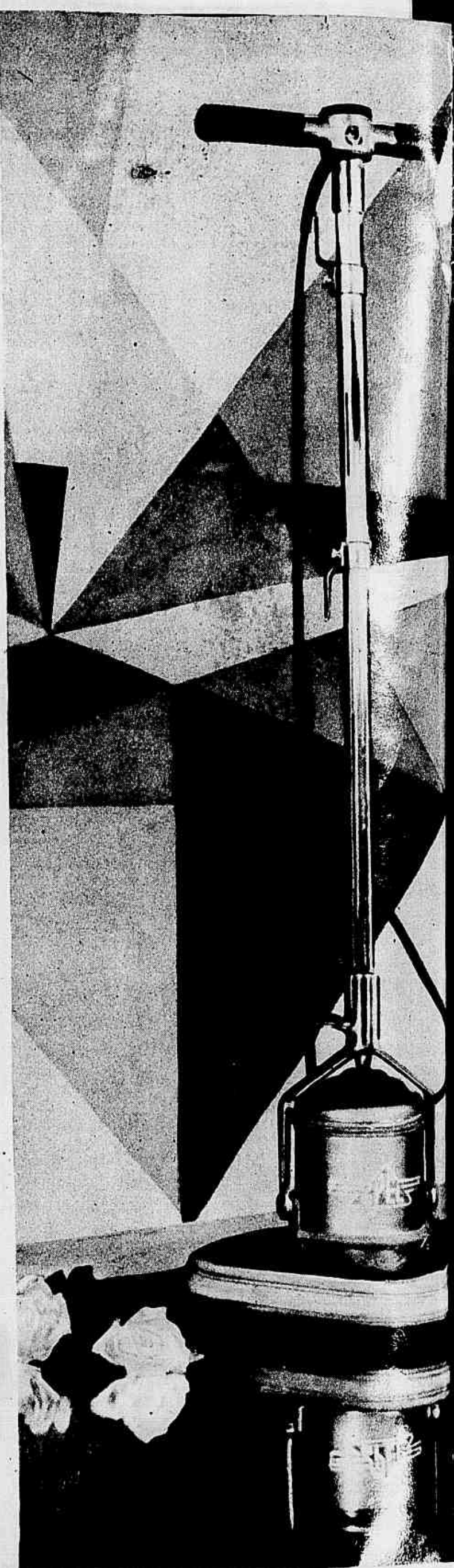


uma
tradição
de bom
gosto



SEMPRE BRILHANDO...

Quem adquire os produtos EPEL, está adquirindo a certeza de ser bem servido por muito tempo.



EPEL